

COLEÇÃO
SHERLOCK HOLMES
Série 2

AS NÓDOAS DE SANGUE

Sir Arthur Conan Doyle

1ª Edição

 EDITORA
RIDEEL



PREFÁCIO

Sir Arthur Conan Doyle nasceu em Edimburgo, a 22 de maio de 1859, de ascendência aristocrática anglo-irlandesa. Seus pais, com poucos recursos financeiros, tiveram de fazer consideráveis sacrifícios para oferecer-lhe o que, então, se considerava uma educação condigna. Assim, como fidalgo pobre, entre colegas privilegiados, Doyle estudou nas escolas qualificadas de Hodder e Stoneyhurst; depois em colégios de Jesuítas, tanto na França, como na Alemanha. Aos dezessete anos dominava o latim e o grego, falava fluentemente francês e alemão, além do inglês e irlandês, e adquirira uma formação metodológica que viria a ser-lhe útil como investigador e escritor.

O polivalente Doyle acabou se formando em Medicina, na Universidade de Edimburgo, após o que resolveu embarcar num veleiro, como cirurgião de bordo, para uma expedição predatória à baleia, no Mar Ártico. No final desta viagem, ele percorreu as costas da África, ocidental e oriental, como médico de um navio mercante.

Em 1885, casou-se com Jane Hawkins que, vítima de uma enfermidade crônica, ficou inválida durante muitos anos, até falecer em 1906. Foi no ano seguinte ao seu casamento que, sempre escrevendo para a Imprensa, Doyle criou a famosa figura de Sherlock Holmes.

Recordando-se do professor de Cirurgia, Dr. Joseph Bell, com o seu nariz aquilino que lhe dava uma expressão de ave de rapina, a sua inclinação frustrada para a música e os seus hábitos peculiares, Doyle moldou Sherlock Holmes à imagem daquele médico com quem estudou na “Enfermaria Real” de Edimburgo, anexa à Universidade.

O Dr. Bell, com base nas autópsias, contribuiu com algumas descobertas no campo da Medicina Legal, fundamentando-as na Anatomia, na Antropometria e até na nova teoria científica da Frenologia, correlacionando as deformações cranianas com a Psicopatologia; e soube encantar os discípulos com as suas faculdades de análise e dedução lógica.

Assim, à imitação do mestre, Doyle dedicou a atenção a alguns casos criminais, chegando, posteriormente, a ser convidado a participar de vários inquéritos policiais. Mas não foi só à influência do Dr. Bell — e sim a todo um conjunto de circunstâncias — que se deve o seu interesse pela criminologia. Em 1807, foi criada, na Universidade de Edimburgo, a cadeira de Jurisprudência Médica (Medicina Legal). O professor catedrático era *Sir* Henry Littlejohn, Cirurgião-Chefe da Polícia daquela cidade.

Embora Doyle tivesse se apaixonado pelos métodos dedutivos e confessasse ter se inspirado no Dr. Bell ao criar Sherlock Holmes, não foi com Bell, mas sim com *Sir* Henry Littlejohn que estudou investigação criminal e que, como seu assessor, teve vontade de ser “testemunha da Coroa” (Acusação) em casos de homicídio debatidos no tribunal. Enquanto o personagem de Sherlock Holmes, pelo seu temperamento idiossincrático, não podia ser considerado encantador; o Dr. Bell, pelo contrário, possuía um coração terno e um vivo senso de humor.

Contribuíram para a escolha do nome, Sherlock Holmes: um detetive particular chamado Wendell Scherer que ficou famoso em Londres, pois, em tribunal, se recusou a revelar o segredo de um cliente, alegando — tal como os médicos — o sigilo profissional. E Wendell Holmes, o autor cuja leitura Doyle preferia. Ora, o apelido Scherer assemelhava-se ao termo alemão Shearer, que significa “barbeiro”, assim como Sherlock na gíria inglesa. Assim, a personagem que Doyle criou à semelhança do Dr. Bell foi batizada com o nome de Sherlock Holmes.

Na realidade, Doyle fez de Sherlock Holmes uma espécie de cavaleiro andante na luta do Bem contra o Mal, embora profissionalmente o herói apenas procurasse a verdade, sobrepondo a análise científica a qualquer tipo de sentimentalismo.

Foi realmente pelo indiscutível mérito de Doyle que, em 1902, o governo britânico induziu a Coroa a homenageá-lo com um título de nobreza .

Outro fato significativo que altamente dignifica a obra de *Sir* Arthur Conan Doyle reside na adoção, por parte de todas as Polícias do mundo civilizado, dos métodos e investigação estruturados pelo genial personagem fictício Sherlock Holmes. Nas palavras do seu companheiro, Dr. Watson:

“(...) a dedução elevada à categoria de ciência exata”.

Publicando no *Strand Magazine* a sua primeira novela, *Um Estudo em Vermelho*, Doyle recebeu por ela apenas 25 libras, ou seja, quinhentas vezes menos do que hoje se paga por um exemplar dessa edição. O interesse manifestado pelo público inglês não parecia promissor. Mas, um editor americano encomendou-lhe outra obra que veio a se chamar *O Signo dos Quatro* e que, sendo publicada em 1890, obteve um êxito surpreendente.

No ano seguinte, o *Strand Magazine* propôs-lhe a edição de doze contos, e depois outros doze e, então, o sucesso de Sherlock Holmes não teve limites, verificando-se a constante procura por suas obras, não só seqüentes, mas também anteriores, mesmo após a morte do autor, na sua casa de Sussex, a 7 de julho de 1920, com 71 anos de idade.

Mais tarde fundaram-se sociedades e clubes em várias cidades da Europa e da América, e muitos outros escritores têm feito análise “biográfica” sobre esse investigador da Baker Street, como se este tivesse realmente existido. Atualmente, nos Estados Unidos, o preço de cada exemplar das primeiras edições de Sherlock Holmes chega a atingir, conforme a sua raridade, 7500 dólares.

Assim, a Editora Rideel lança agora a “Coleção Sherlock Holmes”.

SUMÁRIO

As nódoas de sangue.....	7
Assassinato no nevoeiro.....	30
Os planos do submarino	56
O pequeno Lorde.....	86
A mulher velada.....	110
O pé do diabo	122
O crime da abadia	146

AS NÓDOAS DE SANGUE

Era minha intenção encerrar a narração das aventuras do meu amigo Sherlock Holmes, com a investigação de “O Crime da Abadia”. Esta resolução não resultou de carência de material, pois tenho apontamentos sobre centenas de casos a que nunca aludi, nem tampouco devido ao desinteresse, por parte dos leitores, a respeito da singular personalidade e dos extraordinários métodos do internacionalmente famoso detetive.

O verdadeiro motivo daquela intenção residia na própria relutância de Holmes, manifestada contra a minha publicação das suas experiências.

Enquanto se encontrava no exercício da profissão, a narrativa dos seus êxitos sempre lhe era de alguma valia; contudo, desde que se retirou para uma fazenda de criação de abelhas, no Sussex Downs, ganhou aversão à notoriedade e recomendou-me, seriamente, que obedecesse aos seus desejos.

Só quando argumentei que, já anteriormente, prometera ao público relatar a investigação de “As Nódoas de Sangue”, num momento propício, insistindo em que a série das suas aventuras deveria culminar com a mais interessante e de importância internacional, é que ele me deu o seu consentimento. Se, no decurso desta história, me mostrar um tanto ou quanto vago no que diz respeito a certos pormenores, o leitor logo reconhecerá que existem excelentes razões para essa reserva.

Numa manhã de terça-feira de um outono cuja data não precisarei, recebemos na nossa humilde sala da Baker Street, dois visitantes conhecidos em toda a Europa. Um deles, de aspecto dominador, com olhos de águia, não era outro senão o ilustre Lorde Bellinger que, por duas vezes, fora primeiro-ministro da Grã-Bretanha; o outro, moreno, elegante, que ainda não atingira a meia-idade, ostentando uma singular beleza de corpo e espírito, era o ilustre par do Reino, Lorde Trelawney Hope, secretário de Estado, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, e o mais promissor estadista desse período.

Tinham-se ambos sentado no nosso divã e, pelas suas expressões ansiosas, facilmente se depreendia ser bastante grave o assunto que ali os trazia.

As mãos do primeiro-ministro, finas e de veias azuladas, comprimiam o castão de marfim do guarda-chuva, enquanto o seu olhar, num rosto de asceta, passava de Holmes para mim. O outro nervosamente mexia no bigode e na corrente do relógio.

— Quando, hoje, às oito da manhã — expôs Lorde Hope —, descobri o desaparecimento, contatei imediatamente o primeiro-ministro, aqui presente. Foi por sugestão dele, Sr. Holmes, que ambos viemos procurá-lo.

— Já informaram a polícia?

— Não — respondeu o ministro, com o modo enérgico e incisivo que todos lhe conheciam. — Não nos é possível requerer a intervenção da polícia. Isso corresponderia a uma informação pública que é precisamente o que, a todo o custo, queremos evitar.

— Por que, senhor ministro?

— Porque o documento desaparecido é de tal importância que a divulgação do incidente poderia, com acentuadas probabilidades, conduzir a graves perturbações internacionais. Não exagero se acrescentar que desse documento pode depender a paz ou a guerra. A menos que se consiga recuperá-lo no maior sigilo, de nada nos serve saber quem dele se apoderou, visto que a intenção dessa pessoa é torná-lo publicamente conhecido.

— Compreendo. Agora, Lorde Hope, preciso que me conte, pormenorizadamente, em que condições o documento desapareceu.

— Vou expor-lhe em poucas palavras, Sr. Holmes. A carta... pois trata-se de uma carta de um potentado estrangeiro, chegou há seis dias.

Era tão importante que não ousei deixá-la no cofre, levando-a todas as noites comigo, do Withehall Terrace para minha casa, onde a guardava no meu quarto, numa pasta de cabedal, fechada à chave. Tenho a certeza de que, na noite passada, ainda lá se encontrava. Antes de vestir-me para jantar, abri-a e vi o documento, mas hoje de manhã desaparecera.

— Onde guardava a pasta?

— Durante a noite deixei-a sempre sobre a mesinha de cabeceira, mesmo à mão. Tanto minha mulher como eu temos o sono leve. Ninguém entrou no quarto... mas o documento desapareceu.

— A que horas jantaram?
— Às sete e meia.
— A que horas foi deitar-se?
— Como minha mulher fora ao teatro, esperei por ela e deitamo-nos às onze e meia.

— Isso significa que, durante quatro horas, a pasta ficou desprotegida.
— Ninguém entra no quarto, a não ser a mulher da limpeza, pela manhã e, durante o dia, o meu criado particular, ou a criada de minha mulher. Mas são de toda a confiança e já estão há vários anos ao nosso serviço.

— Quem mais sabia da existência dessa carta?
— Em minha casa?... Ninguém.
— Nem sua mulher?
— Tampouco! Nunca lhe falei no documento, até hoje de manhã, ao dar pela sua falta.

O ministro aprovou a declaração do secretário dos “Estrangeiros” e apreciou:

— Sei, há muito, como preza os seus deveres públicos, Hope... e não duvido que tenha colocado o sigilo do Estado acima dos laços familiares.

— Está fazendo-me justiça, senhor ministro, e agradeço-lhe.
— Não poderia sua mulher ter suspeitado da existência de um documento importante...? — sugeriu o meu amigo.

— Não, Sr. Holmes! — exclamou o secretário de Estado, prestes a indignar-se. — Nem ela, nem pessoa alguma lá de casa, poderiam sonhar com o que eu tinha guardado na pasta.

— Antes desta ocorrência, já lhe acontecera ter perdido algum documento?

— Nunca!
— Quem mais, no nosso país, sabia da existência dessa carta?
— Bem... Ontem, todos os membros do Gabinete foram informados do seu teor, mas como sabe, todas as reuniões do Gabinete são secretas e o primeiro-ministro teve o cuidado de recomendar a observação do máximo sigilo a seu respeito... E pensar que, dali a poucas horas, eu próprio iria perdê-la!

Com uma expressão de desespero, Lorde Trelawney Hope puxou pelos cabelos, o que nos indicou possuir um temperamento impulsivo e sensível. Mas logo deu lugar à máscara do aristocrata e prosseguiu, num tom de voz suave:

— Além dos membros do Governo, há dois funcionários que, pela natureza das suas funções, também sabiam da existência da carta... Mas ninguém mais, em toda a Inglaterra, Sr. Holmes. Posso assegurar.

— E no estrangeiro?

— Creio que ninguém, a não ser o homem que a redigiu... e estou convencido de que não se utilizou dos canais oficiais para enviá-la.

Por segundos, Holmes manteve-se pensativo. Depois, declarou:

Tenho de perguntar-vos, meus caros senhores, qual o teor desse documento e por que motivo o seu desaparecimento pode causar tão desastrosas consequências.

Os dois estadistas entreolharam-se e o primeiro-ministro franziu o sobrolho.

— Bem, Sr. Holmes... Trata-se de um envelope longo, fino, azul-claro. Está fechado com lacre vermelho e o sinete representa um leão deitado. A caligrafia é larga e aberta.

— Por mais interessantes que esses pormenores possam ser, a verdade é que preciso conhecer a raiz do fato. Qual o teor da carta?

— É um segredo de Estado, tão importante que não posso desvendá-lo... nem vejo necessidade disso. Se com os seus dons excepcionais, o senhor, Sr. Holmes, conseguir recuperar o envelope, merecerá a gratidão do país e a recompensa que estiver ao nosso alcance.

Sherlock Holmes ergueu-se com um sorriso e, embora delicadamente, proferiu com uma ponta de sarcasmo:

— Sei que os senhores são os dois homens mais ocupados da Nação, e, no âmbito da minha especialidade, também tenho muito que fazer. Lamento não poder ajudar-vos, de maneira que a continuação desta entrevista seria apenas uma perda de tempo.

O primeiro-ministro levantou-se, de salto, tendo nos olhos o brilho feroz que todos os membros do Gabinete tinham aprendido a temer.

— Não estou habituado... — começou.

Mas, dominando a cólera, tornou a sentar-se e, após uns momentos de silêncio, encolheu os ombros.

— Temos de aceitar as suas condições, Sr. Holmes. Não podemos esperar que comece a agir, sem ter a nossa absoluta confiança. Acho que tem razão. Apelo para a sua honra e para o seu patriotismo, assim como para os do seu colaborador, Doutor Watson. Nada poderia ser mais nocivo presentemente para o nosso país do que a revelação deste incidente.

— Pode ter absoluta confiança em nós.

— A carta foi-nos enviada por certo potentado que ficou irritado com uns recentes acontecimentos nas nossas colônias. Foi escrito às pressas e os nossos serviços secretos obtiveram provas de que os ministros desse soberano nada sabem a tal respeito. Contudo, algumas frases que contém são tão infelizes e provocativas que o nosso país poderia ver-se numa posição diplomática difícil... perigosa, mesmo... se aquelas fossem divulgadas.

— Perigo de que natureza?

— Não hesito em declarar que, uma semana após a sua divulgação, verificaria-se uma revolta e poderíamos nos ver envolvidos numa guerra.

Holmes escreveu um nome, num pedaço de papel, e mostrou-o ao primeiro-ministro.

— Exatamente. Foi esse soberano... e a carta que desapareceu pode representar a perda de milhares de vidas... e de milhões de libras.

— Informaram o autor da carta?

— Mandamos um telegrama cifrado.

— Estará ele interessado na divulgação da carta?

— Não, e temos motivos para supor que já compreendeu ter agido de maneira indiscreta e impensada. Se o teor da carta for conhecido, as perdas para o seu país ainda serão superiores às nossas.

— Nesse caso, quem poderia ter interesse em apoderar-se dela e publicá-la?

— Se considerar a atual situação política da Europa, Sr. Holmes, não terá dificuldade em verificar que as nações ocidentais se encontram em pé de guerra e que, presentemente, a Grã-Bretanha é o fiel da balança, na dupla aliança; há duas confederações em confronto e, se o nosso país deixasse de manter uma situação de neutralidade, o bloco de nações que apoiássemos ficaria numa posição de hegemonia. Compreende?

— Perfeitamente. Por conseguinte, os inimigos daquele potentado estão interessados em causar um rompimento de relações entre o seu Estado e o nosso, para alterarem o equilíbrio de forças internacionais.

— Exatamente.

— Se a carta caísse nas mãos de um desses inimigos, a quem iriam enviá-la?

— A qualquer das grandes chancelarias da Europa e, neste momento, talvez já esteja a caminho de uma delas.

Lorde Trelawney Hope deixou pender a cabeça sobre o peito, desesperado, e o primeiro-ministro, pondo-lhe a mão no ombro, consolou-o:

— Ninguém o censura, meu amigo, pois não se tratou de negligência de sua parte... Agora, Sr. Holmes, que está a par de todos os fatos, que nos aconselha?

— Estão certos, meus senhores, de que haverá guerra, se o documento não for recuperado?

— É mais do que provável!

— Nesse caso, preparem-se para a guerra.

— Isso é horrível, Sr. Holmes. Por que diz uma coisa dessas?

— Porque é inconcebível que a carta tenha sido roubada depois das onze e meia da noite, visto que Lorde Hope e a esposa estiveram no quarto desde essa hora até ao momento em que notaram a sua falta.

Isto significa que o roubo foi praticado ontem, entre as sete e meia e as onze e meia... provavelmente, mais perto das sete e meia, visto que quem a tirou sabia onde ela se encontrava e tinha interesse em levá-la, o mais depressa possível, para entregá-la aos interessados. Conseqüentemente, já não temos probabilidade de encontrá-la.

— Parece-me lógico — reconheceu o primeiro-ministro. — Estou profundamente desolado por já nada podermos fazer.

— Contudo — prosseguiu Holmes —, podemos analisar melhor os fatos circunstanciais. Suponhamos que a carta foi roubada pelo criado, ou pela mulher da limpeza...

— São velhos servidores, da maior confiança — apressou-se Hope a afirmar.

— Pelo que deduzi, o seu quarto fica no segundo piso; não tem como ser visto. Por conseguinte o ladrão só pode ter sido uma pessoa familiarizada com a casa. A quem poderia ter levado a carta? Certamente a um dos espões internacionais cujas identidades são mais ou menos

conhecidas dos nossos serviços secretos. Começarei a investigar os três mais eminentes que atuam no nosso país. Se algum deles tiver partido, ontem à noite para o estrangeiro, teremos um indício sobre o provável destino da carta. Esse será o primeiro passo... e talvez, o único viável.

O secretário de Estado estranhou:

— Por que parte do princípio que o espião saiu da Inglaterra? Bastaria a ele levar a carta a uma das embaixadas de Londres...

— É pouco provável que o tenha feito, porque esses agentes internacionais trabalham por conta própria e, geralmente, as suas relações com as embaixadas são muito tensas, por rivalidade com os respectivos serviços de informação oficiais.

O primeiro-ministro aprovou com um aceno de cabeça.

— Tem razão, Sr. Holmes. O espião teria preferência em levar, pessoalmente, essa valiosa prenda a uma entidade superior à da embaixada. É o que sempre acontece... Entretanto, Sr. Holmes, temos de regressar ao trabalho que os nossos cargos nos impõem. Devemos manter-nos em comunicação mútua, caso surja qualquer novidade.

Os dois visitantes ergueram-se, inclinaram-se numa saudação muda e saíram, com ar grave.

Depois de acender o cachimbo, Holmes permaneceu em silenciosa meditação. Eu abri o jornal e estava imerso na leitura de um crime sensacional que ocorrera na noite anterior, quando o meu amigo soltou uma exclamação e pousou o cachimbo sobre a lareira:

— A situação é difícil, mas não desesperada. Não sei qual deles roubou a carta, mas talvez ainda não tenha tido tempo de expedir-lá. Para esta gente, trata-se de uma questão de dinheiro... e não de ideal. Portanto, estando o dinheiro em jogo, tenho o “Banco da Inglaterra” do meu lado. Se a carta estiver à venda, poderei comprá-la, mesmo que isso venha a significar mais um centimo nos nossos futuros impostos.

É possível que o ladrão conserve a carta consigo, até ver qual será a oferta do nosso Governo, antes de pô-la à venda no estrangeiro. Ora, há três homens, apenas, capazes de um jogo tão ousado: Oberstein, La Rothière e Edward Lucas. Irei vê-los, amanhã.

— Esse Lucas mora na Godolphin Street? — inquiri, depois de dar uma olhadela no jornal.

— Sim.

- Nesse caso, não poderá falar com ele.
- Por que não?
- Porque o assassinaram, em casa, na noite passada.
- Tantas vezes o meu amigo me tem surpreendido ao longo da nossa carreira, que, desta vez, senti satisfação ao verificar que fora a minha vez de deixá-lo atônito.

Arrancou-me o jornal das mãos e leu:

“Na noite passada, foi cometido um misterioso homicídio, no nº 16 da Godolphin Street, palacete do século XVIII, quase à sombra da torre do Parlamento.

A casa era habitada, já há alguns anos, pelo Sr. Edward Lucas, pessoa de encantadora personalidade, com a merecida reputação de ser um dos melhores tenores do país. Tinha 34 anos de idade e era solteiro, vivendo apenas com um mordomo, Mitton, que tinha saído para visitar um amigo, e uma governanta, já de idade avançada, Sra. Pringle, que dorme no sótão e costuma deitar-se cedo.

Das dez horas em diante, o Sr. Lucas ficara em casa. À meia-noite menos um quarto, o policial Barret, ao passar pelo nº 16 da Godolphin Street, notou que a porta se encontrava aberta. Bateu, sem obter resposta, e vendo luz na sala da frente, entrou no corredor e tornou a bater, sem resultado. Então, empurrou a porta e penetrou na sala que se achava numa grande desordem, com a mobília afastada para um canto e uma cadeira virada de costas para a entrada, no centro do aposento. Ao lado da cadeira, ainda agarrado a uma das pernas desta, encontrava-se o dono da casa, com o coração trespassado por uma adaga indiana, de lâmina curva, retirada de um dos troféus orientais que adornam as paredes.

A polícia considera não ter sido o roubo o motivo do crime, visto não ter desaparecido qualquer objeto de valor. O Sr. Lucas teve morte instantânea. Era tão popular que o seu assassinato causou sentido pesar no seu círculo de relações.”

- Que me diz a isto, Watson?
- É uma estranha coincidência... — admiti.
- Coincidência? Um dos homens mais suspeitos foi assassinado, exatamente no curto período em que se verificou o roubo da carta. Não, meu caro Watson. Temos de descobrir a relação entre os dois casos.

— Neste momento, a polícia já deve estar a par de tudo... — alvitrei.

— As autoridades só podem saber o que se passou na Godolphin Street, mas nada saberão do que se passou no Whitehall Terrace. Suspeitei de Lucas, porque a Godolphin Street, no bairro de Westminster, fica mesmo a dois passos do Whitehall Terrace. Os outros dois espões internacionais moram muito mais longe. Portanto, Lucas teria mais possibilidade em estar em contato com o cúmplice instalado na casa do secretário de Estado.

A nossa hospedeira, Sra. Hudson, entrou na sala com a salva de prata onde se via um cartão de visita.

Holmes leu-o e estendeu-o para mim, manifestando surpresa. Virando-se para a Sra. Hudson, indicou:

— Queira pedir a Lady Hilda Trelawney Hope o favor de entrar.

No instante seguinte, o nosso apartamento que, naquela manhã já recebera duas das mais ilustres figuras do Estado, foi novamente honrado com a presença de uma das mais belas damas de Londres.

Eu já ouvira falar na extraordinária formosura da filha mais nova do duque de Belminster, mas nada poderia fazer-me prever o sutil encanto da mulher que estava à nossa frente. Contudo, o rosto que víamos naquela manhã de outono achava-se pálido de emoção; notava-se um brilho febril nos seus olhos e a boca sensual indicava o esforço para um autodomínio.

— Meu marido esteve aqui, Sr. Holmes?

— Sim, Milady.

— Suplico-lhe, Sr. Holmes, que não lhe diga que vim à sua casa.

O meu amigo inclinou-se, friamente, e ofereceu-lhe um sofá.

— Está colocando-me, Milady, numa situação delicada. Peço-lhe que me transmita o motivo da sua visita, mas receio não poder fazer-lhe promessa alguma, incondicional.

A nossa visitante preferiu sentar-se numa cadeira de costas para a janela, e a sua expressão, além de graciosa e essencialmente feminina, era altamente digna. Abrindo e fechando as mãos enluvasadas de branco começou:

— Vou falar francamente, esperando idêntica franqueza da sua parte, Sr. Holmes. Entre mim e meu marido existe uma total confiança, a não

ser no âmbito da política. Embora nunca me faça confidências, tive conhecimento de que sucedeu um lamentável incidente em nossa casa, ontem à noite. Ora, torna-se absolutamente imprescindível que eu saiba que documento essencial desapareceu. Além dos políticos do Estado, o senhor, Sr. Holmes, é a única pessoa que está a par do assunto. Suplico-lhe que me informe de que documento se trata e quais as possíveis conseqüências desse desaparecimento.

— Está pedindo-me o impossível, Milady.

Ela escondeu o rosto nas mãos e Holmes acrescentou:

— Se seu marido, Lorde Hope, se recusa a revelar-lhe esse assunto, muito menos eu posso comunicar-lhe o que me foi confiado como segredo de Estado. É a Lorde Hope que terá de perguntar...

— Já lhe perguntei e vim procurá-lo agora, Sr. Holmes, como último recurso. Pelo menos, peço-lhe que me esclareça um ponto fundamental.

— Qual, Milady?

— A carreira política do meu marido ficará comprometida com esse incidente?

— Se o caso não for rapidamente solucionado, terá gravíssimas conseqüências... e não só para Lorde Hope.

Após suspirar, Lady Hilda Hope pareceu tomar uma resolução.

— Não lhe tomarei mais tempo, Sr. Holmes. Não posso censurá-lo por ter-se recusado a ser mais explícito e espero que não pense mal de mim por desejar, mesmo contra a vontade de meu marido, participar da preocupação que o consome. Uma vez mais, suplico-lhe que não lhe mencione esta minha visita.

Quando, já à porta voltou a olhar-nos, numa despedida, pareceu que partia muito assustada.

Com um sorriso, depois de ter fechado a porta, Holmes sondou:

— Já que o belo sexo é a sua especialidade, Watson, diga-me se descobriu o jogo de Lady Hope.

— Bem... Notei que estava realmente ansiosa.

— Efetivamente, pertence a uma classe que foi educada a não manifestar facilmente as emoções. Reparou na insistência com que nos interrogou, embora sublinhando fazê-lo no interesse do marido. Notou que procurou ficar de costas para a janela?

— Sim... Escolheu a cadeira, em vez do sofá.

— Não quis que lhe víssemos a expressão dos olhos. Os sentimentos íntimos femininos são inescrutáveis. Lembra-se da mulher de Margate, de quem suspeitei pelo mesmo motivo? Não tinha pó-de-arroz no rosto... e isso deu-me a solução correta. Como é possível construir um edifício sobre areia movediça? O ato mais trivial pode ter um significado decisivo; a mais extraordinária atitude pode depender de um alfinete... Até logo, meu caro Watson.

— Vai sair?

— Tenciono passar a manhã na Godolphin Street, com os nossos amigos inspetores da Scotland Yard. A solução do mistério relaciona-se com aquele Sr. Lucas. Sei dos inconvenientes de conceber teorias antes dos acontecimentos, mas tenho um palpite. Fique de guarda à nossa fortaleza, Watson, e receba os visitantes que aparecerem. Se me for possível, virei almoçar.

Durante esse dia e no seguinte, Holmes andou taciturno, entrando e saindo, fumando sem cessar; devorava sanduíches fora de hora, embrenhava-se em reflexões e mal respondia às minhas perguntas. Tudo indicava que a investigação não lhe corria bem; nada me quis contar das suas diligências e, só pelos jornais, pude saber que tinham preso e logo solto Mitton, mordomo do Sr. Lucas. O *coroner* classificou o crime como “homicídio cometido por pessoa ou pessoas desconhecidas”. Nada fora roubado e ignorava-se o motivo do assassinato do jovem e atraente cantor lírico.

Pelos documentos encontrados na casa dele, verificou-se ser um estudioso de lingüística, interessar-se pelos problemas da política internacional e manter uma vasta correspondência, particularmente com políticos de vários países. Quanto às suas relações com mulheres, tinham sido variadas, mas superficiais. Muitos conhecimentos femininos, raras amizades e nenhum caso de amor. Os seus hábitos eram regulares e a sua conduta, inofensiva. A sua morte era um mistério e assim permanecerá, para a polícia e para o público.

Quanto à prisão de John Mitton resultara do desespero da polícia que necessitara mostrar alguma atividade, mas sem provas, visto que o mordomo apresentara um álibi indestrutível. Chegara em casa à meia-noite, e ficara consternado com a morte do patrão, com quem sempre mantivera as melhores relações.

Alguns objetos do Sr. Lucas, encontrados em seu poder, entre eles uma máquina para aparar a barba, tinham sido presentes do patrão, conforme a governanta confirmara.

Havia já três anos que desempenhava as funções de mordomo do Sr. Lucas, sempre tomando conta da casa quando aquele se ausentava para o estrangeiro.

A governanta, Sra. Pringle, no seu quarto do sótão, distanciado da sala, nada ouvira durante a noite da tragédia e declarou que se o Sr. Lucas recebera alguma visita lhe abrira a porta pessoalmente.

Holmes limitou-se a mencionar ter estado em contato com o inspetor Lestrade. Ao quarto dia de inércia, chegou uma notícia de Paris, transcrita pelo *Daily Telegraph*, que, aparentemente, apresentava a solução do enigma:

“A polícia parisiense acaba de fazer uma descoberta acerca da trágica morte do Sr. Edward Lucas, assassinado na segunda-feira, em Londres, na Godolphin Street, Westminster. Os nossos leitores devem estar lembrados de que o mordomo foi libertado pela polícia londrina, após confirmada a veracidade do seu álibi. Ontem, Madame Marie Fournaye, residente numa moradia da Rue Austerlitz, foi denunciada pelos seus criados à polícia, como estando louca. O exame médico provou que sofria de mania de perseguição. A investigação ulterior provou que Madame Fournaye regressara de Londres, na passada terça-feira, e há motivos para relacioná-la com o homicídio do Sr. Edward Lucas, visto que uma comparação de fotografias demonstrou que este tenor mantinha uma vida dupla, em Londres e Paris, sendo aqui conhecido por Monsieur Henri Fournaye.

Madame Marie Fournaye, de origem crioula, possui uma mente de natureza excitável e já exteriorizara crises de ciúme, muito próximas da loucura. Supõe-se que, num destes acessos de desvairamento, tenha cometido o crime que tanto emocionou o público londrino.

Ainda não foram reconstituídos todos os movimentos de Madame Fournaye na noite de segunda-feira, mas sabe-se que uma mulher, cuja sinalética corresponde à sua, chamou a atenção sobre si na estação de Charing Cross, pela aparência conturbada e gestos frenéticos. A polícia admite que o crime tenha sido praticado

numa crise de loucura de Madame Fournaye que, presentemente, não se encontra em condições de prestar declarações, tanto mais que os médicos não se mostram esperançados de que ela recupere a normalidade mental. Por outra descrição, supõe-se que também tenha sido ela quem, na segunda-feira à noite, durante algumas horas, andou espiando a casa da Godolphin Street.”

Ao terminar a leitura em voz alta, enquanto Holmes terminava o seu desjejum, sondei:

— Que pensa disto?

O meu amigo levantou-se e começou a passear pela sala.

— Você é muito paciente, meu caro Watson. Se nestes três últimos dias nada lhe contei, foi por nada ter a relatar. Mesmo essa notícia de Paris nada adianta.

— Nada adianta? Mas é definitiva, quanto à morte de Lucas! – admirei-me.

— Essa morte não passa de um mero incidente trivial, em comparação com a nossa missão de recuperarmos a carta e evitarmos uma catástrofe na Europa.

Nestes três últimos dias só deparamos com um fato importante: nada aconteceu. De hora em hora, tenho recebido informações dos serviços secretos do nosso Governo e uma coisa é certa: não há qualquer indício de grave crise política européia. Se a carta estivesse perdida... Mas, se o não estiver, quem a tem em seu poder? E por que motivo não é utilizada?

Terá sido, realmente, coincidência o fato de Lucas ter morrido na mesma noite em que a roubaram? Teria a carta chegado às suas mãos? A mulher dele a teria levado para Paris? Nesse caso, encontra-se na moradia da Rue Austerlitz? Se assim é, como poderei ir procurá-la sem levantar suspeitas da polícia francesa?

Trata-se de um caso, caro Watson, em que a lei se torna tão perigosa como os criminosos. Estão todos contra nós e o caso é de tremenda responsabilidade. Se conseguir solucioná-lo, será o apogeu da minha carreira.

Agora vejamos o que nos diz esta mensagem do nosso amigo inspetor.

Holmes leu um bilhete, de relance, e acrescentou:

— Parece que Lestrade encontrou algo de interessante. Pegue o seu chapéu, Watson, e venha comigo até Westminster.

Era a minha primeira visita ao local do crime. Da janela do prédio, Lestrade saudou-nos no momento em que um policial alto e forte nos abriu a porta. Na sala onde Lucas fora assassinado não havia qualquer indício da tragédia, com exceção da mancha irregular, sinistra, ao centro do tapete que cobria todo o soalho antigo, aos quadrados, muito bem encerado.

Sobre a lareira via-se uma bela coleção de armas, uma das quais servira de instrumento do crime, e junto da janela estava uma suntuosa escrivaninha, tudo indicando o gosto e o luxo da vítima.

— Leu as notícias de Paris? — indagou Lestrade.

Holmes confirmou, com um aceno de cabeça. Lestrade continuou:

— Parece que, desta vez, os nossos colegas franceses acertaram nas suas conclusões. Lucas tinha uma existência dupla; não podendo deixar a mulher na rua, abriu-lhe a porta; discutiram e não só com palavras, visto que a mobília foi arrastada para um canto da sala; depois, ela pegou uma das armas de um troféu e matou-o. Nada mais simples.

Holmes ergueu as sobrancelhas, simulando admiração.

— Apesar de tão simples, você pediu a minha presença?

— Bem... efetivamente, há um pormenor insignificante, mas suscetível de despertar o seu interesse.

— Qual?

— Como sabe, Sr. Holmes, num crime desta natureza, tomamos sempre o máximo cuidado em manter todas as coisas nos seus lugares. O policial que está de guarda na casa, não arredou pé daqui... e hoje de manhã, depois do enterro da vítima, decidimos dar alguma arrumação à sala, visto que a investigação já terminara... Pois bem, Sr. Holmes, está vendo o tapete?

— Que tem ele de especial?

— Lucas sofreu uma grande hemorragia, como se depreende por esta larga mancha de sangue que ensopou o tapete. Como este não é muito espesso, o sangue deveria tê-lo atravessado, não é verdade?

— Certamente.

— Pois bem, Sr. Holmes, vai ficar espantado...

E Lestrade levantou o tapete, apontando.

— Como vê, a mancha de sangue no soalho não corresponde à do tapete!

Holmes observou:

— Mas o tapete está manchado, dos dois lados. Sendo permeável, a mancha do soalho deveria estar sobreposta.

Lestrade riu-se.

— A Polícia não precisou do senhor, Sr. Holmes, para encontrar uma explicação. Se desviarmos o tapete, as duas manchas já correspondem. Isto significa que alguém se deu ao trabalho de mudar-lhe a posição, logo em seguida ao crime e antes da chegada da Polícia. A minha única dúvida é: por quê?

Pela expressão do meu amigo, percebi que ficara radiante.

— Tem certeza, Lestrade — inquiriu —, de que o guarda se manteve de vigilância todo o tempo, sem nunca abandonar o posto?

— Nunca saiu daqui.

— Se quer um conselho, Lestrade, interrogue-o bem a esse respeito... e não o faça diante de nós. Ficaremos aqui à espera.

— Mas... se o tapete foi rodado antes da chegada da Polícia...

— Como pode ter a certeza disso? Faça o que lhe sugiro. É mais fácil interrogar o seu agente, sem a presença de testemunhas. Pergunte-lhe como ousou deixar entrar aqui uma pessoa, deixando-a só, nesta sala. Não lhe pergunte se o fez; afirme-o, como tendo a certeza desse fato, e diga-lhe que, se o confessar, será perdoado.

— Com os diabos! Se assim for, hei de obrigá-lo a confessar! — resmungou Lestrade, saindo apressadamente.

Através da porta fechada, ouvimo-lo interrogar o policial, no quarto dos fundos.

Num frenesi, Holmes incitou-me:

— Vamos a isto, Watson!

Levantou o tapete, dobrando-o para um lado, e começou a apalpar os tacos do soalho. Um deles moveu-se, como se fosse a tampa de uma caixa, deixando a descoberto uma cavidade escura. Holmes sondou-a com a mão, logo retirando esta, com uma exclamação de desapontamento.

— Nada!... Depressa, Watson, recoliquemos o tapete na posição em que estava.

Pouco depois, ouvimos a voz de Lestrade no corredor. Veio encontrar o meu amigo apoiado, languidamente, à prateleira da lareira.

— Desculpe tê-lo feito esperar, Sr. Holmes. Vejo que está entediado com toda essa história. O meu agente confessou... Venha cá, MacPherson, quero que explique a estes senhores a sua imperdoável conduta.

Corado de vergonha, o policial entrou na sala.

— Não o fiz por mal... A jovem veio aqui na noite passada, mas tinha-se enganado de casa. Começamos a conversar, porque é maçante estar, como eu estive, aqui fechado todo o dia, sem poder abandonar o posto...

— Conte o que aconteceu — impacientou-se Lestrade.

— Bem... a jovem tinha lido o caso nos jornais. Era muito fina e respeitável... e não vi mal em deixá-la entrar. Porém, quando reparou na mancha de sangue no tapete, caiu no chão sem sentidos. Corri para os fundos para buscar um copo de água, mas isso não a reanimou. Então, decidi ir à taberna da esquina, buscar um pouco de conhaque. Contudo, quando voltei, ela já tinha ido embora, decerto perturbadíssima com o que lhe sucedera e sem coragem para voltar a encarar-me. Foi o que aconteceu.

— E o tapete?

— Como ela caíra em cima dele, encontrei-o um pouco enrugado... mas tive o cuidado de endireitá-lo.

— Pois bem — admoestou Lestrade, com dignidade —, que isto lhe sirva de lição. Pensou que a sua falta nunca seria descoberta, mas não conseguiu enganar-me, MacPherson. Bastou-me olhar para o tapete, para notar que tinha sido deslocado. Felizmente para você, não falta coisa alguma. Do contrário...

Deixando a ameaça em suspenso, o inspetor virou-se para o meu amigo.

— Sinto tê-lo chamado para um caso tão banal, Sr. Holmes, mas achei que o fato de a mancha do tapete não coincidir com a do soalho poderia interessá-lo.

— Interessou-me muito... A tal mulher só esteve aqui uma vez?

— Só uma — respondeu o guarda.

— Quem era ela?

— Não a conheço, *Sir*. Estava muito bem vestida e era encantadora. Que lhe disse, para convencê-lo a deixá-la entrar?

— Nada de especial... isto é, disse o seguinte: “Oh, Chefe, deixe-me apenas espreitar um momento...” Era tão amável, tão convincente... Bem, pensei que não faria mal em consentir que desse uma olhadela, pela porta...

— Como estava vestida?

— Tinha um longo manto, até os pés, mas nada de coisas berrantes...

— Que horas eram?

— Bastante tarde. Quando voltei com o conhaque, já escurecera e estavam acendendo os lampiões da rua.

— Muito bem. Vamos embora, Watson — decidiu Holmes. — Temos mais que fazer.

Deixamos Lestrade na sala, enquanto o arrependido policial nos acompanhava à porta. Aqui, Holmes discretamente mostrou-lhe um papel. Depois de olhá-lo atentamente, MacPherson exclamou, atônito:

— Santo Deus! É ela!

Pondo um dedo nos lábios, para silenciar o agente, Holmes tornou a guardar o papel e saiu, sorrindo sarcasticamente.

— Venha, Watson. Está subindo o pano para o último ato. Vai ficar satisfeito por saber que não haverá guerra; que o par do Reino Lorde Trelawney Hope não ficará com a carreira cortada; que o impulsivo potentado nada sofrerá pela redação da sua perigosa carta; que o Primeiro-Ministro Lorde Bellinger não se verá envolvido numa grave crise européia e que, enfim, com um pouco de tato da nossa parte, ninguém poderá ser prejudicado com o que poderia tornar-se um incidente terrível.

— Você resolveu o enigma? — espantei-me, com a minha sempre crescente admiração pelos dons extraordinários do meu amigo.

— Não completamente, Watson, visto ainda subsistirem alguns pontos obscuros, mas já reunimos tantos elementos que, só por ineficiência da nossa parte, deixaríamos de desvendar o mistério. Vamos ao Whitehall Terrace concluir este caso.

Quando chegamos à casa do secretário de Estado, Holmes pediu para falar com Lady Hilda Hope e introduziram-nos na sala de estar.

Quando a filha do duque de Belminster veio receber-nos, mostrava-se corada de indignação.

— Francamente, Sr. Holmes! Esta sua visita é injusta e pouco generosa de sua parte! Pedi-lhe que a minha ida à sua casa permanecesse secreta

para que meu marido não pensasse que eu pretendia imiscuir-me nos seus assuntos confidenciais. Agora, o senhor, vindo procurar-me, compromete-me, como se eu tivesse relações profissionais consigo.

— Infelizmente, Milady, não tenho outra alternativa. Fui contratado para recuperar um documento da mais alta importância e, por conseguinte, venho pedir-lhe que o entregue a mim.

A jovem ergueu-se num salto da cadeira e a cor desapareceu-lhe do rosto; prestes a desmaiar. Depois, com grande esforço, dominou-se e a sua expressão foi de surpresa, seguida de indignação.

— O senhor insulta-me, Sr. Holmes!

— Vamos, Milady, entregue-me a carta.

Lady Hilda Hope dirigiu-se para o cordão da campainha, indicando:

— Queiram sair. O mordomo mostrará o caminho.

— Não o chame, Milady — aconselhou Holmes. — Se o fizer, verei frustrados todos os meus esforços para evitar o escândalo. Entregue-me a carta que tudo se recomporá... mas, se tomar uma posição contra mim, serei forçado a denunciá-la.

A jovem imobilizou-se olhando fixamente para Holmes, como se pretendesse sondar-lhe a alma. Tinha a mão no cordão da campainha, mas não o puxou.

— Está tentando atemorizar-me? Não é muito nobre da sua parte, Sr. Holmes, vir à casa de uma mulher para ameaçá-la. Se sabe alguma coisa, queira declará-la.

— Peça-lhe que se sente, Milady. Poderá machucar-se, se cair... pois não sei até que ponto os seus nervos resistem... Obrigado.

Lady Hilda sentara-se, com os punhos cerrados.

— Dou-lhe cinco minutos, Sr. Holmes.

— Basta-me um, Milady. Sei da sua visita à casa do Sr. Edward Lucas; sei que lhe entregou a carta que continha um segredo de Estado; sei da sua bem engenhada incursão da noite passada à sala onde se perpetrou o crime e sei de que maneira recuperou aquele documento que se achava oculto sob o tapete, no esconderijo do soalho.

Lívida, a jovem fitou o meu amigo e, antes de falar, engoliu em seco, perturbadíssima.

— Está louco, Sr. Holmes! Está completamente louco!

Tirando do bolso um pedaço de cartolina, Holmes exibiu a imagem do rosto de uma mulher, recortada de uma fotografia.

— Trouxe esta prova comigo, por pensar que pudesse ser útil. O policial MacPherson, que estava de guarda à casa do Sr. Lucas, não hesitou em reconhecê-la.

Soltando um gemido, a jovem baixou a cabeça.

— Vamos, Milady — insistiu Holmes. — Sei que tem a carta em seu poder e asseguro-lhe que o caso pode ser remediado, sem qualquer prejuízo. O meu dever só termina no momento em que devolver esse documento a seu marido. Siga o meu conselho de ser franca comigo, pois é a sua última oportunidade.

Com admirável coragem, Lady Hilda não se deu por vencida.

— Repito, Sr. Holmes, que está completamente iludido.

O meu amigo ergueu-se.

— Lamento imenso, Milady. Fiz o possível por salvá-la, mas verifico que os meus esforços foram vãos.

E tocou a campainha. Momentos depois, o mordomo apareceu.

— Lorde Trelawney Hope já chegou? — inquiriu Holmes.

— É esperado à uma menos quinze minutos, *Sir*.

O meu amigo consultou o relógio.

— Falta um quarto de hora. Muito bem, esperarei.

Mal o mordomo fechou a porta, Lady Hilda lançou-se de joelhos diante de Holmes, completamente transfigurada, com os olhos marejados de lágrimas.

— Oh, não! Isso não! Poupe-me, Sr. Holmes. Pelo amor de Deus não lhe conte...! Eu amo meu marido! Não era minha intenção causar-lhe um tal desgosto. Isto irá destruí-lo.

Holmes imediatamente pegara-lhe na mão, fazendo-a erguer-se.

— Congratulo-me, Milady, por ver que recuperou o bom senso, mesmo que no último instante. Não temos tempo a perder. Onde está a carta?

A jovem correu para a escrivaninha, abriu uma gaveta e extraiu um longo envelope azul.

— Aqui o tem, Sr. Holmes. Preferia nunca ter visto tal papel!

A jovem correu para a escrivaninha, abriu uma gaveta e extraiu um longo envelope azul.

— Aqui o tem, Sr. Holmes. Preferia nunca ter visto tal papel!

— Como poderemos devolvê-lo?... Depressa, colabore! Temos de encontrar um meio... Onde está a pasta em que seu marido guardava este documento?

Quando Lady Hilda regressou à sala, Holmes programou:

— Agora estamos prontos para receber o seu marido. Ainda nos sobram dez minutos. Estou indo longe demais para protegê-la, Lady Hilda, pelo que, em contrapartida, me conte francamente o significado de toda essa história.

— Vou contar-lhe tudo, Sr. Holmes. Não há mulher alguma que ame tanto seu marido como eu amo o meu e, se ele soubesse o que fui forçada a fazer, nunca me perdoaria. Preza tanto a sua honra que não toleraria a minha falta. Ajude-me, Sr. Holmes, pois a minha felicidade e a dele estão em jogo.

— Fale depressa, Milady, porque o tempo voa.

— Tudo se deveu a uma carta que escrevi, antes do meu casamento. Uma carta de jovem ingênua e impulsiva que, embora nada contendo de mal, poderia ser mal interpretada. Se meu marido a lesse, perderia para sempre a confiança em mim.

Escrevi essa carta, há alguns anos, e pensei que tudo estivesse esquecido, mas vim a saber que se encontrava em poder desse Lucas e que ele se dispunha a entregá-la a meu marido. Procurei-o para implorar-lhe misericórdia, mas ele apenas pretendia fazer chantagem comigo. Respondeu que me devolveria a carta, em troca do documento que se encontrava na pasta de meu marido. Tinha um espião estrangeiro no escritório contíguo, que lhe indicara a forma e cor do documento que me exigia... Que podia eu fazer, Sr. Holmes?

— Devia ter confessado tudo a Lord Hope.

— Não podia, Sr. Holmes! Se o fizesse, ficaria com a minha vida matrimonial arruinada. Nada sei em matéria de política, pelo que não pude avaliar as conseqüências... e para mim só contava o amor que devoto a meu marido. Acedi à chantagem, por parecer-me a única solução. Tirei um molde do fecho da pasta e esse Lucas forneceu-me a chave. Com esta, tirei o envelope azul e levei-o à Godolphin Street.

— Que aconteceu, quando lá foi?

— Puxando um cordão do alto das escadas, Lucas abriu-me a porta da rua. Lembro-me de ter visto uma mulher, no passeio fronteiro à casa. Subi à sala, mas tive o cuidado de deixar ambas as portas entreabertas, pois não queria ficar a sós com ele. O nosso encontro foi rápido; entreguei-lhe o documento e ele devolveu-me a minha carta. Nesse momento, ouvimos um ruído no corredor. Rapidamente, Lucas levantou o tapete e escondeu o documento num pequeno compartimento do soalho, tornando a baixar o tapete.

O que aconteceu em seguida foi como um pesadelo! Vi um rosto de mulher, angustiado, e ouvi-a gritar em francês: “Valeu a pena esperar; finalmente, encontro você com ela!”. Lucas, vendo-a de faca em punho, pegou uma madeira para defender-se dos seus ataques. Fugi correndo e, no dia seguinte, li a notícia nos jornais. Apesar de tudo, senti-me feliz, pois tinha recuperado a minha carta... Contudo, não podia adivinhar o que o futuro ainda me reservara.

Só na manhã seguinte compreendi que trocara uma desventura por outra. Perante o desaparecimento do documento, o desespero do meu marido afligiu-me terrivelmente. Dificilmente contive o ímpeto de lançar-me a seus pés e confessar a minha falta... Mas isso, seria confessar-lhe também o meu erro passado e destruir a nossa felicidade. Por isso, Sr. Holmes, fui procurá-lo, mas não tive coragem para ser franca consigo.

A partir de então, só pensei na maneira de recuperar o documento. Parti do princípio de que se acharia no mesmo lugar em que eu vira Lucas escondê-lo, antes de aquela mulher irromper na sala. Durante dois dias vigiei a casa e, na noite passada, decidi iludir o policial que estava de guarda.

Já sabe o que aconteceu, Sr. Holmes. De posse do documento, a minha primeira idéia foi destruí-lo, pois não entrevia maneira de devolvê-lo, sem ter de confessar-lhe todos os meus atos... Meu Deus! Ouço passos na escada...

Instantes depois, Lord Hope entrava na sala. Ao ver-nos, a sua primeira reação foi inquirir:

— Tem alguma novidade, Sr. Holmes?

— Tenho esperanças — respondeu o meu amigo.

— Graças a Deus! — exclamou. — O Primeiro-Ministro vem agora almoçar comigo. Posso transmitir-lhe essas esperanças? Lord Bellinger tem nervos de aço, mas sei que não tem dormido desde o dia fatídico.

O Primeiro-Ministro mostrava-se aparentemente calmo, mas, pelo brilho dos olhos e pela contração das mãos magras, apercebi-me de que se achava tão excitado como o secretário de Estado.

— Tem alguma novidade, Sr. Holmes? — inquiriu, mal nos viu.

— Investiguei todas as hipóteses possíveis e cheguei à conclusão de que o documento não deve ter sido roubado.

— Isso não basta, Sr. Holmes! Não podemos continuar a viver sobre um vulcão. Precisamos de uma solução concreta.

— Tenho esperanças de obtê-la e, por isso, vim aqui. Quanto mais penso no caso, mais me convenço de que o documento não saiu desta casa.

— Sr. Holmes! — espantou-se o Primeiro-Ministro.

— Se tivesse saído, o ladrão já o teria divulgado.

— Não entendo! Por que teriam roubado o documento... sem o levar daqui?

— Não creio que o tenham roubado.

— Nesse caso, como explica que ele tenha saído da pasta? — interveio Lord Hope.

— Também não creio que tenha saído de lá.

— Sr. Holmes! — irritou-se Lord Hope. — Essa brincadeira é inoportuna! Garanto que não estava na pasta!

— Tem certeza? Tornou a rebuscá-la, desde a manhã de terça-feira?

— Não, pois não seria necessário.

— É possível que, na precipitação da primeira busca, o documento lhe tenha passado despercebido.

— Isso é impossível.

— Não sei por que — objetou Holmes. — Não é a primeira vez que sucede um tal lapso. Suponho que a pasta contenha outros documentos. Sendo assim, é provável que a carta que procuram se encontre entre eles.

— Eu tinha-a colocado por cima de todos eles.

— Bastaria que alguém tivesse sacudido a pasta, para que os documentos se misturassem por outra ordem de arrumação.

— Não é possível. Quando procurei a carta, despejei todo o conteúdo sobre uma mesa e não a encontrei.

— O Diabo, às vezes, mete-se nas coisas... — filosofou Holmes.
— Mas, Hope! — impacientou-se o Primeiro-Ministro. — É fácil de verificar! Mande buscar a pasta.

O secretário de Estado tocou a campainha e, em seguida, ordenou ao mordomo:

— Traga a minha pasta, Jacobs... Mas pode crer, Sr. Holmes, que é pura perda de tempo!

Momentos depois, suspirava:

— Obrigado, Jacobs. Ponha a pasta sobre a escrivaninha... A chave não saiu da minha corrente do relógio...

Abriu o fecho e especificou:

— Ora aqui está a carta de Lord Mac Errow... o relatório de *Sir* Charles Hardy... o memorando de Belgrado... a nota russo-germânica referente ao imposto sobre o trigo... a carta de Madrid... o parecer de Lord Flowers... Santo Deus! Que é isto? O envelope azul! Lord Bellinger!

O Primeiro-Ministro arrancou-o da sua mão.

— Sim... É a carta... intacta! Os meus parabéns, Hope!

— Obrigado! Que peso me saiu do coração!... Mas é inconcebível, Sr. Holmes! O senhor é um mágico... um feiticeiro! Como teve a certeza de que o documento não saía da pasta?

— Concluindo que não poderia estar noutro lugar.

— Custa-me a acreditar nos meus próprios olhos! — exultou Hope, saindo ao encontro da mulher. — Hilda! Hilda! Nem calcula o que sucedeu... — gritou, ao descer a escada.

O Primeiro-Ministro fitou Holmes perscrutadoramente, com um brilho incisivo no olhar.

— Como manobrou isto, Sr. Holmes? O senhor não nos quis contar tudo! Como conseguiu fazer com que a carta reaparecesse dentro da pasta?

Sorrindo, o meu amigo limitou-se a responder:

— Também temos os nossos segredos diplomáticos.

E pegando o chapéu, dirigiu-se comigo para a porta.



ASSASSINATO NO NEVOEIRO

CAPÍTULO 1 — A ESTRANHA AVENTURA DO SR. SCOTT ECCLES

Tenho anotado no meu caderno de memórias que se tratava de um dia muito frio e ventoso, dos fins de março de 1895. Enquanto almoçávamos, Holmes recebera um telegrama e rascunhara, às pressas, uma resposta. Apesar de nada ter mencionado acerca do assunto, deparei que devia ser grave, visto que fora se postar pensativo diante da lareira, fumando o cachimbo e olhando, de quando em quando, para o telegrama.

— Você, Watson, deve ser considerado um homem de Letras. Como definiria a palavra grotesco?

— Ridículo, excêntrico... — sugeri.

Holmes abanou a cabeça, observando:

... e mais alguma coisa para além disso: envolve uma vaga sugestão de trágico e terrível. Se recordar algumas dessas narrativas das nossas aventuras, com que tem atormentado o paciente público, verificará como, freqüentemente, o que parecia apenas extravagante se transformou em crime. Lembre-se do caso dos homens ruivos¹, em que o grotesco encobria um audacioso assalto a um banco! E do, ainda mais grotesco, enigma dos cinco caroços de laranja² que culminou numa conspiração de assassinio? Essa palavra deixa-me sempre de sobreaviso.

— Encontrou-o nesse telegrama? — sondei.

Holmes leu em voz alta:

“Acaba de suceder-me algo deveras grotesco. Posso consultá-lo?
Resposta à Repartição dos Correios da Charing Cross. Scott Eccles.”

(¹) “*A Liga dos Cabeças Vermelhas*”, páginas 106 e seguintes da obra *O Detetive agonizante* e outras histórias desta coleção. (N. do T.)

(²) “*Os Cinco Caroços de Laranja*”, páginas 7 e seguintes da obra *A morte do chantagista* e outras histórias da *Série 1*. (N. do T.)

— Trata-se de homem ou mulher?

— Naturalmente, de um homem. Nenhuma mulher expediria um telegrama com resposta paga. Teria vindo logo, aqui, pessoalmente.

— Vai recebê-lo?

— Certamente. Bem sabe, meu caro Watson, como me aborreço nesta estagnação, desde que conseguimos mandar o coronel Carruthers para a prisão *. O meu cérebro funciona como uma máquina acelerada, que se deteriora quando não aplicada ao fim para que foi construída. A vida tem-se tornado numa sucessão de fatos rotineiros, as notícias dos jornais são fastidiosas e parece que o espírito de aventura se extinguiu no mundo do crime. Por mais trivial que um novo enigma se anuncie, não posso alhear-me dele... Mas, se não me engano, aí vem o nosso cliente.

Ouviram-se passos cadenciados subindo a escada e, instantes depois, um homem alto e corpulento, de suíças e bigodes, com ar respeitável, penetrava na sala. A fisionomia grave e a atitude circunspecta, desde os óculos de aros de ouro às polainas que lhe cobriam as botinas, revelavam a índole típica do indivíduo conservador, religioso, cidadão ortodoxo e cumpridor intransigente dos preceitos sociais. Contudo, a sua natural compostura fora alterada, visto trazer os cabelos despenteados e o rosto afogueado de indignação, expressando-se com gestos nervosos.

— Aconteceu-me uma coisa extremamente estranha e desagradável, Sr. Holmes — preambleu. — Nunca me encontrei em semelhante situação... ultrajante! Tenho o direito de exigir uma explicação!

— Queira sentar-se, Sr. Eccles — convidou o meu amigo, brandamente. — Antes de começar a expor-me os fatos, gostaria que me dissesse por que motivo veio procurar a mim, pessoalmente.

— Porque não creio que o caso pudesse interessar à polícia. Por outro lado, nunca simpatizei com a classe dos detetives particulares. Contudo, ouvi falar nos seus métodos, Sr. Holmes.

— Compreendo... mas, por que não veio procurar-me imediatamente?

— Que quer dizer com isso? Holmes consultou o relógio.

* Conan Doyle escreveu, em janeiro de 1904, “A Ciclista Solitária”, cujo protagonista é o coronel Carruthers; ulteriores, em março, escreveu “O Arpoador Maldito”, cujo protagonista é Patrick Cairns. Ora, só quatro anos depois, em agosto de 1908, escreveu a presente novela, esquecendo-se de que a prisão do assassino Cairns é posterior à de Carruthers. (N. do T.)

— São duas e um quarto — indicou — Ora, o seu telegrama foi expedido por volta da uma. Por outro lado, basta olhar para o seu aspecto e traje, para se notar que tem estado extremamente inquieto; desde o momento em que se levantou.

Eccles alisou os cabelos com a mão e tocou com os dedos no rosto por barbear.

— Tem razão, Sr. Holmes! Não me dei ao cuidado de arranjar-me convenientemente. Antes de vir aqui, andei por vários lugares, à cata de informações. Falei com o agente do proprietário da casa e este me informou que o Sr. Garcia tinha pago, pontualmente, o aluguel da “Wisteria Lodge” ³... e que tudo estava na devida ordem.

— Um momento, caro senhor — acalmou-o Holmes, sorrindo. — Peça-lhe que ordene as suas idéias e conte-nos, na devida seqüência, os fatos que o impeliram a sair de casa despenteado, com a roupa por escovar, as polainas e o colete mal abotoados.

— Devo ter-lhe causado uma má impressão, Sr. Holmes, e não me lembro de que alguma vez isso me tenha sucedido antes. Quando ouvir o que aconteceu...

Um ruído exterior interrompeu a explicação do Sr. Eccles e logo a seguir, a hospedeira, Sra. Hudson, abria a porta para introduzir na sala dois sujeitos robustos, um dos quais era o nosso bem conhecido inspetor Gregson, da Scotland Yard, que estendeu a mão a Holmes, ao mesmo tempo em que apresentava o seu companheiro, o inspetor Baynes do Comissariado da Polícia de Surrey.

— Estamos empenhados na caça a um indivíduo e a pista trouxe-nos até aqui — elucidou Gregson que, seguidamente, virando-se para o nosso cliente, inquiriu: — É porventura o Sr. John Scott Eccles, da Popham House, em Lee?

— Exatamente.

— Temos andado, toda a manhã, no seu encalço.

Holmes interveio:

— Foi um telegrama que os pôs na pista do Sr. Eccles?

— Precisamente. Ele expediu-o da estação de correios da Charing Cross, endereçado a esta casa. Por isso, aqui estamos.

(³) *Moradia Glicínia. (N. do T.)*

— Mas por que motivo me seguem? — espantou-se Eccles.

— Desejamos interrogá-lo acerca do assassinato do Sr. Aloysius Garcia, da Wisteria Lodge, nos subúrbios de Esher.

O nosso cliente endireitou-se na cadeira, extremamente pálido.

— Disse assassinato?

— Sem a menor dúvida.

— Santo Deus! Isso é horrível... Mas não podem suspeitar que eu o tenha morto...

— Encontramos uma carta no bolso do cadáver e ficamos sabendo que o senhor, Sr. Eccles, tencionava passar a noite de ontem em casa dele.

— Sim... é verdade.

— Portanto, confessa... — disse Gregson, tirando da algibeira o bloco de notas, e começando a escrever o que ouvira.

— Um momento, Gregson — interpôs-se Holmes. Vai registrar as declarações do Sr. Eccles?

— Exatamente, e o meu dever é preveni-lo de que tudo quanto disser poderá ser usado contra ele, em tribunal.

— O Sr. Eccles — acrescentou Holmes —, ia começar a narrar-nos o que lhe aconteceu.

Virando-se para mim, recomendou:

— Creio, Watson, que um pouco de *whisky* não seria mal recebido. Quer tratar disso, meu caro?... Quanto a nós, Gregson, podemos ouvir o que este senhor tencionava contar-nos. Não vai, decerto, Sr. Eccles, incomodar-se por seu auditório ter aumentado, tanto mais se tratando de dois elementos da polícia.

Comecei por servir o álcool ao nosso cliente, cujas faces recuperaram a cor normal. Depois de todos termos os copos nas mãos, Eccles começou:

— Sou solteiro e, talvez devido ao meu temperamento sociável, constituí um largo círculo de amizades. Entre estas, encontra-se a família de um antigo fabricante de cerveja, Sr. Melville, residente na Albermarle Mansion, em Kensington. Durante um jantar em sua casa, há poucas semanas, foi-me apresentado um rapaz, Sr. Garcia, de origem espanhola, mais ou menos ligado à Embaixada. Falava inglês perfeitamente e, além

de muito afável, era um dos homens fisicamente mais atraentes que encontrei até hoje. Pareceu simpatizar comigo e, dois dias depois, foi visitar-me em Lee. Seguidamente, convidou-me para passar um ou dois dias, na sua casa Wisteria Lodge, entre Esher e Oxshott. Por conseguinte, tal como havíamos combinado, fui até lá ontem à noite.

Já estava a par do pessoal que ele tinha ao seu serviço, pois se referira a um criado, seu compatriota, que falava inglês e tomava conta da casa; também, de um cozinheiro mestiço, que encontrara numa das suas viagens e que preparava excelentes repastos. Achei bizarro o fato do Sr. Garcia se achar rodeado de tais serviçais, nesse quase isolado local campestre da região de Surrey.

Fui até lá de carro, pois a casa fica a cerca de dois quilômetros ao sul de Esher, um pouco afastada da estrada, tornando-se necessário atravessar um caminho sinuoso, ladeado de arbustos. Embora vasto, o prédio estava em péssimo estado de conservação. Quando o trem parou no caminho coberto de mato, diante de uma porta tão deteriorada pelo tempo, perguntei-me se fizera bem em aceitar aquele convite de um sujeito que eu conhecia havia tão pouco tempo.

O próprio Garcia veio abrir-me a porta, muito cordialmente, e logo me confiou aos cuidados do criado, de tez muito escura e expressão melancólica, que pegou na minha maleta e me conduziu ao quarto.

Todo o ambiente me pareceu fúnebre, quando jantamos sós, embora Garcia se esforçasse por mostrar-se gentil para comigo. Contudo, notei que estava nervosíssimo. Era tal a sua inquietação, interrompendo a conversa para escutar ruídos exteriores, e tão soturna me parecia a presença do seu criado, que cheguei a pensar em apresentar um pretexto para me ausentar daquela casa, regressando a Lee, nessa mesma noite. De resto, o jantar não só não fora bem preparado, mas também o serviço deixara muito a desejar.

No fim da refeição, o criado apareceu com um bilhete que entregou a Garcia. Este, depois de lê-lo, ainda se mostrou mais transtornado, passando a fumar cigarros, uns atrás dos outros, e a perder constantemente o fio da conversa. Por momentos, permanecia silencioso, embrenhado nos seus pensamentos, com o cenho franzido. Não se referiu ao teor do bilhete e senti-me aliviado quando, por volta das onze horas, nos fomos deitar.

Pouco depois, Garcia surgiu à porta do meu quarto, nesse momento às escuras, para perguntar-me se eu tocara à campainha. Pediu-me desculpa por ter-me incomodado a uma hora tão tardia, pois, segundo me disse, já era uma da manhã. Após esta intromissão, adormeci profundamente.

Quando acordei, já era dia claro. Na véspera, tinha recomendado que me acordassem às oito horas. Contudo verifiquei que já eram quase nove. Saltei da cama e toquei à campainha para chamar o criado, mas ninguém me atendeu. Concluindo que estava avariada, vesti-me às pressas e desci, para pedir um pouco de água quente com que me lavar. Pois bem, podem calcular a minha surpresa, quando não encontrei ninguém na casa. Corri todos os aposentos e verifiquei estarem completamente vazios. O quarto de Garcia tinha a cama por desfazer, pelo que deduzi que nem sequer se deitara. Os criados tinham desaparecido e só me restou abandonar, também, essa estranha Wisteria Lodge, profundamente aturdido.

Sherlock Holmes esfregou as mãos, satisfeito, perante a perspectiva de uma nova investigação que se pronunciava fantástica.

— Vejo que lhe ocorreu uma aventura excepcional, Sr. Eccles. Que fez, em seguida?

— Evidentemente fiquei furioso, pois pensei tratar-se de uma brincadeira de péssimo gosto. Enquanto carregava a minha maleta pela estrada, pensei que Garcia tivesse abandonado a casa para furtar-se ao pagamento de contas em atraso, tanto mais que se estava no fim de março, data próxima do pagamento trimestral do aluguel de moradias daquele tipo. Depois de conseguir arranjar um carro, procurei o Sr. Allan, agente de imóveis da região, que me informou ter o aluguel da Wisteria Lodge sido pago adiantadamente. Então me dirigi à Embaixada da Espanha onde me afiançaram que Garcia lhes era totalmente desconhecido. Finalmente, decidi-me a ir falar com Melville, que me apresentara Garcia, mas verifiquei que ainda o conhecia mais superficialmente do que eu.

Foi então que, obcecado com o que me acontecera, resolvi telegrafar-lhe, Sr. Holmes, para que me auxiliasse a desvendar este mistério. Agora que o Inspetor, aqui presente, se referiu a assassinato, afirmo que o meu desejo é ajudar a polícia e peço que acreditem que o que contei é a verdade absoluta.

— Não duvido, Sr. Scott Eccles — concedeu Gregson, num tom cordial. — Tudo quanto referiu concorda com os fatos de que tenho conhecimento. Quanto ao bilhete que foi entregue ao Sr. Garcia, sabe o que foi feito dele?

— Sim. Depois de lê-lo, o rapaz atirou-o para a lareira.

Virando-se para o inspetor de Surrey, Gregson sondou:

— Que me diz, Sr. Baynes, a esta história incrível? O inspetor regional era um homem gordo, vermelho, sempre soprando, com um rosto rústico, apenas suavizado por dois olhos que, embora porcinos, incrustados entre as bochechas e a testa, tinham uma inesperada vivacidade.

Com um sorriso, extraiu lentamente, da algibeira, um pedaço de papel amarrotado.

— Diante da lareira — explicou —, erguia-se uma grade, e esse tal Garcia deve ter errado a pontaria. Apanhei este papel junto dessa grade, sem que as chamas o tivessem atingido. Quer que o leia, Sr. Holmes?

— Certamente. Parece-me ter feito um bom trabalho, Sr. Baynes.

Este apontou:

— Como vêem, o bilhete foi redigido em papel pautado, comum, sem marca d'água. É a quarta parte de uma folha, cortada em dois sentidos com uma tesoura de lâmina curta; depois, dobraram-no por três vezes, e selaram-no com lacre vermelho, aposto às pressas e comprimido com um objeto chato e elíptico. Está endereçado ao Sr. Garcia, Wisteria Lodge e diz o seguinte:

“Nossas cores, verde e branco. Verde aberto; branco fechado. Escada principal, primeiro corredor, sétima porta à direita, painel verde. Boa sorte. D.”

A letra é de mulher, desenhada com aparo de ponta fina; contudo, o endereço foi escrito com outra pena, ou por outra pessoa. Como pode ver, Sr. Holmes, apresenta uma caligrafia mais espessa e firme.

Examinando o papel, Holmes comentou:

— Esse bilhete é deveras extraordinário. Devo cumprimentá-lo, Sr. Bayes, pela atenção que dispensou aos pormenores na análise que efetuou. Agora, talvez possamos acrescentar algumas minudências de importância secundária. O sinete elíptico que comprimiu o lacre foi certamente feito

com um botão de punho desse formato e os cortes do papel foram executados por meio de uma pequena tesoura de unhas, de lâminas curvas.

O inspetor Bayes soltou uma risadinha, reconhecendo:

— Julguei ter espremido todo o assunto, mas verifico que o senhor, Sr. Holmes, ainda encontrou mais algum sumo! Contudo, o caso continua inexplicável a não ser o fato de a figura central ser uma mulher.

Scott Eccles, excitadamente, observou:

— Ainda bem que o Inspetor encontrou o bilhete que confirma a minha versão... Mas ainda não me contaram o que aconteceu a Garcia e aos dois criados.

Gregson esclareceu:

— Garcia foi encontrado assassinado, esta manhã, em Oxshott Common, a cerca de um quilômetro da Wisteria Lodge. Reduziram-lhe o crânio a uma amálgama de sangue e miolos, por meio de violentos golpes desferidos com um saco cheio de grãos de chumbo, ou qualquer objeto semelhante. Aparentemente, o primeiro golpe foi-lhe vibrado quando se encontrava de costas; mesmo depois de morto, o assassino continuou, furiosamente, a esmagar-lhe a cabeça. Mas não encontramos quaisquer pegadas ou outros indícios que pudessem fornecer-nos uma pista.

— Houve roubo?

— Não. O motivo deve ter sido outro.

— A situação é particularmente trágica para mim — comentou Eccles —, embora eu nada tenha a ver com o fato do Sr. Garcia ter sido assassinado durante a sua saída noturna. Não percebo por que razão a polícia pensou que eu estivesse implicado no crime.

— Pelo simples motivo de o único documento encontrado em poder do morto ter sido a sua carta, confirmando ir visitá-lo na noite do homicídio. Foi o envelope dessa carta que nos revelou a identidade da vítima. Já passava das nove da manhã, quando cheguei à Wisteria Lodge que encontrei vazia. Como o remetente da carta era o senhor, Sr. Eccles, telegrafei a Gregson para que o procurasse. Por outro lado, o telegrama que o senhor enviou ao Sr. Holmes fez com que me reunisse a Gregson, para vir aqui.

— Chegou o momento — decidiu Gregson — de darmos a este assunto um caráter oficial. Queira acompanhar-nos, Sr. Scott Eccles, à Scotland Yard, para que as suas declarações sejam registradas por escrito.

— Estou às vossas ordens — prontificou-se Eccles. — Contudo, Sr. Holmes, peço-lhe que não poupe esforços nem despesas para esclarecer este caso.

Holmes virou-se para o inspetor de Surrey e sondou:

— Não se opõe a que eu preste a minha colaboração?

— De maneira alguma. Sentir-me-ei até muito honrado com o seu auxílio.

— Já agora, pode informar-me quanto à hora em que ocorreu a morte do Sr. Garcia?

— Julgamos poder determinar a hora da morte, por volta de uma da manhã. A essa hora, aproximadamente, começou a chover e Garcia foi abatido, antes de a chuva molhar o terreno à sua volta.

— Mas isso é impossível — interveio Eccles. — A voz de Garcia era inconfundível e estou pronto a jurar que ele próprio falou comigo, no meu quarto, a essa mesma hora.

— É estranho, mas não impossível — considerou Holmes, sorrindo.

— Pode explicar a discrepância? — perguntou Gregson.

— Não me parece muito complexa, mas preciso conhecer melhor os fatos antes de emitir uma opinião definitiva. A propósito, Sr. Baynes, encontrou mais alguns indícios, além da mensagem do papel amarrotado?

O inspetor de Surrey fitou o meu amigo, franzindo o sobrolho, e confirmou:

— Sim. Descobri duas coisas, deveras singulares. Se o senhor puder encontrar-se comigo, depois de eu ter terminado o meu serviço no posto da polícia, gostaria de ouvir a sua opinião a respeito delas.

— Estou inteiramente ao seu dispor, Sr. Bayes — anuiu Holmes, interessado e tocando à campainha para chamar a nossa hospedeira. — Queira ter a bondade, Sra. Hudson, de acompanhar estes senhores à porta; em seguida, agradeça-lhe que mandasse o rapaz expedir este telegrama, com resposta paga de cinco xelins.

Depois de os nossos visitantes se terem retirado, permanecemos em silêncio durante algum tempo. Holmes fumava incessantemente, com a testa franzida, numa intensa concentração. Subitamente, perguntou-me:

— Que pensa de tudo isto, Watson?

— Não entendo coisa alguma — confessei. — Não percebo como Eccles se meteu nesta embrulhada; quanto ao desaparecimento dos criados, deduzo que estão implicados no crime e que fugiram à Justiça.

— É uma hipótese viável... mas concordará ser bastante estranho que os dois criados, mesmo que se achassem de conluio para matarem o patrão, tivessem perpetrado o crime precisamente numa noite em que uma testemunha se encontrava presente.

— Realmente, poderiam ter escolhido outra oportunidade, em que tivessem, mais facilmente, Garcia à sua mercê. No entanto, por que diabo fugiram?

— Essa é uma incógnita importante, assim como o convite de Garcia para que Eccles o visitasse, conhecendo-se ambos de tão recente data. Que poderia o rapaz esperar deste nosso cliente... que não parece particularmente dotado de inteligência, nem de viveza de espírito. Talvez Garcia quisesse servir-se dele como testemunha de qualquer fato relevante, visto Eccles parecer o protótipo da convencional respeitabilidade britânica. Repare que nenhum dos inspetores pôs em dúvida as suas declarações.

— Mas... testemunhar que espécie de fato relevante?

— Daquilo que estaria para acontecer nessa noite... e que não sucedeu como Garcia previra.

— Refere-se a um alibi que Garcia desejaria ver confirmado?

— Exatamente. Suponhamos que os moradores da Wisteria Lodge estavam envolvidos numa empresa criminosa que deveria ser executada, antes de uma da manhã. Se Garcia tivesse adiantado os relógios, poderia induzir Eccles a deitar-se mais cedo do que pensava. Foi ao quarto do nosso cliente, às escuras, indicando-lhe já ser uma hora. Se o crime fosse perpetrado, antes dessa hora, aquele poderia testemunhar, perante o tribunal, que Garcia estava ainda na Wisteria Lodge e, portanto, não o praticara.

— E o bilhete encontrado junto da grade da lareira?

— Pelo seu teor, parece relacionado com as corridas de cavalos: “Nossas cores, verde e branco; verde aberto, branco fechado”. Depois, a marcação de um encontro: “Escada principal, primeiro corredor, sétima porta à

direita, painel verde.” É possível que venhamos a deparar com um marido ciumento. A expedição que Garcia deveria efetuar devia ser perigosa, pois a autora do bilhete auspicou-lhe: “Boa sorte.” Quanto ao “D”, é certamente a inicial de um nome ou de um apelido.

— Como Garcia era espanhol — alvitrei —, talvez esse “D” seja a inicial de “Dolores”, nome muito comum na Espanha.

— Dedução perfeita... mas inadmissível. Se a autora fosse espanhola, teria redigido o bilhete para Garcia na sua própria língua, em castelhano. Creio que a mulher seja inglesa. Agora, resta-nos esperar o regresso de Baynes.

A resposta ao telegrama expedido por Holmes chegou antes de o inspetor de Surrey aparecer. Estendeu-me, comentando:

— Estamos nos movendo em altas esferas.

O telegrama continha uma lista de nomes conhecidos, com os respectivos endereços:

“Lord Harringby, *“The Dingle”*; Sir George Folliot, *“Oxshott Towers”*; Sr. James Hynes, *“Purdley Place”*; Sr. James Baker Williams, *“Forton Old Hall”*; Sr. Henderson, *“High Gable”*; Reverendo Joshua Stone, *“Nether Walsling”*.

— Desta maneira, limita-se o campo de ação — comentou Holmes.

— Certamente que Baynes, com o seu espírito metódico, adotou análogo processo.

— Não percebo o que quer dizer — confessei.

— Concluímos, Watson, que o bilhete enviado a Garcia serviu para marcar o local de um encontro. Se este local tem porta principal, escadaria e um corredor suficientemente grande para dar acesso a sete portas... ou mais... isso significa que a casa é muito grande... e não pode distar de Oxshott mais do que um ou dois quilômetros, visto que Garcia contava poder regressar à Wisteria Lodge, antes da uma da manhã, hora para a qual forjara o seu álibi.

Como as casas grandes, próximas de Oxshott, não devem ser muito numerosas, telegrafei ao agente imobiliário, Sr. Allan, mencionado por Eccles, pedindo-lhe uma lista dessas residências.

Pouco faltava para as seis, quando, na companhia do inspetor Baynes, chegamos à agradável vila de Esher, no Surrey. Holmes e eu instalamo-nos no Bull Hotel, de onde partimos, com o detetive, para a Wisteria Lodge. Nessa fria noite de março, um vento cortante e uma chuva miúda feria-nos o rosto no cenário desolador da região, apenas atravessada pela linha férrea.

CAPÍTULO 2 — O TIGRE DE S O PEDRO

Após um melancólico percurso de cerca de dois quilômetros a pé, chegamos ao alto portão de madeira que dava acesso a uma alameda de castanheiros. Envolto em sombras, esse caminho sinuoso conduzia a uma casa escura que se destacava no céu cor de cinza. Por uma janela da frente, à esquerda da porta, filtrava-se uma tênue luz tremulante...

Baynes informou:

— Coloquei um policial, de guarda. Vou bater à janela.

Atravessou o canteiro de relva e percutiu a vidraça com os nós dos dedos. Através do vidro embaçado vi vagamente um homem levantar-se de salto da cadeira que se achava junto da lareira, ao mesmo tempo em que emitia um grito surdo. Logo a seguir, um policial pálido e ofegante, com uma vela na mão trêmula, veio abrir a porta.

— Que se passa, Walters? — indagou Baynes, secamente.

— Ainda bem que veio, Chefe. A noite tem-me parecido interminável e creio que já não possuo nervos tão rijos como antigamente.

— Nervos, Walters? Nunca pensei que você os tivesse!

— Não os tinha, até ter penetrado nesta casa, fúnebre e vazia! Depois, aquela coisa estranha que se encontra na cozinha... Quando ouvi bater à janela, pensei que fosse ele novamente.

— A quem diabo se refere?

— Ao próprio Diabo, Chefe! Apareceu espreitando à vidraça.

— Quem... e quando sucedeu isso?

— Há cerca de duas horas. Principiava a escurecer e eu estava lendo, naquela cadeira. Não sei o que me fez erguer os olhos... O que sei é ter visto uma cara horrível, fitando-me através do vidro. Parecia feita de barro preto, pintalgado de branco... e enorme... Era o dobro da sua, Chefe! Tinha olhos de peixe e duas fileiras de dentes, como os de uma fera... Até ter desaparecido, não fui capaz de mexer-me dali! Só depois disso, arranjei coragem para sair e dar uma busca pelos arbustos... mas, graças a Deus, nada encontrei!

— Se eu não soubesse que você é um homem corajoso, Walters, perderia a consideração que sempre tive por si. Mesmo que fosse o Diabo, um policial em serviço nunca dá graças a Deus por não ter conseguido deitar-lhe a mão! Tem a certeza, Walters, de que não se tratou de uma visão imaginária, resultante do seu estado de nervos?

Acendendo a lanterna portátil, Holmes interveio:

— Pelo menos, podemos verificar se alguém esteve lá fora, junto da janela.

Pouco depois, observava:

— Estas pegadas na relva são de um indivíduo que calça número 45. Se o corpo for proporcional aos pés, deve tratar-se de um gigante. Parece ter saltado esta cerca de arbustos e fugido para a estrada.

— Bem, fosse o que fosse — decidiu Baynes —, já não está aqui, então vamos revistar a casa.

Os vários quartos e sala nada revelaram de importante. Os ocupantes não tinham muita roupa e utensílios pessoais; quanto à mobília e restantes objetos tinham sido alugados juntamente com a casa. A roupa de Garcia tinha a marca da alfaiataria Marx & Co., de High Holborn, e já se investigara, telegraficamente, que esse Marx nada sabia do seu freguês, a não ser que pagara prontamente, sem regatear. Entre os objetos revistados, encontravam-se alguns cachimbos, romances em inglês e em espanhol, um revólver de modelo antiquado e uma viola.

— Nada de interessante — comentou Baynes. — Vamos agora passar à cozinha.

Era uma divisão de teto alto, mas escura, nos fundos da casa, tendo, a um canto, uma cama com colchão de palha, provavelmente destinada ao cozinheiro. Sobre a mesa, viam-se pratos sujos e restos de comida do jantar da véspera.

— Veja isto, Sr. Holmes — convidou Baynes, aproximando a vela de um estranho objeto que se achava atrás do armário.

Era algo tão enrugado e seco que se tornava difícil identificar: um corpo que dir-se-ia de couro negro, semelhante a uma figura humana, em miniatura.

Ao examiná-lo, pensei que se tratasse de uma criança negra, mumificada... ou de um macaco, com uma fiada de conchas brancas penduradas em torno do pescoço.

— Muito interessante! — apreciou Holmes. — Mais alguma coisa?

Baynes aproximou a vela do lavadouro de louça, e iluminou o corpo e os membros de uma grande ave branca, despedaçada à faca e ainda com algumas penas agarradas à pele.

— Um belo galo branco — identificou o meu amigo. — É, de fato, um achado muito curioso.

Baynes reservava para o epílogo o pormenor mais sinistro. Extraiu de baixo do lavadouro de louça um balde de zinco que continha sangue, já coalhado. Depois, pegou uma bandeja que se achava sobre a mesa, onde se viam fragmentos de ossos queimados.

— Retiramos isto do fogo, mas o médico legista que trouxemos aqui, esta manhã, afirmou não se tratar de restos humanos carbonizados.

— Devo felicitá-lo, Inspetor — elogiou Holmes —, pela maneira inteligente como tem conduzido este caso. Tem qualidades superiores às suas oportunidades.

Os olhinhos porcinos de Baynes luziram de satisfação.

— Tem razão, Sr. Holmes. Um homem nesta província isolada não tem muitas possibilidades de mostrar o que vale... Que pensa destes ossos?

— Parecem-me de cordeiro ou de cabrito.

— E quanto ao galo branco?

— Um pormenor muito curioso, Sr. Baynes.

— Os habitantes desta casa tinham hábitos muito estranhos! Um deles foi assassinado... talvez pelos criados. Como estão sendo vigiados, depressa os apanharei e terei o caso resolvido.

— Portanto, já formulou uma hipótese?

— Sim, Sr. Holmes, e tenciono explorá-la sozinho, para aumentar o meu crédito profissional. O seu nome, Sr. Holmes, já está sobrejamente ilustrado... e eu preciso valorizar o meu. Gostaria de poder declarar ter resolvido este mistério sem o seu auxílio.

Holmes riu, tolerantemente.

— Certamente, Inspetor. Siga o seu caminho, que eu seguirei o meu. Em todo o caso, os meus resultados estarão sempre ao seu dispor. Creio que nada mais resta fazer nesta casa e poderei aproveitar melhor o meu tempo noutro lugar. Adeus e boa sorte.

Percebi que Holmes descobrira nova pista. Como era seu hábito, nada me disse e, pelo meu lado, abster-me de fazer-lhe perguntas, para não perturbar o seu raciocínio. Em tempo oportuno, o meu amigo não deixaria de inteirar-me dos fatos. Contudo, os dias decorriam estagnados, como se a investigação tivesse sido abandonada. Certa manhã, soube que Holmes estivera no Museu Britânico. Exceto a sua alusão a esta visita de estudo, nada mais me confidenciou, gastando o tempo em passeios solitários e tagarelando com os bisbilhoteiros da vila, cuja amizade cultivava.

Certo dia programou:

— Uma semana no campo lhe fará muito bem, Watson. É agradável ver brotar os primeiros rebentos verdes nos arbustos, e as avelaneiras cobrirem-se de flor. Com uma pá, uma caixa de lata e um livro elementar de Botânica, podem gozar-se algumas horas muito instrutivas.

Ele próprio se entretinha com esse equipamento, em excursões pelas cercanias, mas era escassa a quantidade de plantas que trazia para o quarto. Quando se encontrava com o inspetor Baynes, este não escondia o seu contentamento com o curso da investigação. Mesmo assim, surpreendi-me ao ler no jornal, em letras garrafais:

“SOLUÇÃO DO MISTÉRIO DE OXSHOTT PRISÃO DO SUPOSTO ASSASSINO”

Quando li em voz alta esse título, Holmes deu um salto na cadeira, como se tivesse sido picado por uma tarântula.

— Com os diabos! — exclamou. — Será possível que Baynes o tenha caçado?

— É o que parece — reconheci, passando a ler a notícia:

“Em Esher e por toda a região circunvizinha, causou grande sensação a notícia de que, ontem à noite, foi efetuada uma prisão, relacionada com o crime de Oxshott. O cadáver do Sr. Garcia, da Wisteria Lodge, foi encontrado perto de Oxshott, apresentando evidentes sinais de violenta agressão, na mesma noite do desaparecimento de ambos os seus criados. Embora sem provas materiais, presumiu-se que a vítima possuísse objetos de grande valor e que o roubo tivesse sido o motivo do crime. O inspetor Baynes, encarregado da investigação, desenvolveu notáveis esforços para descobrir o paradeiro dos fugitivos. Baseava-se no fato de o cozinheiro ser um indivíduo de aparência invulgar. Segundo o testemunho de vários fornecedores, é um gigante de grande envergadura, mulato, com acentuado tipo negróide e aspecto repelente. Foi visto, na própria noite do crime, e perseguido pelo agente Walters que teve a audácia de regressar à Wisteria Lodge. O inspetor Baynes, esperando que essa visita se repetisse, preparou uma armadilha e caçou-o entre os arbustos que rodeiam a casa. Após violenta luta, durante a qual o agente Downes foi furiosamente mordido pelo selvagem, o cozinheiro acabou por ser preso, sob a acusação de ter assassinado o patrão, Sr. Garcia, da Wisteria Lodge. Esperam-se sensacionais revelações relacionadas com esta captura.”

— Precisamos falar com Baynes o quanto antes, considerou Holmes, pegando o chapéu. — Temos de interceptá-lo, antes que parta do local.

Encontramos o inspetor no momento em que saía do posto da Polícia. Ao ver Holmes, estendeu-lhe um exemplar do jornal e indagou, exultante:

— Já leu essa notícia?

— Sim, Baynes. Peço-lhe que não se ofenda, mas quero dar-lhe um conselho de amigo.

— Um conselho, Sr. Holmes?

— Analisei o caso pormenorizadamente, e convenci-me de que o senhor não está na pista certa. Gostaria de ajudá-lo...

— É muito amável, Sr. Holmes, mas sei perfeitamente o que estou fazendo. Tal como lhe disse... cada um de nós trabalharia por própria conta e risco, cada qual para o seu lado.

— Muito bem, Baynes! Não me leve a mal por ter pensado em auxiliá-lo.

— De maneira alguma. Estou certo de que as suas intenções eram as melhores... Mas cada um de nós tem os seus métodos e sistemas. Eu seguirei os meus e o senhor, se quiser, tente prosseguir nos seus.

— Perfeitamente, Baynes. Não se fala mais nisso.

— Já agora, tenho o prazer de informá-lo de que aquele cozinheiro é um verdadeiro selvagem, forte como um touro e feroz como o Diabo. Antes de conseguirmos subjugar-lo, quase arrancou um polegar de Downing com uma dentada. Praticamente, não sabe uma palavra de inglês e, até agora, só conseguimos arrancar-lhe grunhidos.

— E julga ter reunido provas de que foi ele o assassino?

— Bem... eu não disse isso... mas tenho a minha teoria. O senhor siga a sua, que eu seguirei a minha.

Quando nos afastamos do inspetor, Holmes comentou:

— Há qualquer coisa na atitude de Baynes que não consegui entender bem... Tenho a impressão de que se atira para um abismo, mas que, ao mesmo tempo, está a par de qualquer pormenor...

Ao chegarmos ao Bull Hotel, subimos ao nosso apartamento e o meu amigo apontou-me um sofá.

— Sente-se aí, Watson, pois quero expor-lhe a situação. Provavelmente, precisarei do seu auxílio ainda esta noite.

Considerando o bilhete que foi entregue a Garcia durante o jantar, é de concluir que os criados nada tiveram a ver com aquela mensagem. Também podemos desprezar a teoria de que tencionavam assassinar o patrão. O perigo que Garcia corria situava-se no exterior. Por isso, convidara Eccles para servir-lhe de álibi, enquanto ia executar uma expedição criminosa. Quem o teria morto? Logicamente, a pessoa contra quem arquitetara um golpe... tão grave que o fizera forjar esse álibi.

Partindo desta premissa, podemos perceber o motivo do desaparecimento dos criados, desde que se admita que estavam todos combinados para a mesma ação criminosa. Se esta fosse bem sucedida, Garcia poderia voltar à casa, contando com o álibi de Eccles para eximir-se de qualquer suspeita. Contudo, como a empresa era perigosa, se o patrão não regressasse, os criados deveriam concluir que fora morto... e refugiar-se-iam algures, em segurança, para, por sua vez, tentarem levar a cabo o plano preconcebido, quando tal se-lhes proporcionasse. Esta teoria não lhe parece lógica, meu caro Watson?

— Sim... realmente... mas por que motivo o “selvagem” voltou à Wisteria Lodge?

— Podemos supor que, na confusão da fuga, se tivesse esquecido de qualquer objeto que considerasse precioso e de que não queria separar-se. Isso justificaria o seu regresso à casa.

— É admissível — reconheci — E depois?

— Depois, temos o bilhete recebido por Garcia, à hora do jantar, que indica a existência de um cúmplice, fornecendo-lhe indicações. Esse cúmplice deve encontrar-se numa das grandes moradias das redondezas, cuja lista já lhe mostrei. Durante os meus passeios por esta zona informei-me da história das respectivas famílias e da natureza dos seus ocupantes. Só uma dessas residências me atraiu a atenção. Trata-se da antiga e famosa quinta jacobita de High Gable, a cerca de um quilómetro para lá de Oxshott e, se seguirmos por um atalho, a menos de quinhentos metros da Wisteria Lodge. As restantes pertencem a gente respeitável. Ora, a High Gable foi alugada por um sujeito muito invulgar: um tal Sr. Henderson, com quem falei e me pareceu adivinhar o meu objetivo, mantendo-se circunspecto e desconfiado. Tem cerca de cinquenta anos, cabelos negros e sobranceiras espessas. É forte e enérgico, com o andar imponente de um veado e a majestade de um imperador autoritário, escondendo os pensamentos por trás de um rosto enrugado, como um pergaminho. Pela tez bronzeada, deduz-se ter passado muitos anos nos trópicos.

Henderson tem um secretário, cor de chocolate, de fala branda e expressão falsa, que nos lembra uma serpente venenosa. Chama-se Sr. Lucas. Estes dois parceiros constituem o núcleo da casa.

Henderson tem duas filhas cuja governanta, Sra. Burnett, é uma inglesa quarentona que também merece a nossa atenção. Este grupo de cinco pessoas perfazem, por assim dizer, toda a “família”, que viaja freqüentemente. Ainda há bem pouco tempo, regressou a High Gable, após um ano de ausência. O homem é muito rico, sendo servido por um mordomo e vasto número de criados e criadas, bem alimentados e com pouco serviço, como acontece na maioria das grandes casas inglesas.

Não existe melhor informante do que um criado despeitado por ter sido expulso, e tive a sorte de encontrar um, nas minhas bisbilhotices pela aldeia. Chama-se John Warner e foi antigo jardineiro da High Gable. Alega ter sido despedido num momento de cólera do arrogante patrão... acrescentando que outros criados da casa também detestam Henderson,

que os mantêm sempre atemorizados. Não há dúvida de que se trata de gente muito estranha.

— Como é a casa? — interessei-me.

— Um vasto edifício, dividido em duas alas, quase sem comunicação interior. Numa delas vive a dita “família” e, na outra, a criadagem. Só a criada particular de Henderson serve as refeições. A governanta e as crianças raramente saem, a não ser para o jardim. Henderson, quando se afasta de casa, é sempre acompanhado pelo secretário, Sr. Lucas.

Segundo o seu ex-jardineiro, Warner, “o patrão vendeu a alma ao Diabo, por amor ao dinheiro, e receia que o credor venha buscar o que lhe pertence”. Ninguém sabe de onde aquela gente veio. O temperamento colérico de Henderson já lhe tem causado dissabores. Certa vez, tendo agredido um homem à chicotada, teve de abrir a bolsa, para evitar que a queixa chegasse aos tribunais.

— Estava falando do bilhete... — lembrei.

— Exatamente. Podemos supor que essa missiva, partiu da High Gable, comunicando a Garcia uma oportunidade de executar um plano previamente determinado. Portanto, o jovem espanhol tinha um cúmplice dentro da “fortaleza”... e o raciocínio indica-me que se trata da governanta, Sra. Burnett. Contudo, tanto a idade da mulher, como o seu notório temperamento, excluem uma motivação amorosa entre ambos. Não sendo amor, admite-se a hipótese do sentimento antagônico: ódio a Henderson.

— Surge agora uma circunstância sinistra: a Sra. Burnett desapareceu após a noite do crime. Terá fugido, estará seqüestrada pelo patrão, ou terá também sido assassinada? É-nos fundamental esclarecer este fato, mas não temos pretexto algum em que possamos apoiar um mandado de captura. O desaparecimento da governanta nada prova, embora possa ter sido morta... ou estar em perigo de vida. Só me restou colocar Warner de guarda no portão da High Gable, vigiando as entradas e saídas e, como a Lei é impotente, teremos de correr um certo risco, sozinhos.

— Que sugere que façamos?

— Vamos tentar penetrar no quarto da Sra. Burnett, subindo num telhado que lhe fica por baixo.

Confesso que a perspectiva não me pareceu tentadora. Além dos perigos que poderíamos encontrar naquela casa sinistra, propúnhamo-nos atuar numa posição legalmente condenável. Todavia, o lógico

raciocínio de Holmes e o entusiasmo com que me propusera tal incursão não me permitia recusar-me a compartilhar nela.

Eram quase cinco horas dessa fria tarde de março, em que as sombras começavam a adensar-se prematuramente, quando um indivíduo de aspecto rústico, visivelmente emocionado, irrompeu no nosso quarto.

— Foram-se embora, Sr. Holmes — anunciou. Partiram todos, com exceção da Sra. Burnett, que conseguiu fugir-lhes. Trouxe-a comigo e espera-nos num carro, lá embaixo.

— Bravo, Walters! — regozijou-se Holmes, pondo-se de pé. — As lacunas estão sendo preenchidas, meu caro Watson!

No carro, encontramos uma mulher quase desfalecida pela exaustão nervosa e espelhando no rosto, pálido e aquilino, os vestígios da recente tragédia. Quando erguei os olhos, para fitar-nos, notei que as suas pupilas eram dois minúsculos pontos negros, no centro das enormes íris cinzentas... obviamente, sob a ação de uma forte dose de ópio.

— Como o senhor me recomendou — explicou o ex-jandineiro, seguiu o carro, mal eles partiram para a estação. A Sra. Burnett parecia sonâmbula, mas quando tentaram introduzi-la à força no vagão do trem, recuperou algumas energias, resistiu-lhes e conseguiu escapar. Corri para protegê-la, coloquei-a num carro... e aqui estamos. Mas nunca esquecerei a expressão de ódio do mulato; estou certo de que mataria, se não houvesse testemunhas à nossa volta.

Pouco depois, instalamos a governanta num sofá e servimos-lhe duas xícaras de café forte que, em breve, lhe aclaravam o cérebro, eliminando os nebulosos efeitos do alcalóide.

Holmes chamou Baynes e expôs-lhe a situação, exultando:

— Tenho seguido essa mesma pista desde o início da investigação. O senhor, Sr. Holmes, acabou de obter precisamente a prova de que eu necessitava.

— Também suspeitava de Henderson? — admirou-se o meu amigo.

— Sim, Sr. Holmes. Enquanto o senhor rastejava entre os arbustos da High Gable, eu achava-me sobre uma árvore, assistindo às suas pesquisas. Tratava-se apenas de saber qual de nós dois obteria, primeiro, provas materiais concludentes.

— Nesse caso, por que motivo prendeu o “selvagem”?

Baynes soltou uma gargalhada.

— Tinha a certeza de que Henderson não sairia do seu esconderijo, enquanto se julgasse em perigo. Portanto, prendendo o negro, levei Henderson a acreditar que ninguém se preocupava com a sua pessoa. Previ que, quando fugisse, nos daria uma oportunidade de libertarmos a Sra. Burnett.

Holmes colocou a mão no ombro do inspetor, observando:

— O senhor irá longe na sua profissão. Tem o instinto e a intuição necessários a um bom policial.

Baynes corou de satisfação e informou:

— Tive o cuidado de colocar na estação, durante toda a semana, um agente à paisana, com a missão de seguir essa gente da High Gable. fosse para onde fosse. Ficou alarmado, quando a Sra. Burnett fugiu... mas, como o seu homem a trouxe para cá, tudo acabou satisfatoriamente. Resta-nos ouvir as suas declarações...

— Está recuperando forças — animou-se Holmes, fitando a governanta.
— Já agora, Baynes, diga-me quem é, na realidade, esse Henderson.

— O seu verdadeiro nome é Dom Juan Murillo, em outros tempos mais conhecido como “O Tigre de São Pedro”.

Logo, como um relâmpago, a história daquele indivíduo me veio à memória. Murillo celebrizara-se como sendo o mais cruel e sanguinário tirano que, em tempo algum, governara um país aparentemente civilizado. Poderoso e enérgico, possuía uma capacidade de comando que lhe permitira, durante doze anos, impor o seu jogo odioso sobre um povo aterrorizado. Até uma revolução lhe arrebatou o poder, o seu nome era temido em toda a América Central. Contudo, tão astuto como cruel, pressentiu o perigo iminente e, secretamente, transportou os tesouros do Estado para um navio tripulado por sectários que lhe eram fiéis. Os revoltosos apenas assaltaram um palácio vazio.

O ditador, as suas duas filhas e o secretário Lucas, conseguiram escapar do país com o ouro. A partir de então, desapareceram aos olhos do mundo e a sua identidade, embora frequentemente mencionada na imprensa internacional, acabou por diluir-se no tempo.

— Sim, Sr. Holmes; “O Tigre de São Pedro”! — repetiu Baynes. — Talvez se recorde de que as cores da bandeira de São Pedro são verde e branco; as mesmas referidas no bilhete enviado a Garcia. Este, apesar de

Murillo ter adotado o nome Henderson, conseguiu seguir-lhe o rasto, mas em sentido inverso: Paris, Roma, Madrid e Barcelona, onde o seu navio aportara, em 1886. Durante todo esse tempo os seus inimigos procuraram-no, com o intuito de se vingarem. No entanto, só agora conseguiram encontrá-lo.

A Sra. Burnett, já restabelecida, interveio:

— Descobriram-no há um ano. Já tinham atentado contra a sua vida, mas parece que um espírito demoníaco o protege. Desta vez, o nobre e cavalheiresco Garcia foi abatido e o monstro permanece impune. Mas outro virá, até que seja feita justiça!

As mãos da governanta contraíram-se e o seu rosto cansado empalideceu com o ódio de que se achava possuída.

— De que maneira, Sra. Burnett, sendo cidadã inglesa, se envolveu neste caso, participando de uma conspiração homicida? — sondou Holmes.

— Aderi à conspiração porque à magistratura inglesa pouco importa os rios de sangue que esse tirano derramou pelas ruas de São Pedro... e nada lhe interessa o navio, abarrotado com as riquezas que ele roubou. Para os britânicos, todos esses crimes, mais não são do que meros acidentes cometidos... num outro planeta. Desde que os interesses da Inglaterra não estejam em causa... Mas, para nós, que amarguramos os maiores sofrimentos, não existe demônio algum no Inferno, mais odioso do que Juan Murillo... e não teremos paz, nesta vida, enquanto as suas vítimas não forem vingadas.

— Sim, Sra. Burnett — reconheceu Holmes—, estou a par das atrocidades que esse homem praticou... mas, à senhora, que mal ele lhe causou?

— A política de Murillo consistia em eliminar todo aquele que, pelas suas qualidades, pudesse constituir um futuro rival no governo de São Pedro. Meu marido, Victor Durando... porque Burnett é o meu nome de solteira e, na realidade, sou Sra. Durando... exercia as funções de embaixador de São Pedro, em Londres. Ali nos conhecemos e casamos. Victor era o melhor homem que é possível conceber! Desgraçadamente, Murillo ouviu falar da sua competência, chamou-o à pátria e mandou-o fuzilar. Antes de partir, Victor pressentiu a desgraça e recusou-se a levar-me consigo. Confiscaram-lhe as propriedades e fiquei na miséria, viúva, com o coração despedaçado.

Depois da queda de Murillo, os parentes daqueles que ele desgraçara, roubando e mandando torturar e assassinar, congregaram-se numa sociedade secreta, destinada a permanecer indissolúvel até o cumprimento da missão justiceira. Logo após termos identificado o falso Henderson, coube-me a incumbência de juntar-me à sua família e manter a congregação informada de todas as ações daquele déspota. Consegui tornar-me governanta das suas filhas e, sempre sorridente, resisti às constantes humilhações do canalha. Executou-se um atentado contra ele, em Paris, mas malogrou-se. Henderson, ou seja Murillo, correu toda a Europa, tentando despistar os seus perseguidores. Finalmente, escondeu-se na High Gable. Avisei Garcia, filho de um alto dignitário de São Pedro, também espoliado e assassinado; o jovem tinha consigo dois fiéis companheiros de origem humilde, mas imbuídos da mesma ânsia de vingança e justiça. Mas Murillo, durante o dia, só saía acompanhado do seu guarda-costas, Lucas... antes conhecido por Lopez. Portanto, só à noite poderia ser surpreendido sozinho, no seu quarto temporário, pois mudava constantemente de aposentos para dormir.

Certa noite, depois de ter aberto as portas, como fora previamente combinado, avisei Garcia para que viesse à High Gable. Se o terreno estivesse livre, competia-me fazer sinais com uma luz verde, através de uma janela fronteira à estrada. Contudo, o secretário suspeitou de mim. Ocultara-se atrás de uma cortina e, mal eu acabara de escrever o bilhete, saltou-me em cima. Depois, com o auxílio de Murillo encarceraram-me e só não me apunhalaram ali mesmo por ainda não terem preparado a maneira de fazer desaparecer o meu cadáver.

Durante cinco dias mantiveram-me seqüestrada e semidrogada no meu quarto, quase privada de alimentos. Só ontem me serviram um almoço, mas logo percebi que continha um narcótico. Lembro-me, vagamente, de ter sido arrastada para um carro e, depois, levada para a estação de trem. Compreendi que a minha salvação dependia unicamente do meu esforço e reagi violentamente, quando tencionavam introduzir-me num vagão que, certamente, tinham reservado, só para eles... E, se não fosse a intervenção deste homem que me levou para um carro, não teria escapado. Graças a Deus, estou definitivamente fora do alcance desses miseráveis!

— As nossas dificuldades ainda não terminaram — alertou Holmes. — Ultimada a nossa investigação policial, resta-nos levar a cabo a ação judicial.

— Precisamente — alvitrei. — Qualquer hábil advogado poderá defender Murillo, alegando legítima defesa. Ainda que se provem crimes anteriores, só o assassinato de Garcia foi perpetrado em território britânico... e num tribunal inglês, só poderão ser julgados por essa mesma morte.

— Nada disso! — contrariou Baynes, euforicamente. — Faço um melhor conceito dos nossos juízes. Uma coisa é legítima defesa e outra, atrair a vítima para uma cilada, tencionando abatê-la a sangue-frio. Deixem que os jurados da nossa vila se manifestem no tribunal de Guilford e verão como nos apoiarão quanto ao nosso procedimento.

Apesar de tudo, durante muito tempo, o astuto “Tigre de São Pedro” e o seu sequaz Lucas/Lopez conseguiram despistar os perseguidores. Em Londres, ainda os viram penetrar num prédio da Edmond Street, mas perderam-lhe o rasto, depois de se aperceberem de que tinham fugido, pela porta dos fundos, para o Curzon Square. A partir desse dia, nunca mais foram vistos na Inglaterra.

Só cerca de seis meses mais tarde, os jornais noticiaram que o marquês de Montalba e o Señor Rulli, seu secretário, tinham sido encontrados, assassinados, nos seus quartos do Hotel Ecurial, em Madrid. O duplo homicídio foi imputado aos Niilistas⁴ e os assassinos nunca chegaram a ser presos.

O inspetor Baynes veio visitar-nos na Baker Street, com um jornal em que se descrevia a identificação física dos hóspedes assassinados: o rosto tisonado do secretário Rulli e a compleição imponente, os olhos negros e sobranceiras espessas do seu patrão, marquês de Montalba. Não tivemos dúvidas de que, conquanto tardiamente, a justiça cumprira-se.

Mais tarde, depois de o policial de Surrey ter-se retirado, Holmes, durante a sua cachimbada noturna, apreciou:

— Um caso muito confuso, meu caro Watson. Não conseguirá apresentá-lo sob aquele aspecto coerente e sintético, tão do seu agrado.

⁽⁴⁾ *Sectários de uma doutrina filosófico-política (desenvolvida na Rússia, no século XIX), que negava toda a crença religiosa e tinha por objetivo a destruição radical das estruturas sociais.*
(N. do T.)

A ação abrange dois continentes, atinge dois misteriosos grupos de indivíduos e, ulteriormente, ainda mais complexa se torna com a intervenção do nosso respeitável cliente Scott Eccles, expediente esse que, de resto, demonstra ter Garcia possuído uma imaginação fértil e um arguto instinto de conservação. Apenas se torna notável o fato de, no meio de um intrincado caudal de possibilidades, termos conseguido... com a colaboração do digno Baynes... nos atermos aos fatos essenciais e termos nos orientado em tão tortuosa pista. Há algum pormenor que lhe pareça não ter sido devidamente esclarecido?

— Por que motivo o cozinheiro mulato regressou à Wisteria Lodge, após o assassinato de Garcia?

— Deve ser atribuído ao estranho modelo de couro negro, encontrado na cozinha. O homem era um selvagem primitivo das florestas de São Pedro e aquilo representava para ele um ídolo culto: o seu feitiço. Quando ele e outro criado fugiram para qualquer refúgio, certamente já preparado por um outro cúmplice, o seu companheiro devia tê-lo persuadido a abandonar um objeto tão comprometedor. Contudo, a crença supersticiosa do mulato impeliu-o a voltar à casa no dia seguinte, a fim de recuperá-lo. Ao espreitar pela janela, notou que a cozinha estava ocupada pelo agente Walters. Por isso, aguardou mais três dias, para nova tentativa. Mas Baynes, com a astúcia que lhe é peculiar, embora simulando desprezar o incidente, compreendera-lhe o significado e preparou-lhe uma emboscada... em que o pobre diabo caiu. Mais alguma dúvida, Watson?

— Já agora... como se explica o galo despedaçado, o balde com sangue e ossos carbonizados, naquela fantástica cozinha?

Holmes sorriu e pegou seu bloco de notas.

— Passei uma manhã no Museu Britânico, procurando esclarecer-me acerca dessa matéria. Eis uma citação do livro de Eckerman, *O Vuduísmo e as Religiões dos Negros*:

O praticante de Vudu⁵ nada executa de importante, sem previamente praticar certos sacrifícios, destinados a tornar os seus nefandos deuses

(⁵) Nome de certos ritos de magia, praticados por algumas etnias africanas e suas derivadas americanas, que ainda subsistem nas colônias urbanas negras dos Estados Unidos, no Brasil, no Arquipélago das Antilhas e, principalmente, no Haiti. (N. do T.)

propícios à ação que vai empreender. Em casos extremos, esses ritos chegam a impor a imolação de seres humanos, seguida de canibalismo. Contudo, geralmente, a vítima mais comum é um galo branco, esquartejado vivo, ou uma cabra negra cujo corpo, depois de decepado, é queimado ritualmente.

Portanto, como vê, esse nosso “amigo” selvagem era bastante ortodoxo nos seus ritos supersticiosos. É um caso grotesco, Watson! — acrescentou Holmes, fechando lentamente o bloco de notas. — Mas, como já tive ocasião de fazer-lhe notar, do grotesco ao horrível, vai apenas um passo.



OS PLANOS DO SUBMARINO

Na terceira semana de novembro de 1895, um denso e sombrio nevoeiro envolveu a cidade de Londres.

Desde segunda até quinta-feira não teria sido possível das nossas janelas da Baker Street avistar-se o perfil das casas fronteiras.

Holmes passara esse primeiro dia conferindo o índice do seu enorme livro de referências; no segundo e terceiro, ocupara-se com o seu passatempo favorito dos últimos tempos: música renascentista. No quarto dia, quando, depois de termos afastado as cadeiras da mesa do desjejum, vimos a espessa névoa passar diante dos olhos e condensar-se nas vidraças em gotas viscosas, o temperamento impaciente e ativo do meu amigo começou a dar sinais de já não suportar aquela existência monótona.

Começou a andar de um lado para o outro na sala de estar, invadido por uma febre de energia recalcada, mordiscando as unhas e tamborilando com os dedos nos móveis, desesperado com a inação.

Por fim, sondou:

— O jornal traz alguma coisa com interesse?

Sabia perfeitamente que para Holmes uma notícia interessante teria de referir-se a um acontecimento relacionado com a criminologia. Havia referências a uma revolução, à eventualidade de uma guerra e à iminência de mudança do Governo, mas nada disso se incluía na esfera de interesse do meu companheiro.

Nas colunas dedicadas à crônica criminal, nada via que não fosse vulgar e fútil.

Desapontado, Holmes resmungou e recomeçou a sua incessante peregrinação entre as quatro paredes da sala. Num tom de voz lamentoso, como a de um caçador que vê fugir-lhe a presa, observou:

— O criminoso londrino é desprovido de imaginação. Espreite por esta janela, Watson, e repare nos vultos dos transeuntes, quase invisíveis, para logo se sumirem no nevoeiro. Tal como o tigre entre as moitas o ladrão ou o assassino pode vaguar por Londres livremente, sem ser

presentido, até o momento de atacar, tornando-se apenas perceptível para a própria vítima, no instante do assalto.

— Só ocorreram uns furtos, sem importância — comentei.

Com um gesto de desprezo, Holmes replicou:

— Este cenário vasto e sombrio está reservado para algo mais importante. É uma verdadeira sorte para a comunidade eu não ser criminoso.

— Isso é um fato — concordei, convicto.

— Suponhamos que eu fosse Brooks, ou Woodhouse, ou qualquer outro dos cinquenta homens que julgam ter motivo justificado para atentar contra a minha vida; por quanto tempo conseguiria eu sobreviver à minha própria perseguição? Um apelo, uma emboscada, e tudo estaria acabado para mim. Ainda bem que nos países latinos, mais propícios ao assassinio, não há dias de nevoeiro como este... Salve!... Talvez venha aí alguma coisa que quebre esta insipidez mortal!

Era a nossa hospedeira, com um telegrama. Holmes abriu-o e riu.

— Esperava tudo, menos isto! O meu irmão Mycroft não tarda aí.

— Que tem isso de extraordinário? — admirei-me.

— É como se fosse possível ver-se um elétrico numa ruela de província. Mycroft tem os seus trilhos habituais, por onde segue inexoravelmente. Vai do seu apartamento, na Pall Mall, para o Diógenes Club e, daí, para o Whitehall... Esse é o seu ciclo quotidiano. Que me lembre, só uma única vez apareceu por aqui. Que cataclismo poderá tê-lo feito descarrilar?

— Não o explica? — interessei-me.

Holmes estendeu-me o telegrama do irmão.

Precisamos falar acerca de Cadogan West. Sigo imediatamente.

Mycroft

— Cadogan West? Creio já ter ouvido mencionar esse nome.

— Não me ocorre... mas para levar Mycroft a sair dos seus hábitos... É o mesmo que um planeta desviando-se da sua órbita. Você, Watson, já sabe o que Mycroft faz na vida?

Recordava-me vagamente das suas funções, por ocasião do caso do “Intérprete Grego”¹.

— Creio que desempenhava uma missão qualquer, a serviço do Governo britânico — arrisquei.

Holmes soltou uma curta risada e elucidou:

— Nessa época, Mycroft ainda não o conhecia bem, Watson! Quando se trata de altos assuntos do Estado, é necessário manter-se uma certa discrição. Efetivamente, o meu irmão trabalha para o Governo britânico. Num certo sentido, poder-se-ia até dizer que, em dadas ocasiões, tem sido o próprio Governo britânico.

— Meu caro Holmes! — espantei-me, perante o exagero.

— Já esperava o seu assombro, Watson. Mycroft recebe quatrocentas e cinquenta libras por ano, permanece numa posição subalterna, não nutre ambições de espécie alguma, recusa-se a receber honrarias ou títulos nobiliários, mas nem por isso deixa de ser o homem mais indispensável do país.

— Como?

— A sua posição é única; criou-a especialmente para ele. Possui o cérebro mais metódico e preciso deste mundo, com uma insuperável capacidade para registrar fatos. Os mesmos dons potenciais que tenho dedicado à detecção de crimes, Mycroft aplica-os ao seu trabalho especial. Cada departamento do Estado canaliza para ele as respectivas conclusões e Mycroft é o centro polarizador, a máquina avaliadora que contribui para o nosso equilíbrio político.

Todos os outros funcionários são especialistas; porém, a faculdade de Mycroft é ser onisciente. Suponhamos, por exemplo, que certo ministro precisa de uma informação acerca de um problema que envolva a Marinha, a Índia, o Canadá e o bimetalismo. Poderá obter pareceres isolados sobre cada assunto, provenientes dos diversos departamentos; contudo, só Mycroft se encontra em condições de catalisá-los, simultaneamente, discernindo a maneira como cada um deles exerce influência sobre os outros.

(¹) *Novela inserta nas páginas 79 e seguintes da obra A face amarela e outras histórias, da Série 1. (N. do T.)*

A fim de facilitar as conclusões dos serviços, começaram por utilizar as aptidões do meu irmão, apenas por mera comodidade. Presentemente, tornou-se indispensável.

No seu cérebro privilegiado tudo se encontra classificado, prestes a ser utilizado a qualquer momento. Em muitíssimos casos, a sua opinião condicionou ou, mesmo, decidiu a política nacional. Vive exclusivamente para isso e não pensa em mais nada, a não ser quando, a título de exercício intelectual, se digna prestar-me atenção... pois já lhe tenho pedido um parecer acerca de alguns dos meus modestos problemas.

Contudo, hoje, Júpiter resolver descer à terra. Que diabo terá acontecido? Quem será esse Cadogan West e que pode significar para Mycroft?

— Eureka! — exclamei, mergulhando na pilha de jornais que se achava num sofá. — Cá está Cadogan Politano, na terça-feira de manhã.

— Deve tratar-se de um caso grave, Watson, para forçar o meu irmão a desviar-se dos seus hábitos! Por que se interessará por esse acidente? Creio tratar-se de um jovem que se suicidou, lançando-se de um trem na linha. Não houve roubo, nem motivo para pensar-se num ato de violência de terceiros. Não foi isso?

— Iniciou-se um inquérito em que surgiram várias particularidades inéditas. Deve tratar-se de um caso suspeito.

— A julgar pelo efeito produzido no meu irmão, é certamente um caso dos mais estranhos. Quais são os fatos conhecidos, Watson?

— O jovem Arthur Cadogan West tinha vinte e sete anos, era solteiro e funcionário do Arsenal de Woolwich.

— Tinha, portanto, um emprego público, provavelmente relacionado com o meu irmão. Que mais?

— Desapareceu subitamente de Woolwich, na segunda-feira à noite. Foi visto pela última vez por sua noiva, Srta. Violet Westbury, de quem se separou repentinamente no meio do nevoeiro, às sete e meia dessa mesma noite. Não houve qualquer zanga entre eles e a jovem não pode explicar a inesperada atitude do rapaz. Depois disso, apenas se sabe que o seu cadáver foi encontrado por um operário, chamado Mason, encarregado da conservação das vias férreas do metropolitano², logo depois da estação de Aldgate, ao longo da rede subterrânea londrina.

(²) Trem que une Londres aos arredores, passando, por vezes, sob túneis. (N. do T.)

— A que horas?

— Às seis da manhã de terça-feira. Encontrava-se atravessado sobre a linha férrea que vai para leste, à saída do túnel. O crânio estava esmigalhado, talvez em consequência da queda do trem. Só poderia ter atingido a linha dessa maneira. Se alguém tivesse transportado o corpo, para aquele local, vindo da rua próxima, teria sido obrigado a passar pelas cancelas da estação, onde se encontra sempre um fiscal de via ou um cobrador de bilhetes.

— Portanto, o rapaz, morto ou vivo, caiu ou foi projetado do trem. Que mais, Watson?

— As composições que cruzam as linhas, do lado em que o corpo foi encontrado, dirigem-se de oeste para leste. Algumas destas composições são trens exclusivamente metropolitanos; outras, provêm de Wildesden e de ramais adjacentes. Embora seja impossível determinar qual o local de embarque da vítima, tem-se a certeza de que viajava nessa direção. Contudo, não se encontrou qualquer bilhete de trem em seu poder.

— Com os diabos! — Isso é realmente estranho, Watson! Pela minha experiência pessoal, sei ser impossível chegar à plataforma do trem subterrâneo, sem se exibir a respectiva passagem. De resto, o passageiro tem de conservá-lo, para ulterior fiscalização do revisor, no meio do percurso. Por conseguinte, é de presumir que alguém lhe tirou o bilhete, a fim de ocultar o nome da estação de onde provinha... A menos que o tivesse deixado cair dentro do vagão. De qualquer modo, a falta do bilhete é um pormenor interessante. Tem a certeza de que não houve roubo?

— Aparentemente, não. Aqui está uma lista do que foi encontrado no corpo; um livro de cheques, da filial de Woolwich do Capital & Counties Bank, que permitiu identificar a vítima; um porta-moedas com duas libras e quinze xelins; dois bilhetes para o espetáculo do Woolwich Theatre, com a data dessa mesma noite e, finalmente, um pequeno rolo de documentos técnicos.

— Ora aí tem, Watson! — regozijou-se Holmes. — Governo britânico... Arsenal de Woolwich... documentos técnicos... Mycroft! Tudo se encadeia perfeitamente!... Se não me engano, creio que está batendo à porta, para expor-nos o assunto pessoalmente.

Instantes depois, a figura alta e corpulenta de Mycroft Holmes entrava na sala. De compleição robusta e maciça, dava a idéia de uma incrível

inércia física. Contudo, o tronco era encimado por uma cabeça de fronte ampla, com olhos de um cinzento de aço, lábios de linhas firmes e uma expressão tão autoritária que, após a primeira impressão de um volume indolente, adivinhava-se-lhe uma mente dominadora.

Acompanhava-o o nosso amigo Lestrade, da Scotland Yard, magro e austero. Pela seriedade das expressões de ambos, depreendia-se que se tratava de um assunto realmente grave, de maior importância. O inspetor da Polícia limitou-se a apertar-nos a mão, sem proferir palavra. Mycroft Holmes tirou o sobretudo e deixou-se cair numa poltrona.

— Um caso deveras desagradável, Sherlock — preambulou. — Detesto, profundamente, ter de alterar os meus hábitos, mas as altas esferas não quiseram ouvir desculpas... Na atual situação política que o Sião atravessa, torna-se-me desairoso ter de afastar-me do Ministério. Contudo, este caso do Cadogan West constitui um rastilho para uma crise governamental. Nunca vi o primeiro-ministro tão transtornado. Quanto ao Almirantado, parece uma colméia com um enxame alvo-voado. Já leu as notícias?

— Acabamos de lê-las. A que documentos técnicos se refere o jornal?

— Felizmente a Imprensa nada sabe de concreto. Caso contrário, já teria armado um escândalo dos diabos. Os documentos que West levava no bolso eram os planos do submarino Bruce Partington.

Mycroft expressava-se com uma solenidade que demonstrava a importância que atribuía ao fato.

— Já ouviu falar deles?

— Apenas vagamente — respondeu Sherlock Holmes.

O irmão prosseguiu:

— Não exagere se afirmar que se trata do segredo de Estado mais cuidadosamente guardado. Basta assegurar que no raio de ação de um submarino Bruce Partington se torna impraticável uma batalha naval.

Há dois anos, com o maior sigilo, conseguimos apartar do orçamento do Estado uma vultosa quantia para adquirimos o monopólio da invenção. Os planos do submersível, extremamente complexos, compreendem cerca de trinta patentes autônomas, cada qual essencial para a execução global, que são conservadas na casa-forte especial de um departamento secreto, perto do Arsenal, cujas portas e janelas são à prova de arrombamento.

Os planos não deviam ter sido levados dali, sob pretexto algum. Se o construtor-chefe da Marinha desejasse consultá-los, teria de dirigir-se ao Departamento de Woolwich, após obter a necessária autorização. Contudo, surgiram nos bolsos de um jovem funcionário subalterno, assassinado no centro de Londres. Um fato verdadeiramente espantoso.

— Nesse caso, recuperaram-nos?

— Não, Sherlock. A tragédia reside em não termos conseguido reavê-los. Furtaram dez documentos que estavam no Departamento de Woolwich e só se encontraram sete, nos bolsos de West. Os três mais importantes “evaporaram”. Compreende?

Tem de abandonar tudo quanto tiver nas mãos, Sherlock. Os seus pequenos problemas policiais podem esperar, pois este é da maior relevância internacional. Com que objetivo Cadogan West se apoderou dos planos; onde estão os que faltam; como foi ele morto e por quem; por que apareceu o seu cadáver naquele local? Enfim, de que maneira poderá remediar-se esta desgraça?

Se encontrar resposta para todas estas perguntas, prestará um inestimável serviço ao nosso país.

— Por que não responde, você mesmo, a essas incógnitas? É tão inteligente como eu.

— É provável, Sherlock, mas trata-se de recolher pormenores. Só você tem perícia para obtê-los. Quanto a mim, da minha poltrona, poderei auxiliar fornecendo uma opinião de perito.

Bem sabe que a minha especialidade não é correr de um lado para o outro, interrogar guardas do metropolitano e andar de rastos, de lupa em punho. Você é a única pessoa com capacidade de desvendar este mistério... E se lhe interessa ver o seu nome na próxima lista de honrarias concedidas pela Coroa...

O meu amigo sorriu, abanando a cabeça.

— O meu interesse é meramente “desportivo”. Contudo, o problema apresenta certos aspectos interessantes que terei gosto em analisar... mas preciso de mais alguns dados.

— Anotei neste papel os elementos que considere fundamentais, assim como alguns endereços que serão úteis. Presentemente, o responsável oficial pelos documentos é o famoso perito do Estado, *Sir James Walter*, cujos subtítulos e condecorações enchem várias linhas do anuário de referências pessoais. Envelheceu o serviço da pátria, é um

perfeito cavalheiro, hóspede favorito das mais eminentes famílias e, sobretudo, um homem cujo patriotismo paira acima de qualquer suspeita. É uma das duas únicas pessoas que têm, à sua guarda, as chaves da casa-forte.

Posso ainda afirmar que os documentos ainda se encontravam no Departamento, durante as horas de expediente de segunda-feira, e que *Sir James* partiu de Woolwich para Londres por volta das três horas, trazendo a chave consigo. Quando se verificou o incidente, achava-se no Barclay Square, em casa do almirante Sinclair, onde permaneceu até tarde.

— Esse pormenor foi confirmado?

— Sim; o irmão de *Sir James*, coronel Valentine Walter, comprovou a sua partida de Woolwich e o almirante Sinclair testemunhou a hora de chegada a Londres. Por conseguinte, *Sir James* deixa de constituir um interveniente direto no caso.

— Quem possui a segunda chave?

— Sr. Sidney Johnson, empregado de nível superior e desenhista técnico de engenharia naval do Arsenal. Tem cerca de quarenta anos, é casado e pai de cinco filhos. Embora sendo um indivíduo taciturno e resmungão, é considerado funcionário exemplar. Apesar de trabalhar incansavelmente, não goza de grande popularidade entre os seus colegas. Segundo as suas próprias declarações, apenas corroboradas pela mulher, permaneceu em casa durante toda a noite de segunda-feira, após ter regressado do trabalho. Afirmou que a chave nunca saiu da corrente do seu relógio, à qual se encontra presa.

— E quanto a Cadogan West? — perguntou Sherlock Holmes.

— Trabalhava, há dez anos, nesse Departamento, tendo sempre prestado bons serviços. Conquanto de temperamento irascível e por vezes violento, era considerado um rapaz de caráter e honesto. Nada consta em seu desfavor. No Departamento, estava diretamente subordinado a Sidney Johnson e as suas funções colocavam-no, diariamente, em contato pessoal com os planos. Mais ninguém tinha oportunidade de tocá-lo.

— Naquela noite, quem os guardou na casa-forte?

— Sidney Johnson.

— Embora os planos tenham sido encontrados no cadáver de West, torna-se evidente ter sido Johnson quem os tirou da casa-forte, visto só ele ter a segunda chave. A menos que West possuísse uma chave falsa.

— Assim parece, Sherlock... à primeira vista. Contudo, outros pormenores continuam inexplicáveis. Para começar, por que motivo fez isso?

— É de presumir que os planos tenham grande valor monetário.

— Sim. Poderiam facultar-lhe vários milhares de libras.

— Tem alguma hipótese plausível que justifique o roubo dos documentos, sem ser com o intuito de vendê-los?

— Não.

— Portanto, devemos encarar a venda dos planos como ponto de partida. Bastava a West arranjar uma chave falsa?

— Precisaria também da chave do edifício e do cofre-forte — elucidou Mycroft.

— Admitamos que as possuía. Pode ter retirado os planos para copiá-los e vender as cópias, depois de tê-los reposto no seu lugar, antes que dessem pela sua falta. Porém, em Londres, no decurso da sua condenável missão, foi assassinado. É de supor que regressava a Woolwich, quando foi morto e projetado para fora do trem — admitiu o meu amigo.

— O cadáver foi encontrado em Aldgate, portanto muito longe da estação da London Bridge. Talvez se tivesse encontrado, no vagão, com alguém que, após uma violenta altercação, o tivesse morto... Ou, talvez, por qualquer motivo, ao tentar saltar do trem, em andamento, tivesse caído na via férrea e morrido. A tal pessoa poderia ter fechado a porta do vagão. O nevoeiro era muito denso e nada foi visto.

— Por enquanto, não antevejo melhor explicação. Contudo, Sherlock, não devemos desprezar a possibilidade de West ter, realmente, uma razão especial para levar os documentos, de Woolwich para Londres. Poderia ter combinado um encontro com um agente estrangeiro a quem venderia os planos, diretamente, sem sequer dar-se ao trabalho de copiá-los. Então, ficando com a noite livre, teria comprado dois bilhetes, para ir com a noiva ao teatro. Porém, em vez disso, só a acompanhou até metade do caminho e desapareceu, subitamente, no nevoeiro noturno.

Lestrade, que ouvia as conjecturas com evidente impaciência, sugeriu:

— Talvez se tratasse de um estratagema, para despistar...

— Estratagema muito improvável, por pouco pertinente. Suponhamos, porém, que West chegou a Londres onde se avistou com o

agente estrangeiro, mostrando-lhe os planos. Mas precisava regressar a Woolwich, antes do amanhecer, para poder repô-los no seu lugar, sem que dessem pela falta deles. Levava dez consigo, mas só se encontraram sete. Que aconteceu aos restantes três? E onde se encontra o pagamento da sua traição, se não foi encontrada uma quantia vultosa em seu poder?

— Para mim, o problema se apresenta claro — interveio Lestrade. — West roubou os documentos, para vendê-los ao agente estrangeiro, mas não chegaram a acordo quanto ao preço. Voltou para casa, mas aquele seguiu-o, assassinou-o no trem, após ter-se apoderado dos três planos mais importantes, e atirou o cadáver à linha.

— Mas por que motivo West não trazia consigo o bilhete do trem?

— Talvez indicasse a estação mais próxima da morada do agente estrangeiro, que achou conveniente tirar-lhe o bilhete para não deixar qualquer pista.

— Muito bem, Lestrade! — elogiou Sherlock Holmes. — A sua teoria é bastante viável e, se for verdadeira, o caso está esclarecido: o traidor foi assassinado e os planos do submarino Bruce Partington já foram para o continente. Sendo assim, que nos resta fazer?

— Agir, Sherlock! — exaltou-se Mycroft. A minha intuição revolta-se contra essa explicação. Coloque as suas faculdades em ação e vá ao local do crime. Interrogue as pessoas implicadas nos acontecimentos e investigue o caso, a fundo. Nunca, na sua carreira, se apresentou melhor ocasião para servir o nosso país.

— Está bem! — cedeu o meu amigo, encolhendo os ombros. — Venha daí, Watson... E você, Lestrade, pode acompanhar-nos, por uma ou duas horas? Começaremos por investigar a estação de Aldgate... Até logo, Mycroft. Darei notícias, antes do anoitecer, embora tenha poucas esperanças.

Uma hora mais tarde, Holmes, Lestrade e eu, encontrávamo-nos sobre a linha do metropolitano, no ponto em que os carris emergem do túnel. Um homem de idade, cortês, de rosto corado, estava ali em representação da companhia das estradas de ferro.

— Aqui — apontou para um lugar, a cerca de um metro da via férrea, — jazia o corpo do rapaz. Não podia ter caído do teto do túnel, visto que, como vêem, estas paredes verticais são inacessíveis. Por conseguinte, só poderia ter sido projetado de um vagão ... e, certamente, de um trem que tenha passado, por volta da meia-noite de segunda-feira.

— Foram encontrados indícios de uma ação violenta, em qualquer dos vagões?

— Não, nem encontramos o bilhete da passagem, no cadáver do passageiro.

— Estava aberta alguma porta da composição?

— Não. Todos os vagões tinham as portas fechadas ao chegarem à estação.

Lestrade informou:

— Hoje de manhã, reunimos novos indícios. Um passageiro que passou por Adgate, num trem comum por volta das onze e quarenta da noite de segunda-feira, declarou ter ouvido um ruído de choque, como o de um saco pesado, ou de um corpo caindo na linha, pouco antes de a composição entrar na estação. Contudo, o nevoeiro era demasiado denso para que pudesse ver alguma coisa. Nessa altura, não dera grande importância ao fato... Mas que diabo está acontecendo, Sr. Holmes?

Com uma expressão de enorme interesse, o meu amigo fixava as vias férreas, no ponto em que estas, descrevendo uma curva, no entroncamento, emergiam do túnel.

— Os desvios — murmurou. — Os desvios!

— Que têm de especial?

— Suponho que não haja muitos desvios neste sistema ferroviário.

— São realmente poucos.

— Desvios e curva... Se assim fosse...

— De que se trata, Sr. Holmes? Encontrou algum indício?

— Apenas uma mera suposição que contribui para aumentar o meu interesse por este caso... Não vejo o menor sinal de sangue na via.

— Realmente, não havia sangue.

— Mas o ferimento não era grande?

— Bem, o crânio estava esmagado, porém, quanto a ferimento externo, dir-se-ia reduzido.

— Mas a vítima devia ter sangrado. Posso inspecionar o trem a que se referiu?

— A composição do trem já foi desligada e as carruagens redistribuídas por outras composições.

Lestrade apressou-se a informar:

— Posso afiançar-lhe, Sr. Holmes, que examinei pessoalmente todos os vagões.

Uma das fraquezas do meu amigo era mostrar-se impaciente perante inteligências menos dotadas do que a sua.

— É provável — resmungou, afastando-se. — Na realidade, não eram propriamente os vagões que eu pretendia examinar. Nada mais temos a fazer aqui, Watson, pelo que não vale a pena importunarmos Lestrade, por mais tempo. Vamos para Woolwich.

Na estação de London Bridge, deu-me previamente para ler o telegrama que expediu para o irmão:

“VISLUMBRO CERTA LUZ NAS TREVAS MAS PROVÁVEL
SE EXTINGA PONTO PEÇO ENVIE PARA BAKER STREET
LISTA COMPLETA TODOS ESPÍÕES ESTRANGEIROS OU
AGENTES DUPLOS INTERNACIONAIS RESIDENTES
INGLATERRA COM RESPECTIVOS ENDEREÇOS POR
EXTENSO

SHERLOCK”

Ao tomarmos lugar no trem para Woolwich, comentou:

— Este pedido poderá ser-nos útil. Devemos estar gratos ao meu irmão Mycroft, por ter-nos apresentado um caso que promete revelar-se fora do comum.

Mostrava-se radiante, ativo, bem diferente do homem inerte e abatido que, nessa manhã, em roupão cinzento escuro, palmilhava, de um lado para o outro, a saleta isolada pela névoa exterior. Poder-se-ia comparar ao cão de caça que, encerrado no canil, estagna, de orelhas pendentes e cauda baixa, e que, achando-se no campo, com olhos brilhantes e músculos tensos, fareja caça próxima.

— Formulei a hipótese de que West foi morto noutra lugar e o seu cadáver seguia no teto do vagão.

— No teto? – admirei-me.

— Ora, reflita, Watson: será por mera coincidência que o corpo foi encontrado no local onde o trem mais estremece e oscila? Não seria exatamente ao passar sobre os desvios do entroncamento e descrevendo uma curva que um vagão teria expelido um fardo que transportasse no teto? Se o cadáver não caiu dele, naquele lugar, deparamos com uma coincidência muito extraordinária. Obviamente, se West foi morto noutro lugar, não teria deixado sangue dentro do trem.

— E não teria precisado do bilhete – alvitrei.

— Exatamente. A sua ausência parecia inexplicável, mas a presente hipótese justifica-a. Tudo se articula agora com precisão.

Ao chegarmos à estação de Woolwich, Holmes chamou um carro de praça e, ao entrar nele, extraiu do bolso o papel que Mycroft lhe entregara.

— Creio que *Sir James Walter* é a primeira pessoa a merecer uma visita nossa.

A residência do famoso perito era uma bela moradia, rodeada de um vasto relvado verde que se estendia até as margens do Tâmis. Ao chegarmos lá, o nevoeiro começava a dissipar-se e os pálidos raios do sol penetravam debilmente a neblina.

O mordomo que veio atender-nos, informou, com um ar de grave solenidade:

— *Sir James*?... Faleceu, esta manhã!

— Santo Deus! — exclamou Holmes, surpreso. — Como morreu ele?

— Os senhores não desejam entrar e falar com o Coronel Valentine, irmão de *Sir James*?

Fomos introduzidos numa sala onde, instantes depois, um homem alto, aparentando cinquenta anos, de feições delicadas e barba pouco densa, nos recebeu. Era o irmão mais novo do defunto cientista. Tinha o rosto ainda marcado pelo choro e o cabelo em desalinho. O desgosto quase o impedia de falar claramente:

— Foi esse horrível escândalo — explicou. — O meu irmão era muito sensível a questões de honra. Sempre se orgulhara da eficiência do seu Departamento e a presente catástrofe aniquilou-o. Perdeu o ânimo e não conseguiu sobreviver a tamanha vergonha... Provavelmente, convenceu-se da culpabilidade de Cadogan West. E eu, também.

— Não poderá, Coronel, sugerir-nos alguma pista?

— Só sei o que li e ouvi, Sr. Holmes. Não quero ser indelicado, mas, após esta desgraça, peço licença para dar por terminada a vossa visita.

Ao regressarmos ao trem, Holmes observou:

— Fiquei sem saber se a morte do velho foi natural, ou se devida a suicídio. O Coronel deixou-me nessa dúvida, ao abreviar tão bruscamente a nossa entrevista. Vamos, agora, visitar a família de West.

A mãe do rapaz, inconsolável, habitava uma pequena casa nos arredores da cidade. Achava-se demasiado abatida pela dor, para poder ser-nos útil. Contudo, a seu lado, encontrava-se uma jovem, pálida, que se nos apresentou como sendo a noiva de Arthur Cadogan West. A Srta. Violet Westbury fora a última pessoa conhecida que o vira vivo, na noite fatal.

— Não posso compreender, Sr. Holmes — declarou ela. — Desde a tragédia não consigo dormir. Noite e dia, penso incessantemente no significado da ocorrência. Arthur era um rapaz simples, cavalheiresco e verdadeiramente patriótico. Preferiria cortar a mão direita, a vender um segredo de Estado confiado à sua guarda. Para quem o conhecia bem, como eu, essa hipótese é absolutamente impossível, absurda.

— Mas... os fatos, Srta. Westbury? — objetou Holmes.

— Sim... Reconheço a minha incapacidade para explicá-los.

— Estaria West necessitado de dinheiro?

— Não. Os seus gastos eram módicos e ganhava um esplêndido ordenado. Não tinha anseios de grandeza, já economizara algumas centenas de libras e devíamos casar-nos pelo Ano Novo.

— Não lhe notou, ultimamente, qualquer perturbação? Peço-lhe, Srta. Westbury, que seja franca conosco.

Violet corou, indecisa.

— Realmente — confessou. — Tive a impressão de que havia algo que o preocupava.

— Há muito tempo?

— Há coisa de uma semana. Tornara-se pensativo e inquieto. Em certa ocasião, insisti em que se abrisse comigo. Admitiu andar perturbado com o serviço e justificou-se: — “É um assunto demasiado grave para que ouse falar dele... nem mesmo a você.” — Nada mais consegui arrancar-lhe.

A expressão de Holmes tornou-se grave.

— Queira prosseguir, Srta. Westbury, mesmo se tiver a impressão de que está depondo contra ele. Não sabemos aonde esta história nos poderá conduzir.

— Francamente, nada mais tenho a dizer-vos. Por uma ou duas ocasiões, pareceu-me estar prestes a confiar-me o seu segredo. Certa noite, falou-me da importância de uns documentos secretos e tenho a vaga idéia de que se referiu ao fato de os espiões estrangeiros estarem prontos a pagar uma fortuna por eles.

A fisionomia do meu amigo tornou-se ainda mais severa.

— Nada mais?

— Acrescentou que “estávamos sendo negligentes a respeito de tais assuntos e que um traidor poderia, facilmente, apoderar-se dos planos”.

— West fez essa observação, recentemente?

— Sim, num destes últimos dias.

— Bem... fale-nos agora da última noite em que o viu.

— Tínhamos combinado ir ao teatro. O nevoeiro era tão denso que se tornava impraticável utilizar um carro. Decidimos ir a pé e, no caminho, passamos perto do Departamento onde trabalhava. Então, subitamente, desatou a correr e desapareceu no nevoeiro.

— Sem proferir palavra?

— Apenas o ouvi soltar uma exclamação. Ainda fiquei à sua espera, mas não voltou, de maneira que voltei para casa. Na manhã seguinte, procurei saber notícias de Arthur e, quando o Departamento abriu, vieram interrogar-nos, à mãe dele e a mim. Por volta do meio-dia, soubemos da horrível notícia. Oh, Sr. Holmes! Se, ao menos, pudéssemos salvar-lhe a honra! Ele prezava-a tanto!

Holmes abanou a cabeça, tristemente.

— Vamos, Watson — decidiu. — Ainda temos muito que fazer. Vamos ao Departamento de onde roubaram os documentos.

Quando o carro começou a rodar, Holmes considerou:

— Os indícios contra West já lhe eram bastante desfavoráveis e, agora, as nossas investigações ainda mais o prejudicam. O seu casamento próximo pode ter constituído motivo para o crime. Naturalmente, precisava de dinheiro e essa idéia pode tê-lo obcecado. Falou à noiva a

esse respeito, quase a tornando cúmplice da traição ao mencionar os seus projetos. A conjuntura apresenta-se péssima para ele.

— Contudo, Holmes — objetei —, não acha que o caráter do rapaz deve ser tomado em consideração?... Além disso, por que motivo teria abandonado a noiva, no meio do nevoeiro?

— Precisamente! A sua objeção, Watson, é pertinente, mas os fatos que se lhe opõem são poderosos.

O funcionário-chefe, Sr. Sidney Johnson, veio ao nosso encontro, no átrio, e recebeu-nos com o respeito que o cartão de Holmes sempre suscitava. Era um homem de meia-idade, de peito encovado, e a emoção dos últimos acontecimentos fazia-lhe tremer a mão que nos estendeu.

— Que tragédia, Sr. Holmes! Já sabe da morte do nosso chefe?

— Estivemos hoje em sua casa.

— Tudo aqui está um caos. *Sir* James morto. Cadogan West presumivelmente assassinado e os planos roubados! Contudo, na noite de segunda-feira, ao encerrarmos o expediente, tínhamos ainda motivo para nos considerarmos o mais eficiente Departamento do Governo. Santo Deus! É inacreditável que precisamente West fosse cometer um tal desatino!

— Tem certeza de que ele foi o autor do desvio dos planos?

— Quem mais poderia tê-lo feito? Contudo, confiava nele, como em mim próprio.

— A que horas fecharam o expediente, na segunda-feira?

— Às cinco, como é normal.

— Foi o senhor, Sr. Johnson, quem fechou as portas?

— Sou sempre o último a sair.

— Onde estavam os planos?

— No cofre da casa-forte... além.

— Não fica um guarda vigiando o exterior do prédio?

— Sim, mas tem de rondar as várias repartições. É um antigo soldado, pessoa da máxima confiança. Nada viu, sem dúvida porque a névoa era muito espessa.

— Se Cadogan West quisesse fora das horas do expediente chegar aos documentos, precisaria de três chaves, não é assim?

— Exatamente. A chave da porta da rua, a da casa-forte e a do cofre.

- *Sir James* era um homem de hábitos regulares?
- Creio que sim. No que se refere a essas três chaves, trazia-as sempre juntas, no seu porta-chaves.
- E costumava levar esse porta-chaves, quando ia para Londres?
- Creio que nunca se separava dele.
- E o senhor, Sr. Johnson, nunca se separou da sua chave?
- Nunca!
- Nesse caso, para inculparmos West, teremos de concluir que possuía duplicatas dessas três chaves... No entanto, nenhuma foi encontrada nos seus bolsos. Uma outra pergunta, Sr. Johnson: se um funcionário deste Departamento tivesse a intenção de vender os planos, não lhe seria mais fácil copiá-los aqui dentro do que arriscar-se a subtraí-los, provocando um inquérito escandaloso?
- Bem, nem todos os funcionários poderiam copiar os planos. Só possuindo profundos conhecimentos técnicos conseguiria fazê-los de maneira eficiente.
- Compreendo... creio que tanto o senhor, Sr. Johnson, como *Sir James* e Cadogan West teriam competência técnica para executar essa reprodução, não é verdade?
- Sem dúvida alguma, mas peço-lhe, Sr. Holmes, que não me envolva nessa especulação abstrata, tanto mais que se demonstra inútil, visto que os planos originais foram encontrados em poder de West.
- Sim, mas é estranho que ele se arriscasse a roubar os originais, podendo copiá-los facilmente com os mesmos resultados vantajosos.
- É estranho, mas foi precisamente o que ele fez.
- Os documentos desaparecidos são os de maior importância?
- Sim.
- Só com esses três e sem os restantes sete seria alguém capaz de construir um submarino Bruce Partington?
- Efetivamente, foi isso que declarei ao Almirantado. Contudo, estive hoje revendo os desenhos e já não estou tão certo de que os três planos, isolados, bastem para a construção desse tipo de submersível. Uma das inovações básicas é o conjunto de válvulas duplas que se fecham automaticamente. Ora, os desenhos a elas referentes encontram-se entre os sete planos recuperados. Enquanto o país estrangeiro que se apoderou

dos restantes três não inventar esse sistema essencial de imersão e emersão, não poderá construir o submarino... mas é claro que essa dificuldade poderá ser, mais tarde ou mais cedo, suplantada.

— Compreendo. Agora, se me permite, gostaria de dar uma volta pelo interior do edifício.

Holmes inspecionou a fechadura da casa-forte e as do cofre; depois, as portas interiores de ferro da janela da sala. Só quando nos achamos no exterior, manifestou o seu interesse. Por baixo da janela crescia um arbusto cujos ramos superiores estavam vergados e alguns até quebrados. Examinou-os com a lupa e o mesmo fez com o terreno, ao redor. Por fim, pediu ao Sr. Johnson que fechasse as portas de ferro da janela e apontou para o espaço que deixavam no centro, o que permitiria que qualquer pessoa do lado de fora espreitasse para o interior da sala.

— Os três dias que passaram antes de examinarmos este local prejudicaram os vestígios, mas talvez não tivessem grande valor. Bem, Watson, penso que nada mais temos a fazer em Woolwich. Vejamos se, em Londres, temos mais sorte.

Porém, na estação, o empregado da bilheteria, junto da porta de acesso à plataforma, informou-nos ter visto Cadogan West, na noite de segunda-feira. Conhecia-o bem, de vista, e garantiu-nos que tomara o trem das oito e quinze, para a London Bridge. Estava só e comprara uma passagem de terceira classe. O empregado notara que o rapaz parecia nervoso e agitado, a ponto de a mão lhe tremer ao recolher o troco.

Consultando o horário dos trens, verificamos que a composição das oito e um quarto era a primeira que West poderia ter tomado, depois de ter deixado a noiva, às sete e trinta.

Após um longo silêncio, Holmes resumiu:

O resultado da nossa investigação em Woolwich foi, na generalidade, desfavorável a West, mas os vestígios junto da janela induzem a uma hipótese mais propícia. Suponhamos que um estrangeiro o abordou acerca da praticabilidade do roubo dos planos, fazendo-o jurar que manteria o segredo. Mesmo assim, West desabafou com a Srta. Violet Westbury. Quando seguia com ela a caminho do teatro podia ter visto o tal indivíduo, dirigindo-se para o Departamento. Colocando o seu dever à frente da devoção, separou-se da jovem, para espiar o

estrangeiro. Suponhamos, também, que, vendo-o roubar os documentos, se lançou em sua perseguição. Um ladrão não poderia copiá-los; era forçado a roubá-los, o que não era o caso de West.

Por que motivo West não o agarrou, dando o alarme? Seria um funcionário britânico, de categoria superior à dele? Ou um espião estrangeiro que conseguira escapar no nevoeiro. Presumindo que West sabia quem ele era e onde morava, podemos admitir que o seguiu num trem para Londres. O caso devia ser de extrema urgência, visto que abandonou a noiva no meio da rua, imersa numa névoa cerrada.

Neste ponto do raciocínio, deparasse-nos uma vasta lacuna: por que o mataram, deixando-lhe sete documentos no bolso; por que o colocaram sobre o teto de um vagão do metropolitano?

O instinto sugere-me que passe a investigar o caso, começando pelo lado oposto. Se Mycroft já me mandou a lista dos endereços que lhe pedi, talvez descubramos uma boa pista.”

Realmente, na Baker Street, esperava-nos uma carta trazida por um mensageiro do Governo. Depois de relancear os olhos pela folha de papel, Holmes estendeu-me.

“O cardume de espões é grande; contudo, poucos são os peixes grados, capazes de realizar um golpe de tal envergadura. Os únicos dignos de menção são: Adolph Meyer – Great George Street, n.º 31, de Westminster; Louis La Rothière – Campden Mansions, de Notting Hill; e Hugo Obernstein – Caufield Gardens, n.º 13, de Kensington. Sabe-se que este último esteve, na segunda-feira, em Londres e que saiu agora da cidade, com destino desconhecido. Regozijo-me com a notícia de que conseguiu descobrir alguns indícios. O Gabinete aguarda com impaciência o seu relatório final e as altas esferas insistem no fator de máxima urgência. Todas as forças do Estado estarão à sua disposição, caso venha a necessitar delas.

Mycroft”

Sorrindo, Holmes comentou:

— Receio que todos os cavaleiros da Rainha³ e os demais servidores não nos possam valer neste caso.

Estendeu sobre a mesa a grande carta topográfica de Londres e começou a estudá-la minuciosamente.

Momentos depois, manifestou algum otimismo:

— Finalmente, o vento começa a soprar a nosso favor. Agora, Watson, vou dar uma volta pela cidade. É um simples giro de reconhecimento. Não efetuarei qualquer investigação importante sem estar acompanhado pelo meu fiel companheiro e ilustre biógrafo. Espere-me aqui. Estarei de volta dentro de uma ou duas horas, o mais tardar. Se o tempo lhe parecer demasiado longo, pegue a caneta, papel e tinta, e entretenha-se iniciando a narrativa de como, juntos, conseguimos salvar a Pátria.

Senti-me contagiado pelo seu irônico bom humor, pois sabia que Holmes nunca abandonava a habitual austeridade sem ter boas razões para isso. Com impaciência, aguardei o seu regresso naquela infundável tarde de novembro. Finalmente, pouco depois das nove, veio um mensageiro com o seguinte bilhete:

“Janto no Goldini, da Gloucester Road, em Kensington. Peço-lhe para vir ter comigo, imediatamente. Traga um pé-de-cabra, uma lanterna de bolso, um escopro e o seu revólver.

S. H.”

Agradáveis utensílios para um cidadão respeitável transportar consigo através das ruas escuras, envoltas em nevoeiro. Ocultei-os sob o sobretudo e dirigi-me ao endereço indicado. Fui encontrar o meu amigo sentado a uma mesa redonda, junto à porta do restaurante italiano.

(³) *Victoria. (N. do T.)*

— Já jantou, Watson?... Nesse caso, faça-me companhia, tomando um café e um cálice de Curaçau⁴. Experimente os charutos da casa. São menos mortais do que a maioria dos que se vendem por aí. Trouxe os utensílios que lhe recomendei?

— Tenho-os aqui, debaixo do sobretudo.

— Ótimo! Vou resumir-lhe os passos que já dei e transmitir-lhe algumas instruções para os que nos resta dar.

Começo por recordar-lhe que o cadáver de West foi colocado sobre o teto do trem. Por isso não deixara vestígios de sangue no interior de qualquer vagão. Quando a composição passou no cruzamento das vias férreas do entroncamento, descrevendo uma curva, caiu sobre a linha.

— Teria sido atirado de uma ponte, para cima do teto?

— Considero isso improvável, senão impossível. O teto dos vagões são abaulados, sem qualquer anteparo, para não acumularem a água da chuva. Se atirassem o cadáver, do alto de uma ponte, teria rolado logo para o solo. Só antevejo uma possibilidade. Em certos pontos do West End, os trens metropolitanos passam fora dos túneis, estando a via ladeada por prédios cujas janelas dão para a linha férrea. Quando um trem pára, exatamente debaixo de uma dessas janelas, seria extremamente fácil depositar um cadáver sobre o teto do vagão mais próximo.

— Essa idéia parece-me inverossímil — discordei.

— Não devemos esquecer-nos da velha premissa de que, quando todas as hipóteses prováveis falham, devemos recorrer às aparentemente improváveis. Acontece, meu caro Watson, ter descoberto que o principal agente internacional, que acaba de deixar Londres, residia num desses prédios que ladeiam a linha férrea.

— A qual dos espíões se refere?

— Ao Sr. Hugo Oberstein, que se achava instalado no nº 13 dos Caufield Gardens. Iniciei a minha investigação na estação de trem da Gloucester Road, onde um funcionário, muito amável, me acompanhou

⁽⁴⁾ Licor feito com casca de laranja, proveniente de uma das ilhas, do mesmo nome, das Pequenas Antilhas, perto da costa Norte da Venezuela. No século XVI, a tripulação de uma nau portuguesa encontrou aí citrinos selvagens, com que se curou do escorbuto. Por esse motivo denominou a ilha “Curação”; mais tarde, os Holandeses deturparam essa designação para Curaçao e Curaçau. (N. do T.)

ao longo da linha e teve o cuidado de apontar-me um ponto em que, devido à intercessão das vias, sucede terem os trens de parar alguns minutos para a “mudança da agulha”. Verifiquei, então, que as janelas dos fundos dos prédios dos Caufield Gardens dão precisamente para esse entroncamento. As do primeiro andar ficam a meio metro dos tetos do trem.

— Magnífico, Holmes! O caso está resolvido — exultei.

— Calma, Watson! Fizemos alguns progressos, mas ainda estamos longe de alcançar a nossa meta! Depois de ter estudado os fundos daqueles prédios, dirigi-me aos Caufield Gardens e entrei no número 13. A casa é espaçosa, mas encontra-se vazia. Oberstein morava ali, exatamente nos primeiros e segundo piso, com um único criado de confiança... provavelmente seu cúmplice. Deduzi que teria partido para o continente, não com a idéia de fugir, mas apenas para negociar os planos, pois nunca lhe passaria pela cabeça que um policial amador se lembraria de dar uma busca ao seu domicílio, nem teria motivo para requebrar um mandado de prisão. Cumpre-nos agora, Watson, passar um “pente fino” em sua casa.

— Não seria conveniente obtermos um mandado de busca?

— Não o concederiam, devido à nossa falta de provas.

— Que devemos procurar?

— Documentos... à correspondência.

— Vai ser arriscado... sem um mandado oficial.

— Pois arrisquemo-nos. Se quiser, você limita-se a ficar de guarda à porta. Eu encarrego-me de praticar o delito. Pense em Mycroft, no Almirantado, no Governo, no país. Precisamos agir, sem demora.

A minha resposta foi erguer-me da mesa. Holmes imitou-me e apertou-me a mão. Depois, observou:

— Vamos a pé, pois são só quinhentos metros. Não deixe cair esses instrumentos. Temos de acautelar-nos, visto que a prisão de Oberstein, como suspeito, não sendo corroborada por provas evidentes, traria complicações desastrosas. A caminho... e sem pressa, como quem passeia.

Os Caufield Gardens apresentavam prédios de fachada lisa, com pórticos e pilares, característicos do período vitoriano, no centro do West End de Londres. Na casa vizinha àquela aonde nos dirigíamos, parecia realizar-se uma festa de crianças, pois ressoavam vozes infantis e

acordes de um piano. A névoa continuava densa, protegendo-nos com uma sombra propícia. Holmes acendeu a lanterna de bolso e examinou a porta do número 13.

— Eis um obstáculo difícil de transpor — reconheceu. — Além de estar fechada à chave, deve ter uma tranca interior. Resta-nos tentar os fundos. Se um policial demasiado zeloso vier interromper-nos, temos ali um arco sob o qual poderemos ocultar-nos. Ajude-me a saltar o muro. Depois, lhe darei a mão, para que me siga.

Transposto o muro, encontramos-nos num pátio. Mal alcançamos a sombra, ouvimos os passos de um policial da ronda ecoarem nas trevas do nevoeiro. Quando o som esmoreceu na distância Holmes, utilizando uma chave falsa, abriu a porta dos fundos. Entramos, fechando a porta, e deparamos com uma escada curva, sem passadeira. Pouco depois, o meu amigo iluminava com a lanterna uma janela baixa.

— Cá está, Watson... Deve ser esta!

Abriu e não tardou a ouvirmos a estrepitosa aproximação de um trem. Este parou, cerca de dois minutos na escuridão, antes de prosseguir viagem.

Holmes percorreu com o facho luminoso o peitoril da janela, coberto da fuligem expelida pelas locomotivas. Contudo, em alguns pontos, a sujeira de fumaça via-se riscada, quase apagada.

— Aqui está onde apoiaram o cadáver. Repare, Watson. Manchas de sangue, bem visíveis... E também nos degraus de pedra da escada. Esperemos por outro trem.

Quando a composição seguinte parou, com um ranger de freios, verificamos que o teto do vagão, bem à nossa frente, não chegava a distar meio metro. Holmes fechou a janela, silenciosamente.

— Até aqui, a nossa hipótese está comprovada. Que pensa de tudo isto, Watson?

— É a sua obra-prima. Nunca foi tão brilhante, Holmes!

— Não concordo consigo, nesse ponto. Logo que concebi a possibilidade de o corpo ter sido colocado sobre o teto, a seqüência tornou-se fácil. Contudo, as nossas dificuldades ainda não foram superadas. Estão altos interesses envolvidos no caso...

Subimos a escada de serviço e penetramos no piso superior cuja sala de jantar, sobriamente mobiliada, nada continha de interessante, assim

como o quarto seguinte. Porém, o último aposento, um escritório, estava apinhado de livros e papéis. Rápida, mas metodicamente, Holmes revistou o conteúdo de todas as gavetas e armários, mas sem progresso algum.

— Aquele patife nada deixou que o incriminasse. A nossa última esperança residia numa correspondência comprometedora. Resta-nos arrombar este pequeno cofre de ferro, sobre a escrivaninha.

Com o auxílio do escopro, o meu amigo conseguiu soltar a tampa. Continha vários rolos de papel, repletos de números e cálculos incompreensíveis, lendo-se, repetidamente, as palavras “pressão de água” e “pressão por centímetro quadrado”, o que talvez se relacionasse com um submarino. Conjuntamente, encontrava-se um envelope contendo recortes de jornais.

Subitamente, a expressão de Holmes desanuviou-se.

— Parecem anúncios. Pelo tipo de impressão, dir-se-ia publicados no *Daily Telegraph*. Este é o canto superior direito de uma página... Não tem data, mas talvez consigamos ordená-los cronologicamente. Deve ser este o primeiro:

“Esperava receber notícias mais cedo. Concordo com as indicações. Escreva, pormenorizadamente, para o endereço do cartão. Pierrot.”

— Agora, outro:

“Demasiado complexo. Necessito relatório completo. Pagamento imediato, após entrega da mercadoria. Pierrot.”

— Mais este:

“Negócio urgente. Se o contrato não for integralmente executado, retiro a oferta. Marque encontro por carta. Confirmarei por anúncio. Pierrot.”

— Por último, este outro:

“Segunda-feira, depois das nove da noite. Duas pancadas. Só nós dois. Pronto pagamento contra entrega da mercadoria. Pierrot.”

— Como vê, Watson, uma cadeia de mensagens bem seqüente. Tentemos descobrir quem está na outra ponta.

Depois de pensar alguns momentos, decidiu:

— Acho melhor irmos ao *Daily Telegraph*.

No dia seguinte, após o desjejum, Mycroft e Lestrade compareceram ao encontro que Sherlock Holmes lhes marcara. O homem da Scotland Yard abanou a cabeça ao ouvir o meu amigo relatar-lhe a nossa violação de domicílio da véspera.

— Esses meios não são legítimos, Sr. Holmes. Não admira que consiga obter resultados superiores aos da Polícia. Contudo, o senhor e o seu amigo podem vir a encontrar-se em apuros...

— Nesse caso, seremos imolados no altar da Pátria. Que pensa disto, Mycroft? Viu a mensagem de hoje, de Pierrot?

— O quê? Publicou outro anúncio?

— Sim. Aqui está.

E estendeu-lhe o *Daily Telegraph*.

Mycroft leu, em voz alta:

“Hoje à noite. Mesma hora, mesmo lugar. Duas pancadas. Assunto vital. Sua própria segurança em jogo. Pierrot.”

— Com os diabos! — exultou Lestrade. — Se ele aparecer, deitamos-lhes a unha!

— Foi isso mesmo que pensei ao mandar, ontem, publicar esse anúncio. Se pudermos acompanhar-nos por volta das oito desta noite aos Caufield Gardens, talvez nos encontremos à beira de uma solução.

Uma das características de Sherlock Holmes era a sua faculdade de afastar do espírito as preocupações, derivando-as para entretenimentos secundários, quando deparava com uma pausa forçada no seu trabalho.

Passou aquele memorável dia embrenhado numa monografia que se propunha publicar acerca dos “Motetes Polifônicos de Lassus”⁵. Como não consigo abstrair-me facilmente de um problema grave, aquelas horas pareceram-me intermináveis, sentindo os nervos desfeitos, dada a importância nacional do caso.

Só senti o espírito aliviado quando, após uma rápida refeição, fomos nos encontrar com Mycroft e Lestrade, diante da estação de Gloucester Road.

Mycroft recusou-se a saltar a grade de ferro, pelo que tive de ir franquear-lhe a porta dos fundos que, na véspera, tínhamos aberto e apenas deixado no trinco. Às nove horas, encontrávamo-nos sentados no escritório de Oberstein, esperando-o pacientemente.

Ao ouvirmos soar as onze badaladas no grande relógio da igreja próxima, já começávamos a desmoralizar. Mycroft e Lestrade agitavam-se nas cadeiras, consultando constantemente os relógios. Holmes permanecia calmo, com as pálpebras semicerradas, mas com os sentidos bem atentos. Subitamente, murmurou:

— Aí vem ele.

Através da porta, soaram passos furtivos; depois, duas pancadas da maçaneta da entrada. Fazendo-nos sinal para que permanecêssemos sentados, Holmes ergueu-se e foi abri-la. O bico de gás do vestíbulo estava graduado para um mínimo de luz. O recém-chegado penetrou na semi-obscuridade e o meu amigo trancou a porta, convidando:

— Por aqui.

Quando o indivíduo se achou diante de nós, soltou um grito de espanto e virou-se, numa tentativa de fuga, mas Holmes segurou-o pelo pescoço e impeliu-o na nossa direção. Perdendo o equilíbrio, o preso caiu, bateu com a cabeça no soalho e perdeu os sentidos. O chapéu de

(⁵) *Orlandus Lassus, Orlando di Lasso ou, mais propriamente, Roland Delatre, compositor da escola francesa, nascido em Mons (atual cidade belga), por volta de 1521. Foi mestre de capela, na igreja de São João de Latrão, em Roma; depois de uma estada na França e na Inglaterra, foi mestre de capela do duque Alberto da Baviera; notabilizou-se pela sua música religiosa e também por composições profanas, particularmente lieder e também madrigais. Morreu em Munique, em 1594. (N. do T.)*

abas largas rolou, soltou-se-lhe o cachecol que lhe cobria a base do rosto, e deparamos com o rosto pálido, de linhas delicadas e longa barba, do Coronel Valentine Walter.

— Desta vez, Watson, pode considerar-me um asno! — proferiu o meu amigo, mostrando-se admirado. — Não era esta a presa que eu esperava!

— Quem é ele? — inquiriu Mycroft, ansioso.

— O irmão mais novo do falecido *Sir James Walter*, chefe do Departamento de Submersíveis. É o Coronel Walter... Está recuperando os sentidos... Deixem-me ser eu a proceder ao interrogatório.

Tínhamos transportado o coronel para um sofá. Aí, olhou em torno de si e passou a mão pela testa.

— Que se passa? Quem são os senhores? Vim fazer uma visita a Herr Oberstein e...

— Não se canse, Coronel Walter. Estamos a par de tudo. Não compreendo como o senhor, sendo um cidadão inglês, tenha procedido dessa maneira. Sabemos que espécies de relações manteve com Oberstein e lemos a correspondência que trocaram, assim como aclaramos as circunstâncias do assassinato de Cadogan West. Aconselhamo-lo, portanto, a tentar atenuar os seus crimes, fazendo uma confissão completa.

O homem soltou um gemido e escondeu o rosto entre as mãos.

— Sabemos — prosseguiu Holmes — que tinha uma urgente necessidade de dinheiro; que tirou moldes das chaves do seu irmão para fazer duplicatas, e que contactou com Oberstein, através do *Daily Telegraph*; também que, na noite de segunda-feira, coberto pelo nevoeiro, foi ao Departamento de Woolwich, sendo então seguido pelo jovem West que já suspeitava do senhor. O rapaz assistiu ao furto dos planos, mas não ousou dar o alarme, pois não podia saber se o senhor estaria encarregado, por seu irmão, de levá-los a Londres. Seguiu-o até esta casa e, aqui, não hesitou em intervir, mas o senhor, Coronel Walter, acrescentou ao crime de traição à Pátria o ainda mais abominável crime de assassinato.

— Não! Não o matei! Juro que não fui eu! — gritou Walter.

— Nesse caso, como explica que o cadáver de West tenha sido colocado sobre o teto de um vagão do metropolitano?

— Explicarei tudo. Efetivamente, eu precisava com desesperada urgência pagar um débito na Bolsa, e Oberstein ofereceu-me cinco mil libras para que eu me salvasse da ruína iminente. Contudo, não sou responsável pela morte de West. O rapaz suspeitava de mim e seguiu-me, mas, em virtude do nevoeiro, só dei por isso depois de ter batido as duas pancadas convencionais à porta desta casa. Quando Oberstein a abriu, West forçou a entrada, inquirindo o que pretendíamos fazer com os planos. Oberstein, que trazia um porrete na mão, desferiu-lhe um golpe na cabeça... e, poucos minutos depois, West morria. Então, Oberstein lembrou-se dos trens que passavam rente às janelas dos fundos, mas, antes de desfazer-se do cadáver, examinou os documentos que eu lhe levava e decidiu levar os três planos essenciais. Opus-me, porque a nossa anterior combinação se baseara na execução de uma rápida cópia. Porém, por serem demasiado técnicos, Oberstein concluiu ser impossível copiá-los nessa mesma noite, antes de eu poder repô-los no Departamento. Resolveu enfiar os restantes sete documentos nos bolsos do rapaz, de maneira a que o roubo lhe fosse atribuído. Só então, protegidos pelo nevoeiro, pudemos colocar o cadáver sobre o teto de um vagão, durante a parada habitual do trem.

— Como reagiu *Sir* James perante o senhor, Coronel Walter, ao tomar conhecimento do roubo dos planos?

— O meu irmão nada me disse. Contudo, certa vez, já me tinha surpreendido a mexer-lhe nas chaves. Justifiquei-me, dizendo estar vendo as horas no seu relógio, mas li-lhe a suspeita no olhar. Ficou tremendamente abalado e...

Mycroft interveio:

— O senhor, Coronel Walter, pode atenuar o crime que praticou, indicando-nos onde se encontra Oberstein, com os documentos roubados.

— Não sei... Foi para Paris... Apenas me disse que, se eu precisasse comunicar-me com ele, lhe escrevesse para o Hotel du Louvre... e que, dessa maneira, as cartas lhe chegariam às mãos.

— Nesse caso — animou-se Holmes —, nem tudo está perdido.

— Farei tudo quanto estiver ao meu alcance — prometeu Walter. — Detesto esse Oberstein que foi o causador da minha desgraça.

— Pois bem, sente-se ali, à mesa, e escreva o que vou ditar-lhe. Tem aí papel e tinta. Preencha o envelope com o endereço indicado. Agora, vamos ao texto:

“Caro senhor,

Em referência à nossa transação, certamente notou a falta de um pormenor essencial nos planos, respeitante às válvulas duplas de imersão e emersão. Consegui obtê-lo, mas, para tal, envolvi-me numa penosa situação que me força a pedir-lhe um acréscimo de quinhentas libras. Não me atrevo a enviar-lhe estes documentos, por via postal, pois a minha correspondência pode estar sendo violada pelas autoridades. Por outro lado, não posso aceitar cheques: só ouro ou notas. Não poderei ir ao seu encontro visto que a minha saída do país suscitaria suspeitas. Portanto, espero encontrá-lo na sala de fumo do Charing Cross Hotel, no próximo sábado, ao meio-dia. Não se esqueça de que não aceitarei senão notas ou ouro.”

— É quanto basta — considerou Holmes. — Ficaria surpreso se esta carta não impelir Oberstein a regressar a Londres.

Foi o que sucedeu e o episódio já se insere na história secreta do país, bem mais interessante do que as crônicas do domínio público. Ansioso por ultimar, integralmente, o golpe mais brilhante da sua carreira, Oberstein caiu na armadilha e acabou por ficar encarcerado, durante quinze anos, numa prisão britânica. Na sua mala foram encontrados os planos do submarino Bruce Partington, de que nunca se separava e cuja venda pela melhor oferta propusera a todos os centros navais da Europa.

Quanto ao Coronel Walter, dois anos após a sentença do tribunal marcial, morreu na sua cela da prisão do Estado.

Sherlock Holmes, com renovado entusiasmo, reembrenhou-se na sua monografia sobre os “Motetes Polifônicos de Lassus” que veio a ser publicada numa edição reduzida e considerada pelos mais eruditos conhecedores como sendo um ensaio de notável mérito cultural.

Algumas semanas mais tarde, vim a saber, por mero incidente, que o meu amigo passara um dia no castelo de Windsor, de onde regressou com um alfinete de gravata que ostenta uma magnífica esmeralda. Quando lhe perguntei se entregara-se à fantasia de gastar uma fortuna para comprá-lo, respondeu-me que lhe fora ofertado por uma nobre dama cujos interesses superiores tivera a honra de servir, numa delicada missão.

Nada mais acrescentou, nem seria necessário, pois logo adivinhei o nome dessa augusta senhora e estou certo de que esse alfinete de esmeralda não deixará, para sempre, de recordar ao meu amigo a venturosa investigação dos planos do submarino Bruce Partington.



O PEQUENO LORDE

N o nosso pequeno palco da Baker Street temos assistido a entradas e saídas dramáticas, mas de nada me recordo de mais súbito e surpreendente do que a primeira aparição do Dr. Thorneycroft Huxtable, médico de clínica geral e cirurgião, cujo cartão de visita, que precedeu a intrusão, parecia demasiado pequeno para conter todos os seus diplomas científicos.

Ao penetrar na sala com tanta dignidade e pompa, dir-se-ia personificar a solidez física e moral. Contudo, o seu primeiro gesto, depois de fechar a porta, foi apoiar-se à mesa, cambaleante. No instante seguinte deslizava para o chão e, inconsciente, ali ficou a majestosa personagem, estendida no tapete de pele de urso.

Holmes e eu levantamo-nos prontamente e, por segundos, olhamos silenciosos e espantados para aquele naufrago que, assim, nos exprimia qualquer tempestade fatal no mar da vida.

Em seguida, Holmes acorreu com uma almofada que colocou sob a cabeça do homem e, eu, com um cálice de conhaque, para reanimá-lo. O rosto pálido do nosso visitante apresentava rugas de preocupação e, sob os olhos, se viam círculos sombrios; tinha os cantos da boca descaídos, numa expressão dolorosa, e a barba por fazer.

O colarinho e o peito da camisa apresentavam vestígios de uma longa viagem. O homem, a nossos pés, com os cabelos em desalinho, parecia uma criatura ferida pelo destino.

— Que me diz, Watson? — sondou Holmes.

— Exaustão total... e, talvez, fome e cansaço — diagnostiquei, segurando o pulso onde a vida se manifestava debilmente.

Tirando-lhe do bolso do colete um bilhete de trem, Holmes observou:

— Passagem de regresso para Mackleton, Norte da Inglaterra. Ainda é meio-dia. Não há dúvida de que partiu cedo.

As pálpebras inchadas do médico tinham começado a estremecer e, agora, os seus olhos cinzentos fitavam-nos inexpressivamente. Instantes depois, ergueu-se, rubro de vergonha.

— Perdoe-me a fraqueza, Sr. Holmes, mas estou esgotado. Muito obrigado. Se me derem um copo de leite e um biscoito, creio que me sentirei melhor. Vim até aqui pessoalmente, para pedir-lhe que me acompanhe a Mackleton. Receei que um telegrama, por mais insistente que fosse, não o convencesse da urgência deste caso.

— Espero que se sinta melhor.

— Já estou bem. Não sei como fraquejei de tal maneira. Desejo que venha comigo, no próximo trem.

Holmes abanou a cabeça.

— O meu amigo, Dr. Watson, poderá confirmar-lhe que nos achamos presentemente muito ocupados. Estou trabalhando no caso dos documentos Ferress e no assassinato de Abergavenny que, em breve, será julgado. Nesta altura, só um assunto muito grave me afastaria de Londres.

— Grave! — exclamou o nosso visitante, erguendo os braços. — Não ouviu falar do rapto do único filho do duque de Holdernesse?

— O ministro?

— Exatamente. Procuramos manter o fato, tanto quanto possível, ignorado pelos jornais, mas, ontem à noite, foi publicada uma alusão, no *Globe*. Pensei que já tivesse conhecimento...

Holmes estendeu o braço e pegou no volume *H* da sua enciclopédia particular. Folheou-o e, momentos depois, lia em voz alta:

“Holdernesse, sexto duque, Governador do Reino, Primeiro Conselheiro...” — Quase metade do alfabeto em iniciais de cargos e condecorações!... — “Conde de Carlton, Barão de Beverley...” — Santo Deus! Que lista!... — “Lorde donatário de Hallamshire, desde 1900. Casou-se com Edith, filha de *Sir* Charles Appledore, em 1888. Tem um único filho e herdeiro, Lorde Saltire. Proprietário de duzentos e cinquenta acres e de minas no Lancashire e em Gales. Residências: Carlton Tejace, Solar Holdernesse, no Hallamshire, e Castelo de Carlton, em Bangor, País de Gales; Lorde do Almirantado, 1872; Secretário-chefe de...” — Bem, não há dúvida de que este cavalheiro é um dos mais distintos súditos da Coroa!

O mais notável e talvez o mais rico. Sei, Sr. Holmes, que o senhor é muito digno na sua profissão, e que está sempre disposto a atuar por amor ao trabalho, mas informo-o de que Sua Graça já declarou estar

disposto a entregar um cheque de cinco mil libras à pessoa que indicar o paradeiro do filho e outro, de mil, a quem comunicar o nome da pessoa ou pessoas que o raptaram.

Depois de ingerir o leite e os biscoitos, o nosso visitante recuperara o brilho dos olhos e a cor das faces e, com vigor e decisão, começou a expor a situação:

— Devo informá-los de que a “Escola do Priorado” é uma instituição de ensino preparatório, particular, de que sou fundador e diretor. Talvez o livro de minha autoria, *Sidelights on Horace*¹ lhe recorde o meu nome. Indubitavelmente, a escola é a melhor e a mais seleta da Inglaterra. Tanto Lorde Leverstoke, como o Conde de Blackwater e *Sir* Cathcart Soames me confiaram a educação de seus filhos. Contudo, julguei ter chegado ao apogeu, quando, há três semanas, o duque de Holderness mandou o seu secretário, Sr. James Wilder, comunicar-me que Lorde Saltire, de dez anos de idade, filho e herdeiro do duque, também me seria confiado. Mal podia adivinhar que esta honra poderia transformar-se no prelúdio do maior infortúnio da minha vida.

— Quando entrou Lorde Saltire para a sua escola?

— O jovem Lorde chegou no dia um de maio, início das aulas de verão. Era um menino encantador que logo se habituou às normas do internato. Creio poder confidenciar (e espero não ser indiscreto, tanto mais que um caso desta natureza exige total sinceridade) que o menino não era muito feliz em casa.

É do conhecimento público que a vida matrimonial do duque não foi das mais felizes e terminou, por acordo mútuo, numa separação de pessoas e bens, tendo a duquesa partido do solar, para ir residir no Sul da França. Este fato era bastante recente e o pequeno Lorde Saltire, muito afeiçoado à mãe, ficou profundamente triste, em Holderness. Foi por esse motivo que o pai decidiu interná-lo na minha escola onde, ao cabo de quinze dias, o menino já parecia feliz, na nossa companhia.

— Quando foi visto, pela última vez?

— Na segunda-feira, 13 de maio.

(¹) *Luzes Acerca de Horácio*, (N. do T.)

— O seu quarto ficava no segundo andar e só tinha acesso por outro, maior, onde dormem dois meninos, seus colegas. Como estes nada viram ou ouviram, deduzimos que Lorde Saltire não saiu por lá.

A sua ausência foi notada às sete horas da manhã de terça-feira. A cama estava desfeita e a janela, aberta. Do lado exterior, os caules trepadores da hera sobem até a altura do telhado, por toda a fachada principal. Portanto, poderia ter saído pela janela... mas não encontramos quaisquer vestígios dessa hipotética descida.

— Sabem como o pequeno Lorde estava vestido?

— Com o seu costume completo, de jaqueta preta, de Eton, e calças cinzentas. Não se viram sinais de alguém ter entrado nos seus aposentos. Além disso, o aluno Caunter, que é o mais velho dos dois colegas do quarto adjacente, tem o sono muito leve, mas nada ouviu.

— Que fez, Doutor Huxtable, ao verificar o desaparecimento do pequeno Lorde?

— Reuni todos os elementos da escola: alunos, professores e criados. Foi então que verificamos que Lorde Saltire não era o único desaparecido. Também faltava o Sr. Heidegger, professor de alemão, cujo quarto se situa no mesmo piso e do mesmo lado do edifício, mas no extremo oposto. A sua cama também estava desfeita, notando-se que dormira nela. Aparentemente, não teve tempo de vestir-se como devia, pois encontramos as suas meias e a camisa no chão. Deve ter descido pela hera, visto termos encontrado as suas pegadas impressas na relva, por baixo da janela. A bicicleta de Heidegger também desapareceu.

— Pode falar-me desse professor de alemão? — interessou-se Holmes.

— Possui as melhores referências e já trabalhava comigo havia dois anos. Embora muito inteligente, é um homem silencioso, soturno, não se tornando muito popular entre os professores e alunos. Até hoje, quinta-feira, não encontramos sinais dos fugitivos. Evidentemente, averiguamos no Solar Holderness que dista apenas alguns quilômetros de distância, se porventura o menino, sentindo-se indisposto, teria ido procurar o pai; mas, lá, nada sabiam do ocorrido.

O duque está muito preocupado e, quanto a mim, pode calcular o estado de prostração em que me encontro, pela responsabilidade e expectativa. Por isso, Sr. Holmes, suplico-lhe que me auxilie com os seus dotes notáveis de investigador, tanto mais que este caso deve merecer o seu interesse.

Sherlock Holmes escutara atentamente a exposição do diretor da escola e a sua expressão manifestava realmente muito interesse pela complexidade do problema. Pegando um bloco de notas, registrou nele alguns pormenores.

— Fez mal — censurou severamente — em não me ter procurado mais cedo. Vou iniciar a investigação com grande desvantagem. É incrível que essa hera trepadeira não apresentasse quaisquer indícios à observação de um perito.

— Receei divulgar um escândalo. Sua Graça não deseja que a sua desventura familiar fique exposta à curiosidade do público. Tem horror à publicidade dos jornais...

— Efetuou-se uma investigação oficial?

— Sim, mas foi decepcionante. Apenas descobriram que um homem e um menino tomaram o trem, numa estação vizinha. Ontem à noite soubemos que ambos tinham sido encontrados em Liverpool... mas verificou-se nada terem a ver com o caso. Por isso, após uma noite de insônia, decidi vir solicitar os seus serviços, Sr. Holmes.

— Isso significa que, enquanto as autoridades seguiam a pista falsa, descuraram a primeira, não?

— Deixaram-na praticamente abandonada.

— O assunto foi tratado de maneira deplorável... e perdemos três dias. Contudo, vou aceitar o seu convite para investigar o caso. Foi estabelecida qualquer ligação entre o pequeno Lorde e o professor de alemão?

— Nenhuma, Heldegger não era seu professor e nem creio que se tenham falado.

— Lorde Saltire tinha bicicleta?

— Não.

— Desapareceu mais alguma?

— Mais nenhuma.

— É estranho! Decerto, o alemão não partiria no meio da noite de bicicleta, com Lorde Saltire nos braços.

— Não, evidentemente, mas talvez tenham utilizado a bicicleta para nos induzirem a uma falsa pista. Ocultaram-na em qualquer lado e fugiram a pé.

— Parece-me um expediente absurdo. Havia outras bicicletas?

— Várias.

— Nesse caso, se tivessem pretendido dar a ilusão de que haviam fugido de bicicleta, teriam escondido duas e não apenas uma. Essa teoria peca por inanidade. Alguém veio visitar o pequeno Lorde, na véspera do seu desaparecimento?

— Não.

— Recebeu cartas?

— Só uma, de seu pai.

— Costuma abrir a correspondência dos seus alunos? Como sabe que a carta era do duque?

— Pelo brasão impresso no envelope. A caligrafia era do duque de Holderness e ele próprio confirmou tê-la escrito.

— As relações entre pai e filho eram afetuosas?

— O duque não manifesta afeição seja a quem for, vivendo submerso nos assuntos públicos.

— O pequeno Lorde recebeu alguma carta da França?

— Não.

— Mas estava do lado da mãe?... Confessou-lhe?

— Não. Foi o secretário do duque, Sr. James Wilder, quem me confidenciou os sentimentos do menino.

— Encontraram a carta do duque para o filho?

— Não. Deve tê-la levado consigo... Receio, Sr. Holmes, ser hora de partirmos para a estação.

— Vou mandar chamar um carro e, dentro de um quarto de hora, o meu colaborador, Dr. Watson, e eu, estaremos à sua disposição para partirmos. Convém, Dr. Huxtable, caso telegrafe para a escola, que todos pensem que as investigações prosseguem em Liverpool. Espero que dois cães de caça, como Watson e eu, ainda possam farejar alguma pista no local da fuga.

Nessa noite, deparamos com o clima frio e estimulante de Peak, onde ficava a escola. Ao chegarmos, já estava escuro. Sobre a mesa do átrio via-se um cartão de visita, e o mordomo informou, em voz baixa, que o duque e o secretário se achavam no salão.

— Vou apresentá-los — anunciou Huxtable.

Eu já conhecia, pelas fotografias, o grande estadista, alto e imponente, vestido com grande esmero, nariz longo e curvo, num rosto fino de expressão abatida. A seu lado, achava-se um jovem que deduzi ser o

secretário particular, Sr. Wilder. Foi este quem iniciou a conversa, após as apresentações:

— Vim procurá-lo, Dr. Huxtable, hoje de manhã, mas, infelizmente, demasiado tarde para impedi-lo de pedir ao Sr. Sherlock Holmes que investigasse o caso. Sua Graça ficou admirado com o fato de o senhor se ter permitido tomar uma tal resolução, sem tê-lo previamente consultado.

— Ao saber que a Polícia fracassara...

— Sua Graça não pensa que a Polícia tenha fracassado. Apenas deseja evitar um escândalo e não quer que pessoas estranhas se inteirem do desaparecimento de Lorde Saltire.

— Nesse caso — replicou Huxtable, confuso —, Sr. Holmes pode regressar a Londres, no trem da manhã...

— Não, Doutor — interveio Holmes, no seu tom de voz mais brando. — Esta atmosfera do norte é revigorante e pretendo permanecer por aqui alguns dias. O senhor decidirá se poderei abrigar-me aqui ou na estalagem da vila.

O duque falou, pela primeira vez:

— Devo concordar com o Sr. Wilder, quando se refere ao fato de o Doutor Huxtable dever ter-me dado conhecimento da sua decisão. Contudo, visto Sr. Holmes já estar inteirado do caso, parece-me absurdo dispensarmos a sua colaboração. Terei prazer em que se hospede no Solar Holderness.

— Agradeço a amabilidade de Vossa Graça — recusou Holmes —, mas prefiro permanecer no local fulcral deste mistério.

— Como queira, Sr. Holmes. Tanto eu como o Sr. Wilder estaremos à sua disposição, para qualquer informação ulterior.

— Vossa Graça pensa que a senhora duquesa tenha alguma relação com o desaparecimento do filho?

— Não me parece plausível — respondeu o duque, dignamente.

— Terá o Lorde Saltire sido raptado, com um objetivo de resgate?

— Não recebi qualquer comunicação a esse respeito.

— Escreveu uma carta a seu filho, na véspera do desaparecimento?

— Sim.

— Teria essa carta perturbado o menino?

— De maneira alguma.

— Foi Vossa Graça quem colocou a carta no correio?

Wilder apressou-se em intervir:

— Sua Graça não tem, por costume, ir colocar missivas no correio. Essa carta estava, entre outras, sobre a mesa da correspondência e eu próprio me encarreguei de introduzi-la no malote postal.

— Quantas cartas se encontravam nessa mesa? — indagou Holmes.

— Vinte e cinco ou trinta — respondeu o duque. — Não creio que isso possa ter importância. Entretanto, já avisei a Polícia do Sul da França... embora não suponha que a duquesa possa ter participado num ato tão monstruoso. Contudo, o meu filho, movido por idéias menos justas, pode ter ido ao seu encontro, ajudado por esse alemão.

Momentos depois, o duque e o secretário partiam e Holmes lançou-se ao trabalho, com o seu zelo habitual.

O quarto do pequeno Lorde foi cuidadosamente examinado, mas apenas nos permitiu concluir que a fuga se efetuara pela janela. O quarto do alemão também nada nos esclareceu. Só foi possível detectar, do lado exterior da janela, que um dos caules da hera se quebrara, devido ao peso do homem e, com uma lanterna, vimos a marca dos saltos dos sapatos, impressa no local em que ele caíra. Essas pegadas constituíam a única prova material da inexplicável fuga noturna.

Sherlock Holmes saiu de casa e só voltou, depois das onze horas, com uma vasta carta topográfica da região, que estendeu sobre a cama. Equilibrando o candeeiro no centro do leito, começou a examiná-la, apontando de quando em quando com a boquilha do cachimbo os locais que considerava de interesse.

— Repare, Watson: aqui fica a escola; esta linha reta é a estrada, de Leste para Oeste, passando pela escola; note que, numa extensão de um quilômetro, não há qualquer atalho, para nenhum dos lados. Se ambos seguiram por alguma estrada, só poderiam ter utilizado esta.

— Exatamente — concordei.

— Por uma feliz e singular coincidência — prosseguiu —, podemos verificar o que se passou nesta estrada na noite da fuga. Neste ponto esteve um policial de vigilância, desde a meia-noite até as seis da manhã. Como vê, é a primeira encruzilhada, do lado Leste. O guarda afirma não ter se afastado do seu posto e não viu qualquer homem ou criança passar por ali, durante a noite. Pareceu-me um profissional de confiança. Excluindo este lado da estrada, deparamos, no outro, com a

estalagem do Red Bull². Por acaso, a proprietária achava-se doente e mandara chamar um médico em Mackleton, mas estando aquele ocupado com outro caso, só chegou de manhã. O pessoal da estalagem ficou acordado, toda a noite, aguardando a chegada do médico, e parece que esteve sempre alguém vigiando a estrada. Ninguém viu passar fosse quem fosse, o que nos permite admitir que os fugitivos não utilizaram a estrada.

— E a bicicleta? — estranhei.

— Já trataremos disso. Se não foram pela estrada, devem ter atravessado o campo, quer para Norte, quer para Sul da escola. Como vê, Watson, a Sul, estende-se um terreno de lavoura, separado da estrada por um muro de pedra e dividido em pequenos talhões, sendo impossível admitirmos a hipótese de ter sido atravessado de bicicleta.

A Norte, temos um pequeno bosque, Ragged Shaw³, no extremo do qual fica o pântano Lower Gill Moor⁴, que se estende por dez quilômetros, subindo gradualmente.

Deste lado, fica o Solar Holderness, a dez quilômetros do pântano. É um lugar deserto, apenas freqüentado por alguns criadores de ovelhas. Até a estrada real de Chesterfield, nada mais há a não ser aves. Além, subsistem, a do Fighting Cock⁵. Para cima, os outeiros tornam-se mais escarpados. Portanto, devemos investigar este lado Norte.

— Mas... a bicicleta? — insisti.

— Um bom ciclista — impacientou-se Holmes —, não precisa de uma boa estrada, podendo rodar sobre a erva. O pântano está cruzado por vários trilhos... e havia luar... Olá, que se passa?

Batiam à porta, excitadamente. O Dr. Huxtable entrou trazendo na mão um boné azul, com um emblema branco.

— Finalmente, achamos um indício. É o boné de Lorde Saltire.

— Onde o encontraram?

— Num carro dos ciganos que estão acampados no pântano. A Polícia revistou-lhes a caravana e deu com o boné. Os patifes já estão todos na

(²) *Touro Vermelho*. (N. do T.)

(³) *Bosque Destroçado*. (N. do T.)

(⁴) *Pego do Baixo do Riacho*. (N. do T.)

(⁵) *Galo de Combate*. (N. do T.)

prisão da vila, embora declarem terem achado o boné, na manhã de terça-feira, caído no pântano. Mentem, evidentemente, mas o medo da Lei ou o dinheiro do duque acabarão por soltar-lhes a língua.

Depois de Huxtable ter-se retirado, Holmes continuou:

— Está reforçada a teoria de que devemos debruçar-nos sobre o lado do pântano. A Polícia, em vez de procurar uma pista, limitou-se a prender os ciganos, o que não a levará a lado algum.

Veja Watson, que o pântano é atravessado por um riacho, alastrando-se, por vezes, num lago, particularmente entre o Solar Holdernes e a escola. Com a presente seca, seria quase inútil procurar a pista noutros pontos, mas, ali, temos uma possibilidade de detectar quaisquer marcas.

Quando acordei, o dia começava a clarear e vi o vulto de Holmes ao meu lado, já completamente vestido.

— Estive examinando o relvado da escola e o armazém das bicicletas – anunciou. — Também andei pelo bosque Ragged Shaw. Agora, Watson, tome o chocolate quente que o aguarda na sala contígua e apresse-se, pois temos um dia de trabalho árduo à nossa espera.

Contudo, o seu início foi decepcionante. Atravessamos o pântano, cheio de trilhos e caminhos de pré-posto, até a larga faixa verde do lago seco, entre a escola e o Solar Holdernes. Se o pequeno Lorde o atravessara, teria deixado vestígios, mas não os encontramos, nem tão pouco os da passagem do alemão.

O meu amigo examinou atentamente a lama e a erva, mas só encontrou pegadas de ovelhas e, alguns quilômetros mais além, outras, de gado bovino. Já olhava melancolicamente para a vasta extensão do pântano, quando se sobressaltou:

— Watson! Veja isto!

Eram marcas do rodado de uma bicicleta. Mas Holmes abanou a cabeça.

— Não se trata da bicicleta que procuramos — observou. — Conheço quarenta e dois tipos de pneus de bicicletas e estes não correspondem aos da máquina que desapareceu. Como vê, são pneus Dunlop, com um remendo no da roda dianteira. Ora, os do professor alemão são Parmer. Deixavam traços longitudinais e não em espinha. O seu colega, professor Aveling, foi categórico a esse respeito. Portanto, não se trata da bicicleta de Heidegger.

— Serão da que Lorde Saltire utilizou? — sugeri.

— Não sabemos se ele tinha alguma bicicleta, mas não há dúvida de que este rasto provém da escola.

— Não poderá dirigir-se para lá?

— Não, meu caro Watson. A impressão mais acentuada é sempre a da roda traseira, visto ser nela que recai o peso do ciclista. Por conseguinte, é indubitável que vinha da escola, no sentido do lago. Vamos seguir esta pista.

Assim fizemos, mas, centenas de metros mais adiante, perdemos o rasto. Regressamos ao ponto de partida e, entre o riacho e a escola, encontramos outras marcas de pneus, embora quase apagadas por pegadas de ovelhas. Somente pudemos concluir que o ciclista viera do bosquezinho Ragged Shaw, fronteiro à escola.

Depois de fumar dois cigarros, pensativo, Holmes admitiu:

— É possível que um indivíduo esperto se lembrasse de trocar os pneus da bicicleta, para impedir que a identificássemos. Um homem capaz deste expediente seria um criminoso com o qual eu gostaria de lutar. Por agora, prossigamos nas nossas pesquisas.

Finalmente, a nossa perseverança foi recompensada. No fundo do lago, havia uma zona lamacenta e Holmes soltou um brado de satisfação, ao ver um rasto que dir-se-ia impresso por fios de telégrafo.

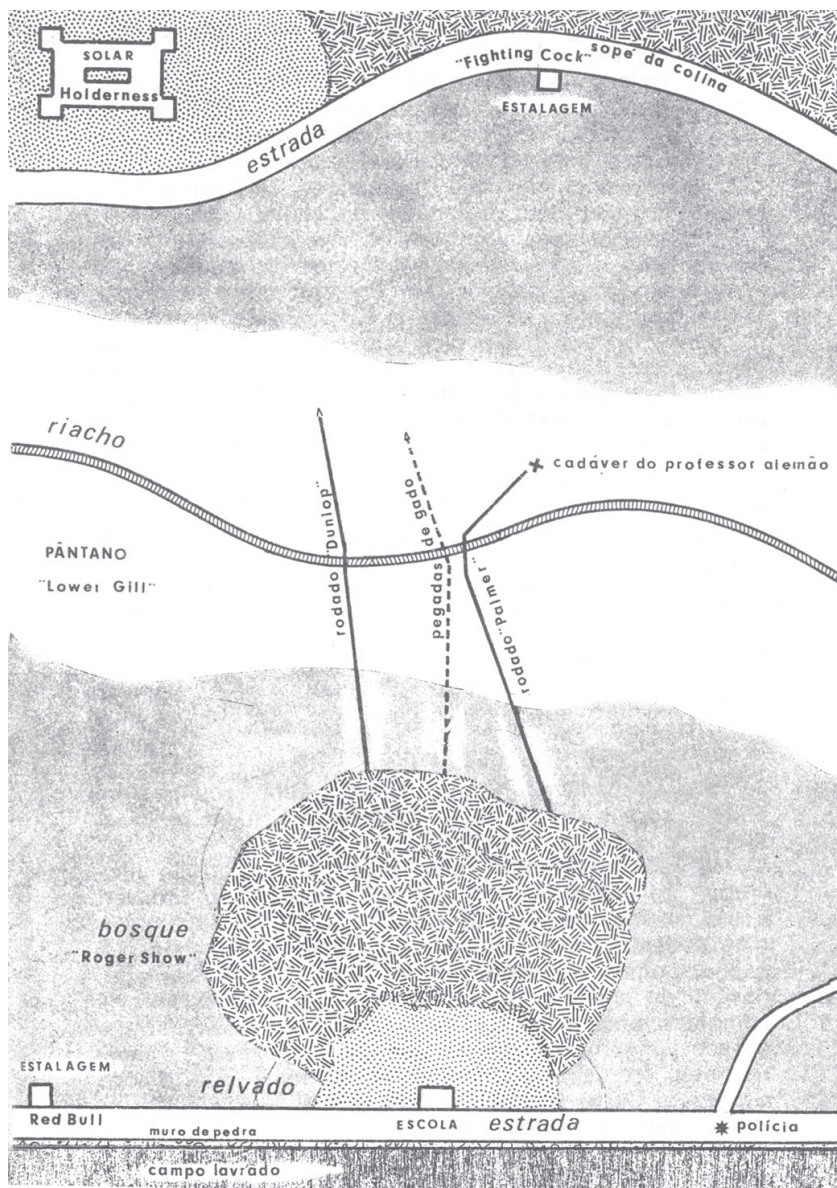
— Aqui está um indício da passagem de Herr Heidegger. O meu raciocínio estava exato, Watson! — exultou. — Vamos seguir a pista, embora receie que não nos leve muito longe.

À medida que avançávamos, íamos encontrando, intermitentemente, rastos de pneus.

— Aqui, Watson — apontou o meu amigo —, o ciclista começou a acelerar. Repare que as marcas do pneu dianteiro tornaram-se mais evidentes do que as do traseiro, o que indica que o homem, com o esforço, se inclinou sobre o guiador. Com os diabos! Aqui, caiu da bicicleta!

Viam-se pegadas; mais adiante reencontravam-se as marcas de pneus. Subitamente Holmes segurou um ramo de urze e notei, horrorizado, que alguns rebentos amarelos estavam tintos de vermelho. No trilho, também havia manchas de sangue.

— Mantenha-se afastado, Watson — indicou. — Nada de passos desnecessários. O homem caiu, ferido, levantou-se e tornou a montar-se na bicicleta. Por aqui, passou gado bovino. Teria sido atacado por um touro?



Vamos continuar. As marcas dos pneus e as manchas de sangue vão levar-nos até ele.

O rodado da bicicleta indicava um andamento ziguezagueante, através do piso úmido. Finalmente, no meio das urzes, avistamos o brilho metálico de uma bicicleta com pneus Palmer. Um dos pedais estava torcido e o guidão manchado de sangue. Um pouco mais adiante, encontramos o cadáver do ciclista.

Era um homem alto, com barba e óculos. Uma das lentes tinha sido quebrada. A morte fora causada por uma pancada na cabeça que lhe fraturara o crânio. Devia tratar-se de um indivíduo de grande resistência e coragem, para ter podido prosseguir, após um tão duro golpe. Tinha sapatos calçados, mas estava sem meias. Pelo casaco entreaberto, via-se que o envergara por cima da camisa de dormir. Era, sem dúvida, o professor alemão.

Holmes virou o cadáver, com cuidado, e examinou-o atentamente. Depois sentou-se, meditando, e compreendi que o achado não o auxiliava a esclarecer o caso. Depois, declarou:

— Desejaria prosseguir nas minhas pesquisas, mas tenho de informar a Polícia, para que alguém venha remover o corpo.

— Posso ir avisá-la — ofereci-me.

— Não, Watson. Preciso do seu auxílio. Repare: está além um sujeito cortando urze. Por favor, meu amigo, traga-o aqui.

Fui chamar o camponês que se mostrou assustado ao ver o cadáver. Então, Holmes entregou-lhe um bilhete para o Dr. Huxtable. Quando o homem se afastou, o meu amigo resumiu:

— Já conseguimos obter dois indícios: o da bicicleta com pneus Palmer, que nos conduziu ao cadáver, e o da outra, com pneus Dunlop. Antes de investigarmos o destino desta, recapitulemos as informações de que dispomos. O jovem Saltire fugiu de livre vontade; desceu da janela e partiu, só ou acompanhado, mas já completamente vestido. Quanto ao professor, vestiu o casaco por cima da camisa de dormir e enfiou os sapatos, sem ter calçado meias. Evidentemente, saiu a toda a pressa. Certo, Watson?

— Não há dúvida — confirmei.

— Mas por que raio teria saído dessa maneira? Terá assistido à fuga do aluno e procurou fazê-lo regressar à escola? Tentou persegui-lo, de bicicleta, e foi assassinado?

— É o que parece — concordei.

— Nesse caso, deveria tê-lo seguido, mas o alemão não o fez. Pelo que o professor Aveling me disse, Herr Heidegger era um ótimo ciclista... e corria bem a pé. Se decidiu servir-se da bicicleta... é porque viu que o pequeno Lorde tinha um idêntico meio de evasão.

O alemão não foi morto por uma bala, mas por um forte golpe na cabeça. Isto pode indicar que o menino tinha um companheiro... Mas não se vêem pegadas, nem outro rasto de bicicleta... a não ser marcas da passagem de gado ovino e algumas, muito escassas, de gado bovino. Vejamos, pois, o que os pneus Dunlop poderão “contar-nos”.

Subimos pela trilha, ladeada de urzes, deixando o riacho para trás. O solo tornava-se cada vez mais seco e vimos as últimas marcas dos pneus Dunlop, como que em direção ao Solar Holdernesses cujas torres se erguiam à nossa esquerda, para além da estrada principal de Chesterfield.

Quando nos aproximamos da estalagem de paredes deterioradas pelo tempo e cuja porta estava encimada por uma tabuleta com um galo de combate pintado a cores já esmaecidas, Holmes, com um gemido, agarrou-se ao meu ombro. Torcera um tornozelo e teve de ir até a porta coxeando. Aí, vimos um homem atarracado e moreno, fumando cachimbo.

— Como vai, Sr. Reuben Hayes? — saudou Holmes.

— Como sabe o meu nome? — admirou-se aquele, com um brilho suspeito nos olhos astutos.

— Está escrito na tabuleta, mesmo por cima da sua cabeça — apontou Holmes —, e é sempre fácil reconhecer o dono de um estabelecimento. Não terá um carro, ou uma carroça, na sua cocheira?

— Não há isso aqui.

— É que mal posso firmar o pé no chão.

— Se não pode, não o firme.

— Mas não posso andar — queixou-se o meu amigo.

— Nesse caso, vá aos pulos.

Holmes aceitou, com invulgar bom-humor, a hostilidade do dono do Fighting Cock.

— Não queria importuná-lo, mas estou metido num sarilho. Dou-lhe um soberano, se me deixar utilizar a sua bicicleta.

— Para onde quer ir? — interessou-se o estalajadeiro.

— Só até o Solar Holdernesses.

— Não me digam que são amigos do duque — troçou o homem, vendo as nossas roupas e calçados enlameados.

— Pelo menos ficará satisfeito por saber notícias do filho.

O estalajadeiro sobressaltou-se.

— Andam-lhe no encalço? — sondou.

— Descobriram-lhe a pista, em Liverpool, e esperam encontrá-lo, de um momento para o outro.

O rosto mal barbeado do homem desanuviou-se.

— Não tenho motivos para estimar o duque, pois fui seu cocheiro e ele tratou-me mal. Despediu-me, por ter dado ouvidos a um negociante de trigo que lhe mentiu a meu respeito... Mas agrada-me ouvir que nada de mal aconteceu ao menino. Se ele está em Liverpool, acho que deve ir dar essa notícia ao Solar.

Holmes agradeceu.

— Gostaria de comer aqui, qualquer coisa. Depois, se me emprestasse a sua bicicleta...

E o meu amigo exibiu o soberano.

— Não tenho bicicleta – replicou o estalajadeiro —, mas posso selar dois cavalos.

— Obrigado. Veremos isso, depois de comermos.

Quando entramos na sala de paredes de pedra não rebocada foi extraordinário como o tornozelo de Holmes se recompôs. Não chegara a inchar e não lhe causava as menores dores. Era quase noite e nada tínhamos comido desde o café da manhã, pelo que a nossa refeição se arrastou demoradamente.

Holmes, mergulhado nos seus pensamentos, foi, por duas vezes, à janela que dava para um pátio sórdido. Ao fundo, via-se uma forja, onde trabalhava um rapazinho imundo. Do outro lado, ficava a cocheira. Holmes tornara a sentar-se, mas, subitamente, pôs-se de pé, num salto e exclamou:

— Com os diabos, Watson... Creio que descobri. Lembra-se de ter visto pegadas de gado no lago e, depois, perto do lugar onde Heidegger foi morto?

— Sim.

— Quantas vacas você viu, no pântano?

— Vacas? Não me lembro de ter visto uma única.
— Mas recorda-se do feitio das pegadas? Umas, com este formato...
— e Holmes alinhou migalhas de pão sobre a mesa — ... e outras, mais raras, assim?... Que idiota fui em não ter tirado logo uma conclusão!

— Que conclusão? – espantei-me.

— Que só uma vaca muito extraordinária poderia andar a passo, trotar e galopar naquele terreno, deixando tais pegadas. Com mil raios, Watson! Um mero camponês não poderia ter pensado numa tal dissimulação! A não ser aquele jovem que está trabalhando na forja, parece que o terreno está livre. Vamos sair furtivamente e investigar o que há por aí.

Na cocheira, deparamos com dois cavalos mal cuidados. Erguendo a pata traseira de um deles, Holmes entusiasmou-se e apontou:

— Repare, Watson. As ferraduras são velhas, mas foram ferradas recentemente. Os cravos são novos. Vamos até à forja.

Sem olhar para nós, o garoto continuava a trabalhar. Enquanto Holmes examinava o solo, cheio de ferros e pedaços de madeira, ouvimos passos atrás de nós e vimos o estalajadeiro, de sobrolho cerrado e olhar furioso.

Empunhava uma curta barra de ferro e avançou na nossa direção, tão ameaçadoramente que me senti feliz por trazer o revólver no bolso.

— Espiões do inferno! — bradou. — Que estão fazendo aqui?

Friamente, Holmes replicou:

— Parece-me que está com medo, Sr. Reuben Hayes! Dir-se-ia que receia que possamos descobrir alguma coisa.

— Não gosto que revistem a minha casa, sem minha autorização. Quanto mais depressa pagarem a despesa e desaparecerem, tanto melhor para a sua saúde.

— Não se altere, Sr. Hayes — contemporizou Holmes. — Estivemos vendo os seus cavalos, mas creio que podemos ir a pé. Sinto-me melhor, e, afinal de contas, o solar não fica muito longe daqui.

— Os portões de Holderness não distam mais de dois quilômetros, pela estrada.

Quando saímos, observei:

— Pressinto que aquele homem sabe tudo. Ficou furioso ao ver-nos perto da forja.

— Sim, e esta noite teremos de dar mais uma olhadela nesse Fighting Cock.

Saindo da estrada, penetramos por um caminho de saibro que dava acesso ao Solar Holderness. Subitamente, vimos um ciclista que vinha de lá, pedalando apressadamente.

— Deite-se no chão, Watson! — ordenou Holmes, pondo-me a mão no ombro.

Mal nos escondemos, um homem passou por nós, numa nuvem de poeira. Era tal o seu desalinho que nem parecia o correto James Wilder que tínhamos conhecido na noite anterior.

— O secretário do duque! — exclamou Holmes. — Venha, Watson. Vejamos o que ele vai fazer.

Atalhamos caminho, até atingirmos um ponto de onde podíamos avistar a entrada da estalagem. A bicicleta de Wilder estava à porta, mas não se via ninguém perto das janelas. A noite caía lentamente enquanto o sol se ocultava por trás das torres do solar.

Então vimos acenderem-se luzes num carro que se achava dentro da cocheira. Logo a seguir, o veículo saiu para a estrada, com os cavalos a galope, em direção a Chesterfield.

— Que lhe parece, Watson?

— Uma fuga.

— Mas só vimos um homem no carro... e não é Wilder, visto que está à porta da estalagem. Não há dúvida de que o secretário está à espera de alguém... e que a estalagem tinha hóspedes estranhos. Temos de arriscar-nos, Watson, e ir dar uma espreitadela.

Dirigimo-nos para a estalagem. A bicicleta ainda estava encostada à porta. O meu amigo acendeu um fósforo e ficou radiante por verificar que as rodas tinham pneus Dunlop. No primeiro andar, a luz estava acesa.

— Tenho de espreitar lá para dentro, Watson. Por favor, curve-se um pouco.

Subiu para os meus ombros, mas desceu, imediatamente.

— Temos de partir para a escola, o mais depressa possível — decidiu.

Ao atravessarmos o pântano, não trocamos uma única palavra. Holmes, passou pela frente da escola, mas não entrou. Prosseguiu até a estação

de Mackleton, de onde expediu alguns telegramas. Só depois disso foi ter com o Dr. Huxtable, que se mostrava desolado com a morte do professor alemão. Quando, mais tarde, Holmes entrou no meu quarto, parecia tão fresco e ativo, como nas primeiras horas desse dia.

— Tudo corre bem, meu caro Watson. Amanhã, teremos todo este mistério solucionado.

Às onze da manhã do dia seguinte, entrávamos na alameda de acesso ao Solar Holderness. Conduziram-nos, pelo magnífico portal elisabelino, até o escritório do duque, onde encontramos o Sr. Wilder, grave e cortês, mas com o rosto contraído, denunciando a excitação da noite passada.

— Sua Graça encontra-se muito abatido, em virtude da trágica notícia. Não poderá receber os senhores. Entretanto, recebemos um telegrama do Dr. Huxtable, referindo-se à sua descoberta, Sr. Holmes.

— Tenho de falar com o duque, pessoalmente — insistiu o meu amigo.

— Mas está no quarto, na cama.

— Irei vê-lo, esteja onde estiver — replicou Holmes, mostrando ao secretário que nada o deteria.

— Muito bem, Sr. Holmes. Irei anunciar à Sua Graça a sua pretensão.

Meia hora mais tarde, o duque de Holderness veio ao nosso encontro, parecendo ter subitamente envelhecido. Recebeu-nos cortesmente e sentou-se à escrivaninha.

— O que o trás por aqui, Sr. Holmes? — inquiriu.

Fitando Wilder, Holmes respondeu:

— Falarei mais livremente à Vossa Graça na ausência do seu secretário.

O rapaz olhou raivosamente para o meu amigo e titubeou:

— Bem... se Sua Graça assim o desejar...

— Sim, Wilder. É melhor deixar-nos sós... Agora, Sr. Holmes, que tem a dizer-me?

Só depois de a porta estar fechada, Holmes começou:

— O Dr. Huxtable referiu-se a uma recompensa, para quem esclarecesse o caso. Contudo, desejaria que Vossa Graça me confirmasse esse fato.

— É verdade.

— Cinco mil libras, para quem indicasse onde se encontra o seu filho, Lorde Saltire?

— Exatamente.

— E outras mil, para quem denunciasse a pessoa ou pessoas que o mantêm prisioneiro?

— Exatamente.

— Também se incluem as pessoas que contribuíram para mantê-lo preso?

— Sim — confirmou o duque, com impaciência. Não terá razão, Sr. Holmes, para queixar-se de qualquer mesquinhez da minha parte.

Conhecendo os gostos simples do meu amigo admirei-me da inesperada avidez da sua atitude.

— Muito bem, Senhor Duque. Vejo um livro de cheques sobre a sua escrivaninha. Quer assinar um cheque de seis mil libras?

— Está brincando? — espantou-se o duque.

— De modo algum. Mereço essa recompensa, pois sei onde se encontra o seu filho e o nome das pessoas que o mantêm preso.

A barba do duque pareceu tornar-se mais ruiva, em contraste com o rosto que se tornara lívido.

— Onde está ele?

— Na noite passada encontrava-se na estalagem Fighting Cock e, provavelmente, ainda lá está... a dois quilômetros do Solar.

O duque pareceu encolher-se, afundado na cadeira.

— E... sabe quem o prendeu, nessa estalagem, Sr. Holmes? Pode acusar os responsáveis?

— Sim, Vossa Graça. Acuso o senhor, Senhor Duque de Holderness, de ter preso o seu filho, Lorde Arthur Saltire. Portanto, espero que me entregue o cheque.

Nunca me esquecerei da expressão do duque, ao ouvir tão surpreendente acusação. Levantou-se, a custo, mas logo se deixou cair na cadeira, escondendo o rosto entre as mãos.

Só momentos depois, sem erguer a cabeça, conseguiu articular:

— O que sabe, Sr. Holmes?

— Vi Vossa Graça e seu filho, na noite passada.

— Mais alguém sabe disso, além do senhor e desse seu amigo?

— Não falei a mais ninguém.

O duque, com dedos trêmulos, pegou a caneta e abriu o livro de cheques, declarando:

— Por mais desagradável que seja a informação que o senhor conseguiu obter, não deixarei de cumprir a minha promessa. Posso contar com a sua discrição, Sr. Holmes... e com a do seu amigo? Se os senhores mantiverem este caso em segredo ninguém mais poderá conhecê-lo. Creio que merece mais do que ofereci. Devo-lhe doze mil libras. Concorda?

Holmes abanou a cabeça.

— Receio que o assunto não possa ser resolvido com essa facilidade. Não podemos alhear-nos da morte do professor alemão.

— Mas James Wilder não teve culpa disso. O senhor não pode responsabilizá-lo por um crime que não cometeu. Herr Heidegger foi assassinado por aquele selvagem que, em má hora, James teve a infelicidade de contratar para o seu serviço.

— Quando um homem se lança no caminho de um crime, torna-se sempre responsável por qualquer outro crime seqüente, derivado do primeiro.

— Tem razão, Sr. Holmes, sob o aspecto moral, mas, sob o da Lei, nenhum homem pode ser condenado por um crime que não cometeu... por um assassinato que não presenciou e que, no seu íntimo, condena, tanto como o senhor. James confessou-me tudo, o seu horror e o seu profundo remorso. Peço-lhe, Sr. Holmes, que o salve.

Aprecio a sua conduta, vindo procurar-me antes de falar com qualquer outra pessoa. Agora, peço-lhe que me ajude a ponderar a melhor maneira de abafar um escândalo.

— Estou pronto a ajudar Vossa Graça, se me falar com absoluta franqueza. Acaba de dizer-me que o Sr. Wilder não foi o assassino. Nesse caso, quem matou o professor de alemão?

— O criminoso fugiu.

Sherlock Holmes sorriu, friamente.

— Vossa Graça já devia conhecer a minha reputação de que não sou homem para deixar fugir um criminoso. O Sr. Reuben Hayes foi preso, em Chesterfield, às onze horas da noite passada, em virtude de um telegrama que enviei. O chefe da Polícia já me confirmou a prisão do assassino, esta manhã, antes de eu sair da escola.

Recostando-se na cadeira, o duque fitou, espantado, o meu amigo.

— Hayes foi preso?... O senhor, Sr. Holmes, parece ter poderes sobre-humanos. Dessa maneira, James não será inculpado.

— Estima, assim, tanto o seu secretário?

— James é meu filho.

Foi a vez de Holmes ficar admirado.

— Pode ser mais explícito? – pediu.

— Agora, nada lhe ocultarei. Por mais penosa que me seja, neste momento, a franqueza torna-se necessária. Deparo com uma situação desesperada a que a inveja de James nos conduziu.

Quando eu era jovem, Sr. Holmes, amei profundamente uma mulher e quis casar com ela; mas essa jovem recusou-se a aceitar o meu pedido, alegando que a nossa ligação poderia arruinar a minha carreira. Se ela não tivesse morrido, nunca eu me teria casado com mais alguém. Deixou-me este filho, James, a quem me afeiçoei. Dei-lhe a melhor educação e trouxe-o para o meu lado, como secretário. Contudo, James descobriu o meu segredo e decidiu fazer prevalecer aquilo que julga ser o seu direito. Ameaçou divulgar o escândalo e foi o responsável pelo fracasso do meu casamento. Sempre odiou Lorde Arthur Saltire, meu filho legítimo e herdeiro perante a Lei.

Se mantive James na minha companhia foi apenas porque as suas feições e os seus gestos me recordavam a imagem da mulher que tanto amei. Não tive coragem para repudiá-lo... para expulsá-lo do solar... mas receei que, tresloucado, atentasse contra a vida de Arthur e, por essa razão, internei o menino na escola do Dr. Huxtable.

Esse Hayes trabalhara no solar, como cocheiro. Despedi-o, por ser um canalha, mas James tornou-se seu íntimo amigo... Sempre manifestou uma tendência para frequentar gente de baixa condição moral.

Quando resolveu raptar Lorde Saltire, tornou Hayes seu cúmplice.

O senhor, Sr. Holmes, sabe que escrevi a meu filho, na véspera do seu desaparecimento. James abriu o envelope e juntou-lhe um bilhete, pedindo a Arthur que fosse encontrar-se com ele, no bosque Ragged Shaw, fronteiro à escola. Para convencê-lo a comparecer a esse encontro, serviu-se do nome da duquesa que estaria ansiosa por ver o filho.

Quando Arthur chegou ao bosque, James disse-lhe que voltasse ali, à meia-noite. Mais adiante, no pântano, encontraria um homem, a cavalo,

que o conduziria para junto da mãe. Arthur caiu na armadilha e Hayes, que o esperava, com dois cavalos, levou-o para o Fighting Cock. Contudo, o professor de alemão tinha seguido o menino e Hayes não hesitou em matá-lo. O patife seqüestrou Arthur, no primeiro andar da estalagem, deixando-o aos cuidados da Sra. Hayes que, não sendo má mulher, vive aterrorizada pelo marido. James só ontem soube da morte do professor.

Se me perguntar, Sr. Holmes, como se justifica o procedimento de James em relação ao irmão, direi que foi movido pelo ódio que sempre nutriu pelo meu herdeiro, não se conformando com as leis que o impedem de vir, um dia, a possuir todos os meus bens e propriedades. Além disso, tencionava propor, em troca de Arthur, que eu fizesse um testamento em seu favor. Estava certo de que eu nunca pediria a intervenção da Polícia.

Quando o senhor descobriu o cadáver de Herr Heidegger, James ficou apavorado. Mostrou-se tão transtornado quando recebi o telegrama do Dr. Huxtable, que as minhas suspeitas se transformaram em certeza. Acusei-o do seu infame ato e James fez-me uma confissão completa de todo o seu plano e suplicou-me que guardasse segredo, apenas por mais três dias, para dar tempo ao cúmplice de fugir. E foi, de bicicleta, avisá-lo da situação, para que o canalha salvasse a vida.

Nessa noite, não resisti à tentação de ir ver Arthur e encontrei-o bem, conquanto horrorizado com o crime que presenciara. Embora contra a minha vontade, deixei-o por mais três dias aos cuidados da Sra. Hayes, pois não via maneira de entregar o assassino à Polícia, sem desgrçar a vida de James. Fui fraco, Sr. Holmes. Agora, que tenciona fazer?

— Vossa Graça colocou-se numa posição muito grave perante a Lei. Tornou-se conivente num crime e cúmplice da fuga de um assassino, pois não duvido que o dinheiro que Wilder entregou a Hayes tenha provindo dos cofres deste solar.

O duque inclinou a cabeça. Holmes continuou:

— Considero ainda mais repreensível ter Vossa Graça deixado o seu filho, Lorde Saltire, por mais três dias naquela sórdida estalagem.

— Fi-lo, sob promessa formal...

— Que valor pode ter uma promessa com essa gente? Que garantia lhe deram de que não levariam o seu filho, para exigirem um resgate? Foi injustificável ter sujeitado um menino inocente a tão terrível perigo.

Tenciono ajudar Vossa Graça, mas sob uma condição: vai chamar um criado e transmitir-lhe as ordens que eu entender necessárias.

Sem uma palavra, o duque obedeceu. Então Holmes disse ao criado, mal este entrou no escritório:

— Vai ficar satisfeito por saber que Lorde Saltire já foi encontrado. Sua Graça deseja que mande atrelar um coche a fim de ir buscar o menino no Fighting Cock.

Quando o criado saiu, dando mostras de alegria, Holmes prosseguiu:

— Não tenho cargo oficial e, desde que se faça justiça, não vejo motivo para revelar quanto sei, mas nada farei para salvar Hayes da força. Espero que Vossa Graça saiba fazê-lo compreender que deverá guardar silêncio... para o próprio interesse desse assassino. Deverá agarrar-se à versão de que apenas raptou o seu filho, com o fito de um resgate. Quanto à presença de James Wilder no solar, só poderá acarretar-lhe desventuras.

— Concordo com o senhor, Sr. Holmes. Já combinei com ele mandá-lo para a Austrália, a fim de começar nova vida.

— Nesse caso, talvez Vossa Graça possa recompor a sua vida com a duquesa. Isso daria ao meu amigo, Doutor Watson, e a mim, um motivo de satisfação pela nossa vinda aqui ao Norte... Já agora... há um ponto que desejaria esclarecer: Hayes ferrou os dois cavalos, com ferraduras de gado bovino... Ora, estas não se adaptam a equídeos. Como teve Wilder essa idéia?

Surpreso, o duque levantou-se. Depois, abriu uma porta e conduziu-nos a um salão que parecia um museu. Junto de uma vitrina, apontou para uma inscrição que lemos:

“Estas ferraduras foram desenterradas no fosso que circunda o Solar Holdernesse. Destinam-se a cavalos, mas foram feitas com uma chapa de ferro, partida ao meio, para despistar os perseguidores. Consta terem pertencido aos barões de Holdernesse, na Idade Média.”

Holmes abriu a vitrina e passou os dedos sobre a chapa das ferraduras. Ainda mantinham tênues sinais de lama.

— Obrigado — disse, fechando a porta envidraçada. — É a segunda coisa interessante que vim encontrar nesta minha viagem ao Norte.

— Qual foi a primeira? – interessou-se o duque.

— Bem... não sou muito rico – respondeu o meu amigo, pegando o cheque e guardando-o na carteira. Bateu nesta com os dedos, afetuosamente, e enfiou-a no bolso.



A MULHER VELADA

Quando se considera que Sherlock Holmes exerceu a sua atividade de detetive durante vinte e três anos e que, por um período de dezessete, tive ocasião de cooperar nas suas investigações e também registrá-las, torna-se evidente que disponho de abundante material historiável. O problema nunca consistiu em encontrar temas, mas sim em selecioná-los.

Ali está a longa fileira de agendas, referentes a cada ano, que preenchem uma estante; ali estão as caixas, abarrotadas de documentos, fonte inestimável para quem quiser dedicar-se não só ao estudo do Crime, mas também à análise dos escândalos sociais e oficiais dos fins do período vitoriano.

Com referência a estes últimos, posso assegurar que aqueles que me escrevem cartas angustiadas, suplicando seja poupada a reputação das suas famílias e a honra dos seus antepassados, nada têm a temer, visto que a discrição e o alto sentido da ética profissional, que sempre distinguiram o meu amigo, presidem hoje, tal como ontem, à escolha destas memórias, sem que jamais se verifique um abuso de confiança.

Por este motivo reprovoo cabalmente todas as tentativas que, ultimamente, têm sido perpetradas por certos indivíduos, no sentido de, por qualquer processo, recuperarem essa documentação, com o intuito de destruí-la. Sabemos de onde provêm tais insinuações caluniosas e, caso se repitam, estou autorizado pelo Sr. Holmes a avisá-los de que se dará publicidade ao episódio referente ao político sem escrúpulos, ao farol e ao corvo marinho amestrado. Pelo menos um leitor entenderá a que caso me refiro.

Não é razoável supor que cada um desses casos tenha dado a Holmes a oportunidade de demonstrar os seus invulgares dons de intuição e observação que me tenho esforçado por patentear nestas memórias. Algumas vezes só conseguiu colher o fruto, ao cabo de árduos esforços; de outras, aquele veio cair-lhe às mãos, azedamente. Mas, com frequência, as mais terríveis tragédias humanas surgiram em casos que

lhe ofereceram escassas oportunidades pessoais, como este que passo a narrar, desde já assinalando que procedi a uma ligeira alteração de nome e de lugar, conquanto os fatos sejam uma íntegra relação da verdade.

Numa manhã dos fins de 1896, recebi um bilhete de Holmes, escrito às pressas, pedindo-me que fosse à Baker Street. Ao entrar na sala fui encontrá-lo envolto numa atmosfera impregnada de fumaça e, no sofá fronteiro à sua poltrona, achava-se uma mulher idosa, carnuda, com o aspecto de proprietária.

— Esta senhora — apresentou o meu amigo —, é a Sra. Merrilow, de South Brixton... que não se incomoda com a fumaça de tabaco, de maneira que, se lhe apetercer, não faça cerimônia; pode entregar-se aos seus hábitos pouco higiênicos de fumante. A Sra. Merrilow tem uma interessante história para contar-nos e é possível que esta se torne o prelúdio de ocorrências em que a sua presença, Watson, venha a ser útil.

— Tudo quanto estiver ao meu alcance...

— A senhora, Sra. Merrilow, compreenderá que, se eu for visitar a Sra. Ronder, preferiria levar uma testemunha comigo. Portanto, terá de comunicar-lhe este fato.

— Certamente, Sr. Holmes! Ela está tão ansiosa por falar-lhe que o senhor até pode levar toda a paróquia consigo.

— Nesse caso, apareceremos depois do meio-dia. Agora, preciso reunir os fatos na devida ordem. Se os recapitularmos, o Dr. Watson ficará inteirado da situação. A senhora declarou que a Sra. Ronder é sua inquilina, vai para sete anos, e que só lhe viu o rosto uma única vez?

— Antes nunca o tivesse visto, Sr. Holmes!

— Segundo depreendi, estava terrivelmente mutilado?

— Até custa chamar rosto àquilo! Uma vez, quando ela espreitava da janela do andar de cima, o nosso leiteiro viu-a, de relance, e deixou cair a lata no meio do beco, entornando-a completamente. Quando sucedeu entrar-lhe no quarto, apanhando-a desprevenida, cobriu-se às pressas, e disse: “ — Agora, Sra. Merrilow, já sabe por que motivo nunca tiro o véu.”

— Sabe alguma coisa da sua vida?

— Absolutamente nada.

— Quando alugou o quarto, não deu referências?

— Não, mas trazia muito dinheiro consigo e pagou-me logo três meses de aluguel adiantado, sem regatear. Nos tempos que correm, uma pobre mulher como eu não pode perder uma oportunidade tão rara.

— Apresentou alguma razão para ter escolhido a sua casa?

— Não, propriamente, mas como se situa num beco, a casa fica bastante afastada da rua principal e passa despercebida. Calculo que tenha visitado outras e preferisse a minha, visto que pretende viver isolada.

— A Sra. Ronder só hoje, acidentalmente, lhe mostrou o rosto e a senhora, Sra. Merrilow, pretende que eu também o veja?

— Não sou eu quem o pretende, Sr. Holmes. Desde que ela me pague o aluguel, dou-me por satisfeita, até porque não seria possível arranjar um inquilino mais sossegado e que dê menos trabalho.

— Nesse caso, por que motivo resolveu vir procurar-me?

— Por causa da saúde dela. Parece estar a finar-se e tem qualquer coisa no espírito que a traz aterrorizada. De noite tem pesadelos e, certa vez, ouvi-a gritar: “ — Assassino!... Você é um monstro, uma fera!”

A sua voz ressoou por toda a casa e fez-me arrepiar. Na manhã seguinte, disse-lhe: “ — Se tem qualquer coisa que lhe pese na consciência, Sra. Ronder, posso mandar chamar um padre... ou alguém da Polícia. Com um ou com outro, talvez consiga sentir-se mais aliviada.”

Mas ela afligiui-se e quase gritou: “ — A Polícia não, por caridade!... E um padre já não pode alterar o que se passou. Contudo, poderia sentir-me mais tranqüila se alguém soubesse a verdade, antes da minha morte.”

Foi então que sugeri: “ — Então, por que não se confia a esse detetive de quem os jornais tanto falam... desculpe, Sr. Holmes...”

E logo ela se mostrou animada: “ — Sim, esse é o homem que me convém! Nem sei como ainda não pensara nisso! Queira trazê-lo até aqui, Sra. Merrilow. Diga-lhe que sou a mulher de Ronder, o dono do circo e domador de feras. Mencione-lhe o nome de Abbas Parva. Se o Sr. Holmes é o homem que penso, não deixará de vir.”

— E acertou — confirmou Holmes. — Agora, Sra. Merrilow, gostaria de trocar umas impressões com o Dr. Watson até a hora do almoço. Mas,

por volta das três, irei à sua casa, em Brixton.

Mal a nossa visitante saiu, bamboleando-se, Sherlock Holmes precipitou-se ansiosamente para uma pilha de volumes de jornais encadernados que se achavam num canto. Por alguns minutos, apenas se ouviu o folhear de páginas, até que, finalmente, com um pigarrear de satisfação achou o que buscava. Nem se deu ao trabalho de voltar para a poltrona e sentou-se no chão, ali mesmo, como um Buda, de pernas cruzadas, rodeado de calhamaços e com um, aberto, sobre os joelhos.

— Na ocasião, o caso chegou a preocupar-me, como o provam estas minhas notas apostas à margem... mas confesso que não consegui decifrar o enigma. Porém, estava convencido de que o *coroner*¹ cometera um erro de interpretação dos fatos. Não se lembra da tragédia de Abbas Parva?

— Não tenho idéia...

— Contudo, nessa época você estava vivendo aqui, comigo... Mas eu próprio também pouco me interessei pelo caso, pois nada havia nele que pudesse orientar-nos e ninguém contratou os meus serviços... Quer ler os jornais?

— Talvez pudesse sintetizar-me o assunto — sugeri.

— Pois sim. Provavelmente, vai recordar-se do caso. Ronder tornara-se famoso e era o concorrente rival do Wombwell & Sanger, um dos maiores circos desse tempo. Porém, começara a beber e, na altura em que a tragédia ocorreu, tanto ele como o seu circo estavam em desoladora decadência.

Quando se verificou o sinistro, a caravana circense pernoitava em Abbas Parva, pequena aldeia do Berkshire. Tinham-se limitado a acampar ali, de passagem para Winbledon, visto que o lugar é tão insignificante que nem valeria a pena erguer a tenda para um espetáculo.

Entre as atrações do programa figurava um belo leão do Norte da África, chamado *King of Sahrah*². E tanto Ronder como a mulher exibiam-se dentro da própria jaula da fera... Aqui está uma fotografia do espetáculo. Pode ver que Ronder era um homem corpulento, com um ar um tanto ou quanto bestial; em contrapartida, a mulher era muito formosa, possuindo uma esplêndida figura. Durante o inquérito,

(¹) Magistrado regional ou municipal encarregado de investigar casos de morte súbita ou violenta. (N. do T.)

(²) Rei do Saara. (N. do T.)

algumas testemunhas afirmaram que o leão era bastante perigoso, mas as autoridades desprezaram esse fato, visto estar familiarizado com os donos.

Tanto Ronder como a mulher costumavam alimentar a fera, ao cair da noite. Quer juntos, quer um deles sozinho, mas nunca permitiam que qualquer outra pessoa o fizesse, pois acreditavam que o leão, considerando-os assim seus benfeitores, nunca os atacaria. Naquela noite, há sete anos, teriam entrado ambos na jaula e sucedeu a medonha tragédia cujos pormenores nunca chegaram a ser bem esclarecidos.

Por volta da meia-noite, todo o acampamento foi acordado por rugidos da fera e pelos gritos da mulher. Os vários tratadores de animais e outros empregados do circo correram, precipitando-se para fora das tendas e, à luz das lanternas, viram Ronder jazendo por terra, com o occipital esmagado e profundos golpes de garras no crânio. Isto ocorrera a pouco menos de dez metros da jaula cuja porta se encontrava aberta.

A Sra. Ronder achava-se prostrada, de costas, com o leão agachado e rugindo surdamente sobre ela. O seu rosto ficara numa pasta de sangue, dilacerado pelas garras do animal, e ninguém pensou que a domadora pudesse sobreviver a tais ferimentos.

Por meio de varapaus, alguns homens do circo, chefiados pelo halterofilista e acrobata Leonard e pelo palhaço Griggs, conseguiram afastar a fera e fazê-la regressar à jaula, que foi imediatamente fechada. De que maneira o leão conseguira evadir-se constituía um mistério, conjecturando-se apenas que, quando o casal de domadores ia a penetrar na jaula, o animal se lançara sobre eles.

O único pormenor com certo interesse residiu no fato de a mulher, durante o delírio enquanto a conduziam para o atrelado que o casal habitava, ter gritado por várias vezes: “Covarde! Covarde!”

Só seis meses mais tarde ficou em condições de depor, mas então o inquérito foi encerrado, sendo proferida a sentença de morte por acidente.

— Que outra alternativa poderia haver? — perguntei.

— Bem, havia um ou dois pormenores que preocupavam o jovem Edmunds, da Esquadra de Polícia de Berkshire. Era um bom moço que foi, ulteriormente, transferido para Allahabad. Encontrei-o ali porque veio procurar-me e, juntos, discutimos o assunto, entre umas cachimbadas.

— Que coisa preocupava esse Edmunds?

— Era quase impossível reconstituir a tragédia. Admitimos que o leão, vendo-se livre, correria para Ronder, que tentou fugir, visto as garras do animal o atingirem na parte posterior da cabeça. Em seguida, a fera, em vez de procurar a liberdade, afastando-se do acampamento, regressou para junto da mulher, atirou-a por terra e despedaçou-lhe o rosto. Os gritos que soltou durante o delírio, parecem dar a entender que a infeliz acusava o marido de não lhe ter acudido. Mas como, se Ronder já estava morto. Está vendo a dificuldade?

— Perfeitamente.

— Contudo, algumas testemunhas foram peremptórias ao afirmarem terem ouvido um homem berrar, aterrorizado, enquanto a mulher gritava e o leão rugia.

— Ronder?

— Não, pois já tinha o crânio esfacelado, não se achando em condições de emitir qualquer som.

— Ela pode ter chamado de covarde o marido, por este ter fugido ao ver o leão saltar para fora da jaula, em vez de fazer-lhe frente.

— Brilhante, Watson, mas há uma pequena falha no seu argumento.

— Qual?

— Se estavam ambos a dez metros da jaula, como diabo pôde o leão fugir?

— Talvez um inimigo lhe tivesse aberto a porta.

— Admissível, mas como se explica que o animal os atacasse com uma tal ferocidade se até costumava brincar com os donos e estava habituado a executar habilidades com eles, dentro da própria jaula?

— Talvez esse inimigo tivesse feito alguma coisa ao animal para enfurecê-lo contra os domadores.

— Bem, Watson, a sua teoria não parece totalmente descabida, visto que, na realidade, Ronder tinha muitos inimigos. Edmunds informou-me de que ele se enfurecia, sempre que se embriagava. Era um colosso que batia em toda a gente, a torto e a direito, por qualquer motivo. Talvez os gritos que a Sra. Ronder ainda solta, à noite, sejam recordações da vida que levava com o “querido” marido. Contudo, enquanto não ouvirmos

a sua versão, qualquer especulação sobre o caso é infrutífera. Temos uma perdiz fria, em cima do aparador, Watson, e uma garrafa de Montrachet. Reativemos as energias, antes de prosseguirmos nos nossos raciocínios.

Quando o carro nos deixou à entrada do beco, perto da casa da Sra. Merrilow, encontramos a roliça senhoria atravancando a porta da sua mais do que modesta residência. Justificava-se o interesse que tinha em não perder uma inquilina capaz de pagar o aluguel e, antes de deixarmos subir, pediu-nos para nada dizermos que levasse a Sra. Ronder a largar o quarto. Finalmente, depois de tê-la tranquilizado a esse respeito, conduziu-nos por uma escada íngreme e mal atapetada, até o quarto da misteriosa inquilina.

Era um aposento de reduzidas dimensões, escassamente ventilado, bolorento, de atmosfera abafada, visto que a locatária quase nunca o deixava e cuja janela raramente abria. Tendo mantido feras presas numa jaula, parecia que o destino a condenara a viver também encarcerada. Apesar dos anos de inação, ainda conservava uma figura esbelta e adivinhava-se que possuía formas voluptuosas. Tinha o rosto coberto por um véu preto que lhe descia até o lábio superior, deixando apenas a descoberto uma boca bem delineada e um queixo delicadamente arredondado. Também a sua voz era agradavelmente modulada.

— Pensei, Sr. Holmes — preambulou a Sra. Ronder —, que o meu nome não lhe fosse inteiramente desconhecido e, por isso, tive esperanças de que aceitasse vir falar comigo.

— Assim é, Madame, embora não entenda como supôs que o seu caso me interessasse.

— Soube-o pelo Sr. Edmunds, quando me interrogou durante o inquérito. Mas, na ocasião, menti e, agora, creio que teria sido mais prudente ter contado a verdade.

— Por via de regra é sempre mais prudente falar a verdade. Por que mentiu?

— Porque dessa mentira dependia a sorte de outra pessoa. Sei que ela se mostrou indigna, mas não queria que a sua perdição me pesasse na consciência, tanto mais que tínhamos vivido numa grande intimidade.

— E a sua consciência, Sra. Ronder, já não a impede de falar?

— Não, porque essa outra pessoa morreu.

— Nesse caso, por que não conta à Polícia tudo quanto sabe?

— Porque não teria coragem de suportar o escândalo, nem a publicidade que resultaria de uma investigação da Polícia. Pouco tempo me resta de vida, mas desejo morrer tranqüila. Contudo, queria contar a minha horrível história a um homem com discernimento, capaz de compreender-me e, talvez, de esclarecer o caso depois da minha morte.

— Obrigado, Sra. Ronder... mas sou um indivíduo com responsabilidades. Portanto, não posso prometer-lhe sigilo, se o que me referir for de natureza que me obrigue a transmiti-lo à Polícia.

— Não é essa a minha convicção, Sr. Holmes. Há alguns anos que tenho acompanhado a sua atividade e julgo conhecer bem o seu caráter e os seus métodos. A leitura é o único prazer que o infortúnio me deixou... Por conseguinte, não receio o uso que o senhor possa fazer da minha tragédia. Ao confessar os fatos ao senhor aliviarei pelo menos a minha consciência.

— Tanto eu como o meu amigo, Dr. Watson, teríamos empenho em ouvir integralmente a sua história.

A Sra. Ronder ergueu-se e tirou de uma gaveta o retrato de um homem. Notava-se tratar-se de um acrobata, de físico magnífico, fotografado com os braços musculosos cruzados sobre o peito saliente e com um sorriso despontando sob o farto bigode... o gênero de sorriso complacente de um homem que desfrutara de muitas conquistas amorosas.

— É Leonard — indicou ela.

— O acrobata que prestou declarações no tribunal?

— Exatamente... e este... este é o meu marido.

Exibia outra fotografia, agora de de um homem de fisionomia horrenda que lembrava um javali humano, tal era a bestialidade da sua corpulência e expressão. Era possível imaginar aquela boca abjeta a espumar de cólera e aqueles olhos pequenos e ameaçadores que denunciavam uma raiva interior com que contemplava o mundo que o rodeava. Todos os defeitos, sublinhados pela crueldade, se inscreviam naquele rosto repulsivo.

— Estas duas fotografias — continuou a Sra. Ronder —, ajudarão os senhores a compreender a minha história. Eu era uma pobre garota de

circo, criada sobre a serragem, já saltando por dentro de um arco antes de completar dez anos. Quando me fiz mulher, este homem amou-me... se é que se pode chamar amor à sua imunda lascívia. Num mau momento da minha vida, tornei-me sua mulher. A partir desse dia, passei a viver num inferno, sendo ele o demônio que me atormentava.

Ninguém, na trupe, ignorava o tratamento que ele me dispensava. Abandonava-me, constantemente, para correr atrás de outras, e amarrava-me e chicoteava-me, quando eu tinha a fraqueza de queixar-me. Todos sentiam dó de mim e nojo dele, mas nada podiam fazer, já que o temiam, sobretudo quando se embriagava, com ímpetos sangüinários. Foi repetidas vezes multado por provocar distúrbios, com graves conseqüências para os seus opositores, e também por injustificada crueldade para com os animais. Mas tinha muito dinheiro e as multas não o afligiam.

Todos os melhores artistas da companhia nos abandonaram e a prosperidade também não pôde subsistir. Só Leonard, eu e o pequeno Griggs, o palhaço, nos mantínhamos unidos, para que o circo não se extinguisse por completo.

Foi então que Leonard começou a influir decisivamente na minha vida. Os senhores podem ver como ele era... fisicamente; só que, naquele esplêndido corpo, se albergava um espírito demasiado fraco. Contudo, comparado com o meu marido, parecia-me um anjo. Teve pena de mim e ajudou-me, até que a nossa intimidade se converteu em amor... um amor apaixonado, como eu nunca esperava vir a encontrar na vida. Meu marido desconfiou das nossas relações íntimas, mas a verdade é que Leonard era o único homem de quem ele tinha medo... e como, no fundo, era um covarde, vingou-se à sua maneira, torturando-me mais do que nunca.

Uma noite, os meus gritos atraíram Leonard ao nosso atrelado e estivemos à beira da tragédia... Tanto eu como o meu amante compreendemos que um desfecho drástico se tornava inevitável. Decidimos que o meu marido não poderia continuar a viver e planejamos o seu assassinato.

Leonard possuía um cérebro engenhoso e planejou o golpe... Não digo isto para eximir-me de responsabilidades, pois estava disposta a ir com ele até o fim. Mas não teria a imaginação necessária para conceber tal plano. Leonard preparou um porrete, com cabeça de chumbo, ao qual fixou cinco cravos de aço, com as pontas para fora, em forma de

pata de leão. Destinava-se a dar o golpe fatal no meu marido, simulando ter sido morto pelas garras da fera... Mas, para realizá-lo, teríamos de soltar o *King of Sahrah*.

“Naquela noite, a escuridão era completa. Como de costume, meu marido e eu fomos alimentar o animal, levando-lhe a carne num balde de zinco. Leonard esperava-me junto a um outro atrelado da caravana, pelo qual teríamos de passar para nos dirigirmos à jaula. Mas atrasou-se um pouco e não teve tempo de desferir o golpe no momento em que passamos. Contudo, seguiu-nos silenciosamente... e ouvi o golpe do porrete esmigalhando o crânio do meu marido. Senti o coração palpitar de alegria, avancei para a jaula e soltei o cadeado da porta. Mas, nesse momento, sucedeu uma coisa medonha.

O senhor, Sr. Holmes, já deve ter lido, ou ouvido dizer, com que rapidez os felinos farejam o sangue de um animal vivo e como o de um ser humano os excita. Um estranho instinto revelou à fera que um homem acabava de ser trucidado. Mal abri a porta de ferro, o leão saltou sobre mim.

Ora, Leonard teria podido salvar-me, se, em vez de fugir, tivesse descarregado um golpe daquele terrível porrete na cabeça da fera. Ainda o ouvi gritar de pavor, enquanto as garras e os dentes do *King of Sahrah* me esfacelavam o rosto. Com as mãos, tentei afastar as mandíbulas da fera e gritei por socorro. Percebi que o acampamento se agitava e ainda vi Griggs e alguns empregados do circo arrastando-me de sob as patas do animal.

É esta, Sr. Holmes, a última cena de que me recordo e que revivi durante os muitos meses de sofrimento que se seguiram. A primeira vez que me vi no espelho, Sr. Holmes... nem posso descrever a raiva que me dominou. Amaldiçoei aquele leão, do fundo da minha alma, não por ter-me privado da beleza, mas por não me ter privado da vida.

Apenas fiquei com um desejo... e ainda possuía dinheiro bastante para satisfazê-lo: cobrir-me de tal maneira que o meu rosto jamais fosse visto por pessoa alguma; esconder-me onde ninguém que eu tivesse conhecido pudesse encontrar-me. Foi este o triste fim de Eugenie Ronder.

Quando ela terminou a narrativa, permanecemos em silêncio. Por fim, Holmes estendeu o braço e afagou-lhe a mão, com uma prova de simpatia que eu, só muito raramente, o tinha visto exhibir.

— Pobre senhora! — murmurou. — Como são misteriosos os

caminhos do destino! Se, depois desta vida, não houver uma compensação, o mundo é uma farsa cruel!... E que foi feito desse Leonard?

— Nunca mais o vi, nem ouvi falar nele. Provavelmente, amancebrou-se com uma dessas moças que levávamos conosco na caravana, através do país... como antes amara esta coisa que o leão deixou viva.

“Apesar de ter-me abandonado entre as garras da fera, não tive coragem de atirá-lo para a forca. Quanto a mim, presentemente, pouco me importo com o estado a que fiquei reduzida. Que coisa poderia ser mais hedionda do que a minha vida atual? Mas fiquei de permeio, entre Leonard e o seu destino.

— Ele morreu?

— Afogou-se, no mês passado, quando se banhava perto de Margate. Li no jornal a notícia da sua morte.

— E que fez ele desse porrete de cinco garras que constitui o pormenor mais engenhoso da sua história? – indagou Holmes, movido pelo interesse profissional.

— Não sei, Sr. Holmes... Mas havia uma mina de greda, perto do acampamento, com um poço profundo. Talvez aí...

— Bem... agora não tem importância, já que o caso está encerrado.

— Sim, está encerrado – repetiu a Sra. Ronder.

Tínhamo-nos levantado para sair, mas algo soara na voz da mulher que atraíu a atenção do meu amigo. Virando-se, de rompão para ela, murmurou:

— A sua vida não lhe pertence, Sra. Ronder.

— Que utilidade pode ter, seja para quem for?

— Quem sabe? O exemplo da amargura, sofrido com paciência é, só por si, a mais preciosa das lições para este mundo impaciente.

Então, a mulher velada, inesperadamente, ergueu o véu, proferindo:

— Desejava saber se o senhor teria coragem para suportar viver assim.

Era medonho. Não há palavras que possam descrever um rosto, quando este já não existe. Dois belos olhos castanhos, muito vivos, ainda tornavam mais cruel a visão daquela ruína humana.

Num gesto de piedade e protesto, Holmes levantou a mão e saímos do quarto.

Dois dias depois, ao visitá-lo, apontou com certo orgulho um frasco

azul, que se achava em cima da prateleira, com um rótulo vermelho que indicava: “Veneno”. Ao destapá-lo exalou-se um cheiro de amêndoa.

— Ácido prússico? — sondei.

— Exatamente. Chegou pelo correio, com a mensagem: “Aí lhe mando a minha tentação. Seguirei o seu conselho.” Creio, Watson, que podemos adivinhar facilmente o nome da corajosa mulher que o enviou.



O PÉ DO DIABO

Ao registrar, de tempos em tempos, algumas das curiosas experiências e recordações interessantes associadas a uma longa e íntima amizade e à minha colaboração com Sherlock Holmes, deparo freqüentemente com dificuldades conseqüentes da sua antipatia por toda a forma de publicidade que se relacione com a sua pessoa.

O seu espírito ríspido desprezou sempre o aplauso popular e, após terminar uma investigação habilmente levada a cabo, nada o divertia tanto como ver o mérito do êxito ser atribuído a um qualquer detetive oficial e, com um sorriso irônico, ouvir o coro geral das imerecidas congratulações.

De fato, foi esta atitude temperamental do meu amigo e não a falta de temas de grande interesse que, nestes últimos anos, me levou a escassear as narrativas referentes à sua atividade. Além disso, a minha participação em algumas das suas aventuras, sempre constituiu um privilégio que me impunha a máxima discrição.

Portanto, o leitor poderá imaginar a minha surpresa quando, na última terça-feira, recebi um telegrama de Holmes (nunca se dá ao trabalho de escrever cartas, quando lhe é possível expedir telegramas), nos seguintes termos:

Por que não dar publicidade a “O Horrível Mistério da Cornualha”, o mais estranho caso de que me ocupei?

Não sei por que motivo se lembrou do assunto, ou que capricho o induziu a desejar que essa investigação fosse finalmente dada a público, mas apressei-me a reunir as minhas notas acerca do caso, antes que outro telegrama viesse cancelar o precedente. Eis aqui o seu relato.

Na primavera de 1897, a constituição férrea de Holmes começara a dar sinais de exaustão causada pelo seu intenso trabalho, agravada por excessos não totalmente inerentes ao esforço que a sua profissão lhe impunha.

Em março daquele ano, o Dr. Moore Agar, da Harley Street, cuja apresentação a Holmes, pela sua natureza dramática talvez mereça que um dia venha a ser alvo de especial menção, declarou de maneira peremptória que o meu amigo devia cessar totalmente a sua atividade de detetive particular e submeter-se ao mais completo repouso, se quisesse evitar um esgotamento nervoso irreparável.

Perante a ameaça de ficar definitivamente impossibilitado de trabalhar, Holmes resignou-se a uma mudança de ambiente e, assim, no início da primavera encontramos-nos reunidos numa pequena casa de campo, perto da Poldhu Bay, no extremo limite da península da Cornualha.

Das janelas da nossa casinha caiada de branco, erguida no alto de um promontório arborizado, avistávamos todo o sinistro anfiteatro da Mounts Bay, antiga armadilha fatal para qualquer veleiro menos avisado. Na sua orla de penhascos negros e recifes traiçoeiros, muitos navegadores tinham encontrado o seu trágico fim. Na realidade, a baía parece plácida e abrigada, convidando os barcos acossados pela nortada predominante a procurarem a sua enganadora proteção. Contudo, à mudança do vento, quando sopram violentas rajadas de sudoeste, a âncora é arrastada, o costado é projetado para os rochedos espumantes e trava-se a suprema batalha contra os elementos, pelo que todo o marinheiro experiente evita esse lugar maldito.

Do lado da terra, a paisagem que nos rodeia é tão tétrica como o mar; região de charnekas ondulantes, pardas e desertas, onde raramente se avista um campanário isolado a assinalar uma antiga aldeia abandonada.

Sobre o terreno encontram-se, disseminados, vestígios de uma etnia arcaica, definitivamente extinta que, como única recordação, deixou estranhos monumentos de pedra onde se encontram as cinzas dos seus mortos; fragmentos de cerâmica; armas primárias, reminiscências de lutas pré-históricas.

O fascinante mistério desse lugar, com a sua sinistra atmosfera de nações desaparecidas, influenciava a imaginação do meu amigo que se entregava a longos passeios solitários, meditando pelos campos áridos.

O antigo dialeto da Cornualha também o cativara, chegando a conceber a idéia de uma afinidade com a língua caldaica, por sua vez derivada da incursão dos traficantes de estanho fenícios.

Holmes recebera, de Londres, uns livros de Filologia que encomendara e preparava-se para desenvolver aquela tese, quando, para minha preocupação e seu não dissimulado regozijo, a nossa existência simples de saudável rotina foi interrompida por uma série de eventos que causaram uma enorme emoção não só na Cornualha, mas em todo o oeste da Inglaterra. Embora a imprensa Londrina tivesse divulgado a seqüência dos fatos, de maneira bastante imprecisa, talvez os leitores se recordem desse caso que, na época, foi jornalisticamente designado por “O Horrível Mistério da Cornualha”.

Como mencionei, os campanários das igrejas assinalavam a localização das aldeias da região, sendo a mais próxima Tredannick Wollas cujo casario de cerca de duas centenas de habitantes se aglomerava em torno de uma velha igreja coberta de musgo. O vigário da paróquia, reverendo Roundhay, dedicava-se à arqueologia e, nessa qualidade, relacionara-se com Holmes. Era um homem de meia-idade, afável e um pouco pomposo, dotado de notável erudição quanto à história local.

Convidou-nos para tomar chá na sede da paróquia e, ocasionalmente, apresentou-nos o seu hóspede, Sr. Mortimer Tregennis. O vigário, que também era solteiro, sentia-se feliz por poder compartilhar a vasta e desordenada casa com um companheiro que, daquela maneira, contribuía para aumentar-lhe os escassos recursos financeiros. Esse Mortimer Tregennis era um homem moreno de óculos, muito alto e tão curvado que parecia sofrer de uma deformação física.

Durante a nossa breve visita, notamos que o reverendo Roundhay estava muito loquaz, enquanto o seu pensionista se mostrava bastante taciturno, evitando os nossos olhares, como que preocupado com os seus próprios problemas.

Alguns dias depois, em 16 de março, os dois homens irromperam na nossa sala, logo após o desjejum, quando, fumando um cigarro, já nos preparávamos para o passeio quotidiano pelas redondezas.

— Sr. Holmes — disse o reverendo Roundhay, excitadamente. — Durante a noite, sucedeu uma coisa extraordinária e terrível! A sua presença aqui, neste momento, é um verdadeiro dom da Providência, pois, em toda a Inglaterra, é precisamente do senhor que precisamos.

Fitei aquele importuno vigário, mostrando-me ostensivamente contrariado. Porém, Holmes tirou o cachimbo da boca e endireitou-se na poltrona, como um velho cão de caça que ouve soar as trompas dos

caçadores. Convidou os nossos perturbados visitantes a sentarem-se. O Sr. Mortimer Tregennis parecia mais calmo do que o seu hospedeiro mas, pelo tremor das mãos, manifestava uma idêntica emoção.

Virando-se para Tregennis, o vigário sondou:

— Fala o senhor, ou prefere que seja eu a expor o assunto?

Holmes observou:

— Como parece ter sido o Sr. Tregennis a fazer essa estranha descoberta, é preferível que seja ele próprio a narrá-la, tanto mais que o Reverendo só por seu intermédio teve conhecimento dos fatos.

Tanto o humildemente vestido clérigo, como o irrepreensível Tregennis ficaram notoriamente surpresos com a dedução de Sherlock Holmes. O reverendo Roundhay pigarreou e propôs:

— Talvez seja melhor, Sr. Holmes, eu dizer algumas palavras, antes de o senhor ouvir o relato do Sr. Tregennis e de nos deslocarmos ao local da tragédia.

O nosso amigo, aqui presente, passou a noite de ontem na companhia dos seus irmãos, Owen e George, e de sua irmã, Srta. Brenda, na moradia onde aqueles moram, em Tredannick Wartha, perto da cruz de pedra que se ergue no meio da planície. Quando, pouco depois das dez, regressou à minha casa, deixou-os à mesa da sala de estar, jogando cartas. Nessa altura, todos gozavam de excelente saúde e perfeito estado de espírito.

Hoje de manhã, como de costume, o Sr. Tregennis levantou-se muito cedo, antes do café, e foi passear naquela direção. A certa altura, o Dr. Richards, ao passar por ele de carro, disse-lhe ter sido chamado, de urgência, a Tredannick Wartha. Como é óbvio, o Sr. Tregennis acompanhou-o e, ao chegarem à moradia, depararam com um espetáculo inaudito: os dois irmãos e a irmã conservavam-se ainda sentados à mesa, diante das cartas espalhadas; a lareira estava apagada e as velas dos castiçais tinham-se consumido até à base.

A Srta. Brenda jazia sem vida, na mesma cadeira em que se sentara na véspera, enquanto os irmãos, identicamente instalados, ora riam, dementados, ora soltavam gritos de terror. Todos três, vivos e morta, apresentavam no olhar uma expressão de intenso pavor.

Ninguém mais se encontrava na casa, a não ser a velha cozinheira e governanta, Sra. Porter, que declarou nada ter ouvido durante a noite, pois dormira profundamente no seu quarto, bastante afastado da sala de estar.

Nada foi roubado, nem se viram vestígios de ter sido efetuada qualquer busca... e não se descobre motivo algum para a Srta. Brenda ter morrido e os seus dois irmãos terem enlouquecido.

É esta a inexplicável situação, Sr. Holmes, e estamos esperançados em que o senhor nos preste um inestimável serviço, se conseguir esclarecê-la.

Ainda pensei em tentar persuadir o meu amigo a manter-se no estado de repouso que constituía o objeto da nossa estada na Cornualha, mas bastou-me olhar para a sua expressão de entusiasmo para compreender que os meus argumentos seriam infrutíferos.

Com o sobrolho franzido, permaneceu em silêncio, absorto naquele misterioso enigma que viera perturbar a tranquilidade das nossas férias.

— Vou tratar deste caso — decidiu. — Aparentemente, o problema apresenta características excepcionais que eu detestaria desprezar... Já estive hoje na moradia, Reverendo?

— Não, Sr. Holmes. Mal o Sr. Tregennis me deu a terrível notícia, apressei-me a trazê-lo aqui, comigo.

— A que distância fica Tredannick Wartha? Se está situada perto da cruz de pedra, deve ser a propriedade que se estende a cerca de meio quilômetro daqui, não é verdade?

— Exatamente.

— Nesse caso poderemos ir a pé. Contudo, antes de partirmos gostaria que o Sr. Tregennis nos fizesse uma descrição pormenorizada daquilo que viu.

Notei que o homem conseguia dominar a sua agitação melhor do que o vigário que nem sequer fora testemunha ocular da tragédia. Com o rosto lívido, permanecia mudo, parecendo querer evitar olhar para Holmes. Finalmente, com uma expressão alarmada, resolveu falar.

— Queira perguntar-me o que desejar, embora me custe mencionar esse assunto.

— Limite-se a descrever-me as ocorrências da noite passada.

— Fui visitar os meus irmãos e, depois da ceia, George propôs que se jogasse uma partida de *Whist*. Passamos à sala de estar e entretivemo-nos com as cartas, desde cerca das nove horas até as dez menos um quarto. Quando os deixei, estavam todos muito alegres.

— Quem o acompanhou à porta?

— Ninguém, pois a Sra. Porter já se tinha deitado. A criada de fora só lá trabalha durante o dia e vai para a casa dos pais, logo depois do jantar. Saí e fechei a porta. A janela da sala de estar estava fechada, mas, a cortina achava-se corrida para um dos lados. Hoje de manhã, quando lá cheguei com o Dr. Richards, tanto a porta como a janela encontravam-se tal como eu as vira, na véspera, nada levando a supor que um estranho tivesse penetrado na casa.

Contudo, os meus irmãos tinham enlouquecido e Brenda, com a cabeça pendente para o lado, estava morta. Enquanto for vivo, jamais poderei esquecer aquele pavoroso cenário.

— Os fatos que acaba de revelar-me, Sr. Tregennis, são de tal maneira extraordinários que é de prever que o senhor não tenha uma explicação lógica para a tragédia, não é assim?

— Só pode ter sido obra do Diabo! — exclamou Mortimer Tregennis, roucamente. — Por meios humanos, seria impossível realizar uma coisa tão terrível!

— Se esse assunto transcende a natureza humana — considerou o meu amigo —, receio que esteja acima das minhas faculdades... No entanto, antes de nos rendermos a tal hipótese, devemos esgotar todas as explicações naturais. Quanto ao senhor, Sr. Tregennis, visto não coabitar com os seus irmãos, suponho que se tenha afastado da sua família por qualquer divergência grave...

— Efetivamente, em outros tempos surgiu uma séria divergência entre nós, mas já pertence ao passado... quando das partilhas de uma mina de estanho, em Redruth. Depois de ter vendido, apuramos dinheiro suficiente para podermos viver sem preocupações. Não nego ter havido nessa época um certo ressentimento entre mim e os meus irmãos quanto à divisão dos valores daquela operação, mas, ultimamente, tínhamos feito as pazes e as nossas relações eram as mais amistosas possíveis.

— Antes da tragédia, os seus irmãos encontravam-se sãos de espírito?

— Absolutamente e mostravam-se felizes.

— Eram pessoas nervosas! Nunca exteriorizaram qualquer apreensão por recearem um perigo iminente?

Antes de responder, Mortimer Tregennis refletiu, acabando por declarar:

— Não tenho conhecimento de que algum perigo os ameaçasse... Contudo, quando estávamos sentados à mesa, eu achava-me de costas para a janela e o meu irmão George, que era o meu parceiro no jogo, encontrava-se diante de mim, virado para ela. A certa altura, vi-o olhar fixamente por cima do meu ombro, e voltei-me para observar o que tanto lhe chamava a atenção. Pela vidraça da janela podia distinguir os arbustos do jardim e, por momentos, tive a sensação de que algo se movia entre eles... mas não posso afirmar se se tratava de homem ou de animal. Quando perguntei a George se vira alguma coisa no exterior, respondeu-me ter tido a impressão de que notara uma estranha agitação nos arbustos.

— E nenhum dos presentes se levantou para investigar o que se passava lá fora?

— Bem... Não demos importância ao incidente.

— Portanto, Sr. Tregennis, quando saiu da casa dos seus irmãos, não tinha qualquer presságio funesto?

— De maneira alguma.

— Como soube da ocorrência a uma hora tão matinal?

— Sou madrugador e costumo dar um passeio, antes do desjejum. Esta manhã, pouco depois de ter saído, encontrei o Dr. Richards que me informou de que a Sra. Porter o tinha mandado chamar urgentemente. Como é natural, saltei para o carro que o conduzia e seguimos juntos para Tredannick Wartha.

— O que viram, ao chegar à casa dos seus irmãos?

— Quando entramos na sala de estar, tanto as velas como o lume da lareira estavam apagados. Deviam ter-se extinguido muitas horas antes, pelo que, decerto, a sala permaneceu na escuridão, até o romper da alvorada.

— Notou algum sinal de violência?

— Nenhum. Brenda estava morta, na sua cadeira, e George e Owens esbracejavam, quer gritando, quer rindo como possessos. Não pude resistir a tão medonho espetáculo e senti-me desfalecer. O próprio médico, branco como a cal, sofreu uma vertigem e caiu desamparado numa cadeira.

— Muito estranho! — comentou Holmes, levantando-se e pegando o chapéu. — Convém irmos já para Tredannick Wartha. É um caso realmente singular!

Logo de início, a nossa investigação dessa manhã foi assinalada por um incidente que me impressionou sinistramente. A estrada para Tredannick Wartha era estreita e sinuosa e tivemos de afastar-nos para as bermas, a fim de darmos passagem a um carro fechado, que vinha em sentido contrário. Através do vidro da portinhola, entrevi, vagamente, um rosto que nos fitava com uma horrenda expressão de demência.

— São os meus irmãos! – gritou Mortimer Tregennis, empalidecendo.
— Vão levá-los para o hospício de loucos, de Helston!

Dirigimo-nos para a moradia, ampla e clara, circundada por um vasto jardim que, graças ao clima ameno da Cornualha, naquele despontar da primavera, já se encontrava florido. Tal como Tregennis declarara, a janela que dava para o jardim estava fechada.

Holmes tomou a dianteira, em direção aos arbustos fronteiros à casa, e ia tão absorto nos seus pensamentos que, com um pé, inadvertidamente, entornou um regador que se achava no caminho. Mas continuou a pesquisar o solo e nós três seguimos atrás dele.

A velha governanta, Sra. Porter, e a jovem criada que a ajudava durante o dia nos trabalhos domésticos vieram receber-nos à porta, visivelmente perturbadas. A Sra. Porter respondeu prontamente a todas as perguntas, afirmando nada ter ouvido, durante a noite. Acrescentou que os patrões, nos últimos tempos, pareciam muito alegres. Naquela manhã, ao entrar na sala de estar e ao deparar com a terrível tragédia, desmaiara de horror, caindo no chão. Foi socorrida pela criada que se apressou em abrir a janela para arejar o ambiente impregnado de fumaça.

Depois da Sra. Porter ter recuperado os sentidos, mandou um rapaz que passava na estrada chamar o médico. Se quisessem, podiam ir ver a Srta. Brenda que já fora transportada para o quarto. Tinham sido necessários quatro enfermeiros no hospício de Helston para forçarem os dois irmãos a entrar no carro que viera buscá-los. A Sra. Porter, ainda apavorada, queixava-se de náuseas e não queria passar nem mais uma noite naquela casa. Nessa mesma tarde, iria juntar-se à sua família, em St. Ives.

Subimos as escadas e examinamos o cadáver de Brenda Tregennis que, indubitavelmente, fora uma mulher atraente e que, alguns anos antes, devia ter sido uma jovem invulgarmente bela. Agora, porém, o seu formoso rosto moreno estava visivelmente contraído pelo pavor que sentira no momento da morte.

Descemos do quarto para a sala onde se verificara a medonha ocorrência. Sobre a laje da lareira ainda se amontoavam as cinzas da lenha queimada na noite anterior. Sobre a mesa na qual as cartas do baralho continuavam espalhadas, viam-se os quatro castiçais, com as velas inteiramente consumidas. Só as cadeiras tinham sido arrumadas perto da parede, mas tudo o mais estava no seu lugar.

Holmes percorreu a sala a passos rápidos; sentou-se alternadamente nas quatro cadeiras que aproximara da mesa, para reconstituir as posições em que os quatro irmãos se tinham colocado durante o jogo. Depois, verificou que parte do jardim poderia ser visto do interior da sala, inspecionou o soalho, o teto e a lareira, assim como os cinzeiros.

Nem por um momento lhe notei no olhar o brilho que habitualmente prenunciava ter feito alguma descoberta interessante.

— Mesmo na primavera, costumavam acender a lareira? — inquiriu.

Mortimer Tregennis explicou que a noite fora fria e úmida e que, por esse motivo, tinham acendido o fogo, pouco depois da sua chegada.

— Que pretende fazer, Sr. Holmes? — indagou, ansioso.

Virando-se para mim, o meu amigo pousou-me a mão no braço.

— Creio, meu caro Watson, que vou voltar ao velho hábito de me intoxicar com tabaco... que você, persistentemente e com tanta razão, tem condenado. Os senhores não levarão a mal que voltemos para casa, pois, aqui, nada entrevejo que possa esclarecer o mistério.

Contudo, Sr. Tregennis, não deixarei de meditar sobre os acontecimentos e, se me ocorrer qualquer hipotética solução, comunicarei-me imediatamente com o senhor, ou com o Reverendo. Por ora, só me resta despedir-me de ambos.

Só muito mais tarde, após a nossa chegada ao Poldhu Cottage, Holmes quebrou o seu obstinado silêncio. Afundara-se na poltrona, com o rosto magro de asceta quase oculto pelas densas colunas da fumaça do cachimbo, com as negras sobrancelhas franzidas e os olhos abstratos, vagueando pelo espaço.

Finalmente, pôs o cachimbo de lado, levantou-se e, soltando uma breve gargalhada, confessou:

— Não estou nos meus dias, Watson! O meu raciocínio não me leva a lado algum. Portanto, sugiro-lhe que me acompanhe num passeio pelos penhascos, em busca de pontas de flecha de pedra. Será mais fácil

encontrar despojos neolíticos do que a chave para o nosso enigma. Fazer o cérebro trabalhar sem material suficiente é o mesmo que exigir de uma máquina o que ela não pode produzir. Deteriora-se. O ar do mar, o sol, a paciência são-nos agora essenciais. O resto, Watson, virá por si, no momento oportuno.

Enquanto contornávamos aos penhascos, o meu amigo prosseguiu:

— Tentemos agora definir, calmamente, a nossa posição, baseados nos escassos elementos que possuímos. Suponho, Watson, que nenhum de nós está inclinado a admitir intrusões diabólicas em questões humanas. Portanto, ponhamos de parte essa eventualidade.

Estamos perante um caso em que três pessoas foram atacadas com indiscutível crueldade, consciente ou inconscientemente, por um ser humano. Quando sucedeu isso? Presumindo-se que a versão do Sr. Mortimer Tregennis corresponde à verdade, a tragédia ocorreu logo após ele ter saído da sala onde estivera jogando com os irmãos. Devemos considerar a hipótese de apenas terem decorrido escassos minutos. As cartas ainda se encontravam espalhadas na mesma posição. Ora, a partida do Sr. Tregennis verificou-se pouco antes das onze.

Consideramos todos os passos que ele deu, aparentemente, fora de qualquer suspeita. Você conhece bem os meus métodos e, decerto, compreendeu o meu expediente, de resto bastante desajeitado, de entornar o regador. O chão estava bastante seco ali, de maneira que, por aquele processo, consegui facilmente obter uma impressão mais visível do formato do seu pé. Contudo, como a noite passada estivera úmida, o caminho arenoso mais adiante conservou-lhe as pegadas e pude concluir que se afastou rapidamente da casa dos irmãos, para regressar à do vigário. A impressão das biqueiras estava mais pronunciada que a dos calcanhares. Poderia dizer-se que quase correu.

Ora, se Mortimer Tregennis desapareceu da cena, temos de admitir que mais alguém pôde exercer uma influência letal sobre os jogadores, criando uma atmosfera mortífera. Qual a identidade desse interveniente? A Sra. Porter está isenta de qualquer suspeita, já que se torna evidente ser uma mulher inofensiva. Existirão provas de que alguém se acercou da janela do jardim onde, por meios ignorados, aterrorizou os dois irmãos, a ponto de enlouquecê-los? A única hipótese neste sentido foi fornecida pelo próprio Tregennis, ao declarar ter visto qualquer coisa movimentar-se

entre os arbustos, o que é extraordinário, visto que a noite estava chuvosa, enevoadada e escura. Quem quisesse aterrorizar aquela gente, teria de encostar o rosto à vidraça, de maneira a ficar iluminado pela luz do interior da sala.

Do lado exterior da janela, estende-se um canteiro de flores, de cerca de um metro de largura. Ora, este canteiro não apresenta vestígios de pegada alguma. Por conseguinte, é difícil imaginar como alguém tivesse podido assustar tão fortemente os três irmãos; também não se encontra um motivo plausível para um tal atentado. Está vendo, Watson, as dificuldades que se nos deparam?

— Perfeitamente.

— No entanto, se dispuséssemos de mais alguns elementos, seria possível demonstrar que não são insuperáveis. Estou certo de que você, no seu vasto arquivo, tem compilados casos tão obscuros como este. Por ora, ponhamos o enigma de lado e dediquemo-nos à pesquisa de vestígios do homem neolítico. É mais compensador.

Já muitas vezes me referi à faculdade de o meu amigo se alhear, momentaneamente, dos problemas que o preocupam, mas nunca o admirei tanto como naquela manhã primaveril na Cornualha onde, durante horas, percorreu a respeito dos Celtas, das pontas de flechas e dos fragmentos de cerâmica que íamos encontrando, como se nenhum mistério dependesse do seu raciocínio e lhe merecesse uma laboriosa investigação.

Só já tarde, de regresso à casa, tornamos a falar no assunto, quando deparamos com uma visita que estava à nossa espera. Não foi necessário que alguém nos informasse da identidade daquele homem, alto e corpulento, de rosto duro e olhar arrogante, nariz aquilino e cabelos semi-grisalhos, com uma barba ainda loura nas pontas, mas já quase branca junto aos lábios, em que se notavam manchas de nicotina, impressas pelo eterno charuto. Tanto em Londres, como na África, aquelas feições eram muito conhecidas, pertencendo à formidável personalidade do Dr. Leon Sterndale, célebre explorador tropical e caçador de leões.

Estávamos a par da sua presença na região e, já por algumas vezes, tínhamos avistado a sua figura gigantesca no caminho da charneca. Contudo, nunca o Dr. Sterndale dera um passo para se aproximar de nós e não pensávamos em estabelecer relações com ele, visto ser conhecida a sua misantropia. Apreciava tanto o isolamento que, no regresso das suas viagens, passava o tempo numa casinha de campo, perdida na solidão

dos bosques de Beauchamp Arriance onde, entre livros e cartas geográficas do Equador e dos Trópicos, vivia numa total segregação em relação aos seus vizinhos. Portanto, fiquei surpreso ao ouvi-lo perguntar a Holmes se fizera alguns progressos na investigação da tragédia.

— A Polícia do Condado — comentou — está absolutamente confusa, sem poder interpretar o estranho fenômeno. Por isso, pensei que o senhor, Sr. Holmes, com a sua reconhecida experiência pudesse entrever uma explicação plausível.

— Por que motivo, Doutor, se interessa por esse caso?

— Nos períodos que aqui tenho passado, mantive relações de amizade com a família Tregennis. De resto, pelo lado de minha mãe, ainda somos primos. A terrível ocorrência perturbou-me profundamente, ao ponto de, estando já em Plymouth para embarcar para África, regressei imediatamente ao ter conhecimento do que se passou.

— Com alguma intenção especial? – sondou Holmes.

— Bem... Gostaria de colaborar no inquérito.

— E, só por causa disso, perdeu o navio?

— Poderei seguir no próximo vapor.

— Não há dúvida de que a sua amizade pela família Tregennis era muito profunda.

— Como lhe disse, ainda éramos parentes.

— Sim... Primos por parte de sua mãe... A sua bagagem ficou no navio?

— Os volumes pesados, destinados à minha estada na África já estão a bordo, mas os valores mais importantes deixei-os guardados no hotel.

— Compreendo... Mas como teve conhecimento da tragédia? Os jornais de Plymouth ainda não tiveram tempo para publicá-la.

— Não foi pelos jornais... Recebi um telegrama.

— Pode dizer-me quem teve o cuidado de telegrafar-lhe?

O rosto ossudo do explorador sombreou-se.

— Não será demasiada a indiscrição, Sr. Holmes?

— Inquirir faz parte da minha profissão.

— Pois bem. Foi o reverendo Roundhay quem me telegrafou.

— Obrigado pelo esclarecimento. Quanto à sua pergunta inicial, devo informá-lo de que ainda não cheguei a qualquer conclusão.

— Não tem suspeitas de pessoa alguma?

— Por enquanto, nada posso formular a esse respeito.

— Nesse caso, vejo que perdi o meu tempo, sendo inútil prolongar esta visita.

O famoso explorador retirou-se irritado e, poucos instantes depois, Holmes foi seguindo suas pegadas. Só regressou bastante tarde e, tendo passado uma vista de olhos pelo telegrama que chegara nesse espaço de tempo, elucidou:

— É do Plymouth Hotel. O vigário indicou-me o endereço e telegrafei para lá, a fim de confirmar as declarações de Sterndale. Parte da sua bagagem já se encontra a bordo do navio. Não há dúvida de que está muitíssimo interessado no desenrolar do inquérito.

Na manhã seguinte, estava eu a barbear-me, junto da janela, quando ouvi o ruído de cascos de cavalo e o rodar de um carro. Este parou à nossa porta e, instantes depois, o vigário entrava apressadamente no nosso jardim.

Estava tão emocionado e arquejante que mal podia falar. Por fim, balbuciou:

— Mortimer... O Sr. Tregennis morreu esta noite... Uma coisa horrível... Com os mesmos sintomas que os irmãos.

Holmes ergueu-se, sem esconder o entusiasmo.

— Pode levar-nos, no seu carro?

— Certamente.

— Vamos, Watson... Comeremos mais tarde... Vamos depressa, Reverendo, antes que alguém remova algumas provas materiais ou destrua quaisquer vestígios essenciais.

Na casa do vigário, Tregennis ocupava dois quartos sobrepostos; o do piso térreo servia-lhe de sala de estar e, o de cima, de quarto de dormir. As janelas dos dois aposentos davam para um campo de *croquet*, fronteiro ao prédio.

Tínhamos conseguido chegar antes do médico e da Polícia, pelo que tudo se encontrava ainda no seu lugar.

A atmosfera do quarto estava incrivelmente sufocante e seria irrespirável se a criada, momentos antes, não tivesse aberto a janela. Aparentemente, o ambiente de fumaça deveria atribuir-se ao grande candeeiro que ainda se achava aceso no centro da mesa.

Mortimer Tregennis encontrava-se sentado a essa mesa, reclinado na poltrona, com a cabeça para trás e a barba rala apontada para diante; tinha os óculos na testa e os seus olhos vítreos pareciam fixos na janela; o rosto magro apresentava o mesmo espasmo de horror que já tínhamos observado na expressão da irmã. Dir-se-ia que morrera num paroxismo de pânico.

Era evidente que se vestira às pressas; a cama indicava que dormira ali, nessa noite; um exame do cadáver permitiu-me deduzir que morrera às primeiras horas da manhã.

A habitual fleugma de Holmes dera lugar a uma desenfreada atividade, pesquisando o solo do campo de *croquet*, analisando o peitoril da janela, subindo e descendo as escadas, tal como um cão de caça a farejar a presa. No quarto de dormir, correu pelos cantos e inspecionou a janela, da qual se debruçou soltando uma exclamação de satisfação.

Novamente no piso inferior, saltou pela janela e deitou-se, de bruços, na relva. Parecia louco de excitação. Finalmente, voltando ao quarto, examinou atentamente o candeeiro que se achava sobre a mesa. Servindo-se da sua lupa, examinou a fuligem que cobria a parte superior daquele e, com um canivete, raspou uma parte da cinza depositada, que guardou num envelope.

Mal a Polícia e o médico se aproximaram da casa, Holmes fez-nos sinal para sairmos para o relvado do campo de *croquet*.

— Tenho o gosto de comunicar — elucidou — que a minha investigação não foi infrutífera, mas, neste momento, não posso perder tempo discutindo o caso com a Polícia. Portanto, Reverendo, peço-lhe que apresente os meus cumprimentos ao inspetor e lhe chame a atenção para o candeeiro no quarto.

Seria natural que à Polícia desagradasse a intromissão de um amador. O inspetor já devia ter encontrado a pista certa, visto que, nos dois dias seguintes, ninguém nos procurou. Holmes ora permanecia em casa, fumando pensativo, ora passava o tempo em digressões solitárias pelos seus arredores, cujo objetivo não se dignava revelar-me.

Finalmente, comprou um candeeiro, idêntico ao que tínhamos visto no quarto de Tregennis, encheu-o com o mesmo combustível e calculou, com exatidão, o tempo que este levava para esgotar-se. Em seguida, procedeu a uma experiência tão desagradável que não mais poderei esquecê-la.

— Você deve ter notado, Watson — observou —, que existe um fator análogo, em todas as informações que obtivemos. Refiro-me ao efeito produzido pela atmosfera ambiente nas pessoas que entraram nos aposentos, descobrindo as vítimas.

Mortimer Tregennis, ao entrar na sala de estar, sentiu-se nauseado e o médico chegou a cair, semi-desfalecido, numa cadeira. A Sra. Porter desmaiou. Nós próprios, no quarto de Tregennis, sentimo-nos quase sufocar, apesar de a criada já ter aberto a janela. Soube, ulteriormente, que esta moça se sentiu tão mal que caiu de cama.

Em ambos os casos obtivemos provas irrefutáveis de envenenamento da atmosfera, decerto por um processo de combustão. No primeiro, a lareira estava acesa; no segundo, estivera o candeeiro. Pelo cálculo do tempo que o combustível levou para esgotar-se, pude concluir que a chama se extinguiu muito antes do raiar do dia. Sem dúvida, há uma relação entre os três fatores: combustão, ambiente sufocante e morte ou loucura das vítimas. Não lhe parece, Watson?

— É evidente.

— Por conseguinte, podemos admitir que alguém provocou a combustão de uma substância que envenenou a atmosfera dos dois aposentos. Na sala de estar, a chaminé permitiu uma mais rápida expansão da fumaça, pelo que só a Srta. Brenda, sendo fisicamente mais frágil, sucumbiu: no quarto de Tregennis, com a janela fechada, a sua morte foi inevitável.

A substância acastanhada que recolhi no candeeiro apresenta-se sob a forma de partículas escamosas. Como viu, guardei parte dela num envelope...

— Sim, Holmes, e não percebi por que razão só retirou uma porção tão reduzida para análise.

— Porque não é meu costume dificultar as pesquisas da Polícia. Nunca a privo de qualquer prova que eu considere fundamental. Se tiverem algum engenho, poderão chegar às mesmas conclusões, visto que a cinza envenenada ainda lá se encontra.

Agora, Watson, vou propor-lhe uma experiência um tanto ou quanto arriscada: vamos acender o nosso candeeiro. Você vai sentar-se junto da janela, a menos que, como pessoa sensata, se recuse a participar desta experiência...

— Não, Holmes. Estou sempre pronto a colaborar com você.

— Bem... Já esperava que você desejasse testemunhar os resultados. Vou sentar-me nesta cadeira, defronte da sua, de maneira a ficarmos ambos a igual distância dos resíduos do veneno a cuja combustão procederei. Por cautela, deixaremos a porta entreaberta. Como nos situamos um diante do outro, qualquer de nós poderá intervir, caso os efeitos se revelem alarmantes.

Agora, vou retirar do envelope estes resíduos e colocá-los no candeeiro. Pronto! Sentemo-nos e aguardemos.

Mal me sentei, comecei a sentir um odor sufocante e, instantes depois, perdi o domínio da razão. Pareceu-me que uma nuvem negra me descontrolara os sentidos; um terrível pavor invadiu-me o cérebro, povoado de tudo quanto havia de tenebroso no mundo. Fiquei gelado de horror, com os cabelos arrepiados, os olhos fora das órbitas e a língua, tornada coriácea, pendendo da boca. Tive a impressão de que minha cabeça ia estourar e tentei gritar, mas só consegui emitir um rouco coaxar. Então, num supremo esforço de fuga, depois de ver o rosto do meu amigo com os sintomas que já presenciara nas duas anteriores vítimas, saltei da poltrona, arranquei Holmes da cadeira e arrastei-me com ele para fora do quarto.

Momentos depois, estávamos estendidos na relva, lado a lado, apenas conscientes do sol cujos raios diluíram a infernal névoa que nos envolvera o cérebro. Lentamente ela dissipou-se como a bruma dos pântanos e recuperamos a razão.

Sentamo-nos, enxugando a transpiração viscosa que nos alagara o rosto, e entreolhamo-nos, para avaliar os últimos traços fisionômicos que remanesciam da espantosa experiência a que nos tínhamos sujeito.

Por fim, Holmes exclamou, com a voz ainda vacilante:

— Devo agradecer-lhe, Watson, e ao mesmo tempo, pedir-lhe desculpa por esta prova a que nos submetemos. Mesmo que eu tivesse sido a única vítima, o risco da tentativa seria imperdoável... mas muito mais o foi, tendo eu associado à experiência um muito querido amigo. Não sei como pedir-lhe perdão.

— Bem sabe, Holmes — respondi emocionado, pois nunca vira o meu companheiro tão afetuoso para comigo —, que considero o poder ser-lhe útil como o maior privilégio e motivo de alegria.

Logo Holmes recuperou o seu tom irônico, comentando:

— Seria supérfluo pensar-se que pretendíamos ficar loucos, visto que qualquer observador desprevenido não deixaria de afirmar que já o estávamos, ao tentarmos tão temerária experiência. Contudo, confesso nunca ter pensado que o efeito do veneno fosse tão violento e instantâneo.

Correu para casa e, regressando com o candeeiro ainda aceso, atirou-o para cima de um amontoado de ramos secos que logo se inflamaram.

— Agora, Watson, devemos esperar que a atmosfera do quarto se purifique, antes de voltarmos lá para dentro. Já não nos resta dúvida quanto ao processo de envenenamento, mas a causa ainda permanece obscura. Sentemo-nos sob este caramanchão e analisemos o caso:

Temos de admitir que o autor da primeira tragédia foi Mortimer Treggenis, embora tivesse sido a vítima da segunda. Soubemos da querela familiar e não nos é dado avaliar até que ponto a reconciliação foi integral. Indubitavelmente Mortimer Tregennis mentiu-nos ao inventar a presença de um vulto do lado exterior da janela, visto não haver pegadas junto a ela, entre os arbustos e a casa. Pretendeu despistar-me, porque só ele, antes de sair, poderia ter atirado a substância alucinatória e tóxica para as brasas da lareira. E foi a última pessoa a estar na sala, já que, se mais alguém tivesse entrado depois dele, qualquer dos dois irmãos ter-se-ia levantado para receber o visitante. De resto, neste tranqüilo Condado da Cornualha, não se fazem visitas depois das dez horas da noite. Portanto, tudo indica que foi ele o criminoso.

— Nesse caso, considera que a sua morte foi suicídio?

— *A priori*, essa hipótese não é impossível, porquanto uma pessoa que comete um crime tão hediondo contra a própria família pode sentir-se impelida pelo remorso, ao ponto de eliminar-se de idêntica maneira.

Contudo, Watson, subsistem argumentos ponderáveis que tornam tal hipótese improvável... Felizmente, temos na Inglaterra alguém que tudo sabe acerca de substâncias venenosas daquela natureza... de modo que tomei providências no sentido de que, ainda esta tarde, passasse por aqui... Olhe, aí vem ele, mesmo antes da hora combinada... Queira entrar, Dr. Leon Sterndale.

Eu ouvira o ranger do portão do jardim e vi encaminhar-se, à nossa direita, a majestosa figura do famoso explorador africano que olhou surpreso para o caramanchão sob o qual estávamos sentados.

— Estivemos fazendo uma experiência química dentro de casa, pelo que o ambiente ficou irrespirável — justificou-se Holmes. — Por conseguinte, não podemos recebê-lo, Doutor, em condições adequadas à sua ilustre pessoa. Verifico que recebeu o meu bilhete.

— Sim e estranhei que me mandasse chamar. Não sei porque deva obedecer a um apelo que quase me pareceu uma ordem... mas aqui estou.

— Talvez possamos esclarecer a situação. Agradeço-lhe ter anuído ao meu pedido e peço-lhe desculpa por ter de recebê-lo ao ar livre. O assunto que vamos discutir é de natureza tão íntima que se torna preferível que ninguém mais ouça e este lugar está suficientemente afastado dos ouvidos de qualquer criada.

O explorador tirou o charuto da boca e fitou o meu amigo, interrogativamente.

— A que assunto íntimo se refere, Sr. Holmes?

— Ao assassinato de Mortimer Tregennis.

Naquele momento desejei estar armado. O rosto arrogante de Sterndale tornou-se rubro de cólera e avançou de punhos fechados para o meu companheiro. Contudo, deteve-se a tempo e, recuperando a calma, declarou friamente:

— Vivi tanto tempo entre selvagens e tão afastado das leis civilizadas, que me habituei a fazer justiça por minhas próprias mãos. Lembro-lhe isto, Sr. Holmes, pois não desejo causar-lhe qualquer mal.

— Nem é meu desejo prejudicá-lo, Dr. Sterndale. A prova mais evidente reside no fato de ter chamado o senhor, e não a Polícia.

O homem deixou-se cair num coto de tronco de árvore, perto de nós, e pareceu subjugado pela adversidade... talvez pela primeira vez na sua vida. A atitude de Holmes, tranqüila e segura, emanava autoridade e o nosso visitante, visivelmente agitado, indagou:

— Que pretende de mim? Deixemo-nos de rodeios...

— Espero que a minha franqueza seja correspondida. O meu procedimento seguinte depende da sua defesa.

— Da minha defesa?

— Precisamente.

— Que espécie de defesa?

— Referente à acusação de ter morto Mortimer Tregennis.

O explorador limpou a testa com um lenço.

— Creio que está ultrapassando todos os limites, Sr. Holmes. Será que os seus sucessos têm dependido dessa prodigiosa capacidade para ludibriar os incautos?

— Se algum de nós, neste momento, está pretendendo ludibriar o outro, é o senhor e não eu. Para prová-lo, vou enunciar os fatos em que baseei as minhas conclusões.

O fato de o senhor ter deixado parte da sua bagagem em Plymouth, a bordo de um navio em que não chegou a partir, contribuiu para essas minhas conclusões.

— Eu regresssei porque...

— Já me explicou as suas razões, mas considerei-as pouco convincentes e inadequadas. Passemos adiante. O senhor procurou-me para perguntar-me de quem eu suspeitava. Em seguida, dirigiu-se à casa do vigário, contornou-a, demorou-se algum tempo nas imediações, mas não entrou. Afastou-se e regressou à sua residência, cabisbaixo, sem olhar para trás.

— Como sabe isso?

— Segui-o.

— Não vi ninguém.

— Pode estar certo de que isso sucederá, sempre que eu o seguir. Passou toda a noite acordado, arquitetando um plano que resolveu pôr em prática, às primeiras horas da manhã. Ao sair de casa, meteu nos bolsos alguns minúsculos seixos avermelhados que estavam amontoados junto ao seu portão.

Sterndale estremeceu e fitou Holmes, aturdido. Este prosseguiu:

— Então, rapidamente, dirigiu-se à casa da paróquia. Acrescentarei que trazia calçados os mesmos sapatos de tênis que ainda mantém nos pés. Ao chegar lá, atravessou o pomar e a cerca em volta, e colocou-se sob a janela do quarto de Tregennis. Àquela hora matutina, embora o sol já raiasse, o interior da casa estava silencioso. Então, atirou alguns daqueles seixos à vidraça da janela do piso superior.

— O senhor tem poderes diabólicos! Como pode saber isso? Tenho a certeza de que ninguém me viu!

Holmes sorriu, considerando a frase um elogio, e continuou:

— Precisou repetir o lançamento desses seixos, antes que Tregennis aparecesse à janela. Após um brevíssimo diálogo, o senhor entrou em casa e Tregennis vestiu-se às pressas para vir ao seu encontro. Quando este terminou, o senhor fechou a janela e saiu, permanecendo no relvado fronteiro, fumando um charuto e observando os acontecimentos. Quando se convenceu de que Tregennis estava morto, retirou-se, tal como viera.

Como vê, Dr. Sterndale, não estou ludibriando-o, mas, se o senhor tentar negar os fatos, serei forçado a entregar o caso a outras entidades.

Perante esta ameaça, o rosto do explorador tornou-se lívido. Depois de pensar uns instantes, com a cabeça entre as mãos, tirou, num gesto impulsivo, uma fotografia do bolso e entregou-a a Holmes.

— Aqui tem a razão que me levou a fazer o que fiz.

Era a imagem de uma linda mulher.

— Brenda Tregennis — murmurou Holmes, apreciando-a.

— Sim, é Brenda. Amávamo-nos há vários anos, e esse é o segredo que me levava a viver isolado na Cornualha. Só assim podia estar perto dela. Não me era possível casar com Brenda, porque já sou casado e, embora minha mulher me tenha abandonado há muito tempo, nunca pude divorciar-me por culpa das odiosas leis inglesas. Durante anos, Brenda e eu esperamos que a morte dessa mulher me libertasse... e eis o resultado da nossa longa espera.

Com a mão, ocultou uma contração da garganta, certamente um soluço. Dominando-se explicou:

— O reverendo Roundhay estava a par da nossa história, pois era o nosso confidente, e poderá afirmar-lhe que Brenda era um verdadeiro anjo sobre a terra. Foi por esse motivo que me telegrafou para Plymouth.

Que me interessavam as bagagens e a partida para a África, depois de ter conhecimento da tragédia? Esta foi a razão do meu procedimento.

Como fizesse uma prolongada pausa, Holmes incitou:

— Queira continuar.

O Dr. Sterndale extraiu do bolso um embrulho de papel e estendeu-o, mostrando um rótulo “Radix Pedis Diaboli”; por baixo, lia-se a indicação: “Veneno”.

Entregando a mim, sondou:

— O senhor que é médico, já ouviu falar disto?

— “Raiz de pé de Diabo”!... Nunca ouvi falar de tal coisa! — confessei.

— Esse conhecimento em nada diminui os seus méritos profissionais, Dr. Watson, visto que, com exceção da amostra que enviei para um laboratório de Budapeste, não deve existir qualquer outra na Europa. Ainda não recebeu classificação científica na farmacopéia ocidental, nem nos tratados de toxicologia.

A raiz tem forma de um pé, meio humano, meio caprino, de onde proveio a designação fantástica, dada por um velho missionário que também era botânico... já falecido. É utilizada como veneno, em provas punitivas, por raros feiticeiros da África Ocidental que conservam o sigilo apenas entre eles. Só em circunstâncias verdadeiramente extraordinárias, consegui obter esta amostra, numa restrita zona da região do Ubângui. O presente espécime está, evidentemente, reduzido a pó. Vou mostrá-lo.

Abriu o embrulho e exibiu-nos um pó castanho-avermelhado, semelhante a rapé.

— Que mais? — incitou Holmes, em tom severo.

— Já expus os sentimentos que me ligavam à Srta. Brenda e me induziam, necessariamente, a manter relações com os irmãos. Após uma séria querela com Owen e George, por motivo de partilhas, Mortimer malquistou-se com aqueles. Contudo, graças à bondosa intervenção de Brenda, os irmãos reconciliaram-se. Por isso, voltei a relacionar-me com Mortimer, apesar de sabê-lo pérfido e intriguista.

Há cerca de duas semanas, veio visitar-me e mostrou-se interessado em algumas das curiosidades africanas que coleciono. Tinha-me ouvido, certa vez, mencionar as propriedades deste pó que estimula os centros nervosos cerebrais, sobreexcitando o sentido do terror, e que vitima à loucura ou à morte aqueles nativos que os feiticeiros condenaram por qualquer crime. Naturalmente, mencionei a ignorância em que se encontra a ciência europeia quanto a muitos produtos e essências africanos, particularmente à Raiz de Pé do Diabo.

Não sei como Mortimer conseguiu apoderar-se de uma porção deste pó, pois nunca me afastei da sala em que nos encontrávamos e que eu transformara numa espécie de pequeno museu. Talvez tenha aproveitado a oportunidade em que eu abria ou fechava um armário, para mostrar-lhe qualquer outro exemplar invulgar.

Lembro-me de que me interrogou acerca dos efeitos deste pó, mas nunca supus que a sua intenção fosse utilizá-lo... e o fato é que me subtraiu uma parte dele.

Entretanto, proporcionou-me uma nova expedição venatória e científica ao continente africano e nunca mais pensei no assunto, até o instante em que, já em Plymouth, recebi o telegrama do reverendo Roundhay. Compreendi que Mortimer me supusera a caminho da África e que a notícia não me alcançaria tão cedo... ou seja, só tarde demais para que eu pudesse atuar.

Porém, contra a sua expectativa, regressei imediatamente e, mal me inteirei dos pormenores da tragédia compreendi que aquele monstro utilizara o meu veneno. Vim procurá-lo, Sr. Holmes, para indagar se haveria qualquer hipótese de uma outra explicação e mais convencido fiquei de que Mortimer tentara assassinar os três irmãos... de maneira a ficar impune perante a ineficácia da Polícia numa tal matéria de toxicologia desconhecida.

Talvez Mortimer apenas desejasse provocar-lhes um estado de semi-demência, de irresponsabilidade, que lhe permitisse ficar administrando-lhes todos os bens, após dá-los por interditos. Mas a verdade é que matou Brenda, infamemente... A única criatura que amei em toda a minha vida... e que também eu me amava.

Mas como poderia eu provar que Mortimer se servira da Raiz de Pé do Diabo, se só eu a tinha em meu poder? Como poderia levar um júri de aldeões a acreditar numa história tão incrível? Que juiz se arriscaria, sem provas materiais evidentes, a condenar um tal monstro... de aparência sempre irrepreensível?

A minha mágoa, a minha revolta impeliu-me à vingança e não queria sujeitar-me a um malogro da Justiça. Como lhe disse, Sr. Holmes, vivi tanto tempo longe da Lei que acabei por ditar as minhas próprias leis e decidi que Mortimer deveria compartilhar a mesma sorte que infligira aos irmãos.

Como o senhor deduziu, saí de casa, após uma noite de angustiada insônia e, prevendo a dificuldade de acordar Mortimer, muni-me de uns pequenos calhaus que encontrei junto à porta. Servi-me deles, projetando-os contra a vidraça da janela onde ele dormia e obriguei-o a descer à sala onde o aguardei. Então, acusei-o frontalmente do crime, apresentando-me como juiz e carrasco. O miserável, aterrorizado ao ver

o meu revólver apontado para o peito caiu numa cadeira. Petrificado, viu-me acender o candeeiro e colocar nele o pó fatal. Depois, coloquei-me do lado de fora da janela fechada, mas mantendo-o ameaçado pela arma através da vidraça, para que não tentasse furtar-se ao castigo a que o sentenciara, abandonando a sala.

Morreu ao cabo de cinco minutos... de sofrimento atroz. Mas o meu coração estava empedernido, pois Mortimer não sofreu mais do que a minha adorada Brenda... e ele imolara a inocente irmã, apenas por uma repugnante ânsia de dinheiro!

Esta é a minha história, Sr. Holmes. Se o senhor amasse uma mulher, talvez tivesse procedido de idêntica maneira. De qualquer forma, estou nas suas mãos. Faça de mim o que lhe aprouver. Estou certo de que ninguém, no mundo, receia menos a morte do que eu.

Durante algum tempo, Holmes permaneceu silencioso. Por fim, perguntou:

— Quais eram os seus planos, Dr. Sterndale?

— Tencionava embrenhar-me no interior da África. Lá, o meu trabalho está ainda no meio...

— Pois vá terminá-lo, Doutor – sentenciou o meu amigo. — Eu, pelo menos, não tenho a menor intenção de impedi-lo.

O explorador ergueu o seu gigantesco vulto e inclinou-se gravemente antes de afastar-se do caramanchão e sair do jardim.

Acendendo o cachimbo e estendendo-me a bolsa do tabaco, Holmes observou:

— Algumas fumaças não venenosas constituem, decerto, um agradável derivativo. Espero que concorde comigo, Watson, em que este é um daqueles casos em que não devemos interferir. A nossa investigação foi independente da ação das autoridades... e independente manter-se-á o nosso modo de agir. Você teria coragem de denunciar este homem?

— Certamente que não.

— Nunca amei, Watson, mas, se amasse e a minha eleita tivesse sofrido semelhante destino, com certeza procederia como este caçador de leões. Bem, não pretendo ofender a sua inteligência explicando-lhe o que é óbvio. Os seixozinhos que encontrei no peitoril da janela e no solo foram o meu ponto de partida, pois eram totalmente diferentes dos que constituem o piso do jardim do vigário. Fui encontrá-los junto à porta

de Sterndale. Os resíduos de fumaça, no candeeiro, constituíram a pista inicial, bem fácil de seguir: intoxicação por combustão de uma substância venenosa. E agora, meu caro, creio que podemos varrer da mente este desagradável caso e regressar, de consciência leve, ao estudo das raízes etimológicas caldaicas cujos vestígios devemos certamente encontrar no ramo da velha língua céltica que, ainda hoje, perdura na Cornualha.



O CRIME DA ABADIA

N uma fria e nevoenta manhã de inverno, de 1897, acordei ao sentir uma ligeira batida num ombro. Era Holmes. A vela que segurava iluminava-lhe a expressão ansiosa e logo percebi que sucedera algo de grave.

Venha, Watson! O jogo já começou! Não percam tempo com explicações. Vista-se e venha, depressa!

Dez minutos depois, atravessávamos de carro as ruas silenciosas de Londres, em direção à estação de Charing Cross.

Rompam-se os primeiros clarões da alvorada e, de quando em quando, avistávamos o vulto de um operário. Holmes mantinha-se calado, encolhido no seu amplo sobretudo, e eu fazia o mesmo, pois o frio era cortante e nenhum de nós tomara o café da manhã.

Só depois de uma xícara de chá bem quente, ingerida às pressas na estação, e já sentados no vagão do trem, é que Holmes se dispôs a falar... e eu a ouvir. O meu amigo tirara um telegrama do bolso, e leu em voz alta:

“Abbey Grange¹, Marsham, Kent — 03h30.

Caro Sr. Holmes,

Agradeceria viesse imediatamente meu auxílio, caso que se prenuncia extraordinário. Algo da sua especialidade. A não ser para libertar dama, deixarei tudo como se encontra. Peço não perca um instante, visto ser difícil manter lá *Sir* Eustace.

Sinceramente,
Stanley Hopkins.”

(¹) *Granja da Abadia. (N. do T.)*

— Das sete vezes que Hopkins pediu o meu auxílio — lembrou Holmes —, todos os seus apelos se justificaram. Creio que alguns casos do nosso amigo inspetor já fazem parte da sua coleção e devo confessar-lhe, Watson, que, na seleção de casos para os seus relatos, você realça alguns temas deploráveis. O seu costume fatal de interpretar aqueles, como uma aventura empolgante, em vez de apresentá-los como um exercício mental científico, tem arruinado uma matéria que poderia ser instrutiva... e até mesmo uma série de demonstrações clássicas de raciocínio dedutivo. Refere-se, por alto, a um trabalho de argúcia e extrema delicadeza, para evidenciar pormenores sensacionalistas que podem excitar a imaginação do leitor, mas não contribuem para instruí-lo.

Com algum azedume, retorqui:

— Por que não escreve, você mesmo, os seus casos?

— Tenciono escrever alguns... mas presentemente estou, como sabe, imensamente ocupado... Contudo, tenciono dedicar a minha velhice a redigir um livro que focará toda a arte de detecção criminal, num único volume... Este caso parece tratar-se de assassinato.

— Pensa que *Sir* Eustace tenha sido morto?

— Assim parece. A caligrafia de Hopkins indica grande agitação... e ele é um emotivo. Deve ter havido um crime violento e o cadáver aguarda apenas o nosso exame, antes que o laboratório da Polícia intervenha. Um mero suicídio não levaria Hopkins a chamar-me tão precipitadamente.

Quanto a mencionar a libertação da dama, isso indica que ela esteve fechada num quarto, quando se perpetrou o crime. Vamos envolver-nos num ambiente da alta sociedade... Repare, Watson: o papel tem impresso o monograma E. B. e um brasão; note também o endereço. Creio que o nosso amigo Hopkins já está a par da situação e que vamos ter uma manhã interessante. O assassinato deve ter sido cometido antes da meia-noite de ontem.

— Como pode saber isso?

— Examinei os horários dos trens e avaliei o tempo. A Polícia local deve ter sido chamada, mas comunicou a ocorrência à Scotland Yard. Destacaram Hopkins para efetuar o inquérito, mas o nosso amigo inspetor decidiu chamar-me. Todas estas diligências representam uma noite de trabalho... Bem, chegamos à estação de Chislehurst e já vamos saber o que nos espera.

Um percurso de carro por dois quilômetros de estreitas azinhagas levou-nos a um portão enorme que nos foi aberto por um homem de aparência perturbada, provavelmente devido à tragédia.

Uma alameda ladeada de olmos atravessava um vasto parque, dando acesso a uma casa baixa, alongada, com um frontão de pilares. A parte central era evidentemente muito antiga, coberta de hera, mas as largas janelas indicavam ter-se procedido a um restauro modernizante da arcaica abadia e uma das alas era, sem dúvida alguma, de construção recente.

A figura jovem e de expressão viva do inspetor Stanley Hopkins esperava-nos à porta.

— Sinto-me satisfeito por ter vindo, Sr. Holmes... e também pela sua presença, Dr. Watson... Porém, receio tê-los incomodado em vão, visto que a dona da casa, depois de recuperar os sentidos, relatou-nos tão claramente o incidente que pouco nos resta fazer. Lembra-se daquela quadrilha de assaltantes, de Lewisham?

— Refere-se aos três Randalls?

— Precisamente: o pai e os dois filhos. Já não tenho dúvida de que isto também foi obra deles. Há quinze dias, realizaram um assalto em Sydenham onde foram vistos e claramente descritos. Embora seja um golpe de inesperada audácia, tudo indica que se trata deles. Desta vez, não escapam da força.

— Quer dizer que *Sir* Eustace foi assassinado?

— Esmagaram-lhe a cabeça, com o atijador da lareira.

— O cocheiro que nos trouxe informou-me de que esta casa pertence a *Sir* Eustace Brackenstall.

— Bem... pertencia – corrigiu Hopkins, sem esconder a ironia. — Era um dos homens mais ricos do Condado de Kent. Lady Brackenstall aguarda-nos na saleta. Passou, coitada, por uma horrível prova. Quando cheguei, estava mais morta do que viva. Julgo mais conveniente ouvi-la relatar os fatos, antes de examinarmos a sala de jantar onde ocorreu o crime.

Lady Brackenstall não era uma mulher de aspecto comum. Raras vezes tive ocasião de ver uma pessoa tão graciosa, tão feminina e formosa. Tinha um cabelo louro-dourado, olhos azuis, e o tom da pele decerto

condiria com toda a sua beleza, não fora a experiência daquela noite tê-lo esmaecido.

Os seus sofrimentos não só eram afetivos, mas também físicos, pois apresentava um dos lados da testa contuso, roxo e inchado, que uma criada austera constantemente refrescava com curativos de água e vinagre.

Quando entramos na sala contígua, a dona da casa estava deitada, exausta, num divã, mas mantinha o olhar vivo e alerta, demonstrando não ter ficado mentalmente transtornada pela tragédia. Envergava um amplo roupão, azul e prata, mas, a seu lado, ainda se achava o vestido preto da noite anterior.

Com voz cansada, observou:

— Já lhe contei tudo, Sr. Hopkins... Bem, se acha absolutamente necessário, repetirei para esses senhores. Já estiveram na sala de jantar?

— Achei preferível ouvirem, primeiro, a história...

— Quanto mais depressa melhor. Agradeço-lhe que tome as suas providências, inspetor, porque me custa pensar que ele ainda ali está.

Estremeceu, escondendo o rosto entre as mãos e ao fazê-lo, a manga folgada descaiu, exibindo duas manchas vermelhas que lhe marcavam o braço claro e bem torneado. A jovem apressou-se a escondê-las, mas Holmes indagou:

— Tem outras contusões, Milady?

— Nada de importância... e sem relação com a noite de ontem. Queiram sentar-se.

Casei-me, há um ano, com *Sir* Eustace Brackenstall, mas é inútil ocultar que a nossa união tem sido infeliz, visto que todos os vizinhos o testemunhariam. Talvez, em parte, a culpa seja minha, pois fui educada em Adelaide, na Austrália, e não me adapto facilmente à vida na Inglaterra... aos seus preconceitos e tabus sociais. Contudo, o principal motivo do nosso desentendimento residia no fato de *Sir* Eustace ser um ébrio inveterado. Mesmo por uma só hora, tornava-se desagradável conviver com um homem perenemente etilizado. Para uma mulher sensível e voluntariosa, era um sofrimento viver em tais condições. Considero um sacrilégio, por parte das vossas leis, o proibir-se a dissolução do matrimônio.

Vou agora narrar o que sucedeu na noite passada. Todos os criados, menos a minha criada de quarto, Theresa, dormem na ala nova, do lado

oposto da cozinha. Nesta velha ala, ficam os nossos aposentos e o quarto de Theresa, mesmo por cima do meu. Ninguém mais dorme aqui e nenhum som perturbaria o sono dos que se encontram na outra ala. Os ladrões deveriam estar a par desta distribuição das pessoas pela casa, pois, do contrário, não teriam agido como agiram.

O meu marido foi para o quarto, por volta das dez e meia, depois de todos os criados já se terem retirado para os dormitórios. Só Theresa se mantinha acordada, no seu quarto, até eu necessitar dos seus serviços. Fiquei nesta sala, até depois das onze horas, lendo um livro.

Antes de subir para o meu quarto, dei uma volta pela casa, para verificar se tudo estava em ordem, devidamente fechado, pois nunca podia confiar nos cuidados do meu marido. Passei pela cozinha, pela copa; dei uma volta pela sala de armas e pela de bilhar; entrei na sala de visitas e, finalmente, na sala de jantar.

Ao aproximar-me da porta-balcão que dá para o jardim e se encontra coberta por uma cortina, senti uma lufada de vento no rosto, pelo que compreendi que se achava aberta. Corri a cortina e deparei com um homem idoso, de ombros fortes, logo seguido de outros dois. O primeiro intruso agarrou-me os pulsos, fazendo cair a vela que eu empunhava e, depois, deitou-me as mãos à garganta, para impedir-me de gritar. Quando, mesmo assim, tentei fazê-lo, golpeou-me a testa com um soco... e devo ter ficado inconsciente por alguns minutos, visto que, ao recuperar os sentidos, notei que já tinham cortado o cordão da campainha e que me haviam amarrado à cadeira da cabeceira da mesa, com uma mordança na boca.

Foi nesse momento que o meu marido entrou. Devia ter ouvido o ruído, pois já vinha preparado para o que quer que fosse. Apenas envergava uma das calças e a camisa, e empunhava a sua bengala favorita. Eustace correu para um dos bandidos, mas o mais velho, que estava junto à lareira, pegou no atizador e desferiu-lhe um terrível golpe na cabeça.

O meu marido caiu, sem soltar um gemido, e nunca mais se moveu. Tornei a desmaiar e, quando abri os olhos, vi que tinham tirado as pratas que se achavam sobre o aparador, assim como uma garrafa de vinho. Cada um dos ladrões tinha um copo na mão, falando em surdina. Como os dois mais novos ainda eram imberbes, pensei que se tratasse de pai e

filhos. Finalmente, depois de um deles verificar se eu ficara bem imobilizada, retiraram-se, fechando a porta-balcão.

Só cerca de um quarto de hora mais tarde, consegui deslocar a mordação da boca e gritei. Depois de Theresa ter vindo em meu socorro, apareceram os outros criados e foi chamada a Polícia local que, imediatamente, comunicou o assalto à Scotland Yard. De Londres, mandaram este inspetor... a quem já tinha contado a minha história... Espero que não venha mais ninguém fazer perguntas sobre ela... pois é-me doloroso ter de repeti-la.

Virando-se para Holmes, Hopkins sondou:

— Tem alguma pergunta a fazer?

— Não quero abusar do tempo e da paciência de Lady Brackenstall, mas, antes de irmos para a sala de jantar, gostaria de ouvir o que Theresa poderá esclarecer.

Voltara-se para a idosa criada e esta explicou:

— Quando estava no meu quarto, sentada à janela, vi três homens perto do portão. Embora houvesse luar, o portão fica bastante distanciado e só pude distinguir-lhes os vultos escuros. Como é natural, nessa ocasião, não liguei importância ao fato, pois na estrada passa sempre gente e há quem pare para espreitar esta antiga abadia.

Só uma hora depois ouvi Milady gritar e desci correndo... Encontrei-a, coitada, como os senhores já sabem, e vi *Sir* Eustace caído no chão, todo ensangüentado. Qualquer mulher teria enlouquecido, ao ver-se amarrada e amordaçada daquela maneira, com o vestido manchado do sangue do próprio marido! Mas, à Sra. Mary Fraser, de Adelaide, nunca faltou coragem... e não iria perdê-la, só por ter-se tornado Lady Mary Brackenstall, da Abbey Grange.

Agora que já a interrogaram, mais do que o suficiente, os senhores vão cuidar da sua vida que a “minha senhora”... Milady... irá para o quarto com a sua velha Theresa, pois está precisando de repouso.

Com ternura maternal, a criada, magra e envelhecida, ajudou a patroa a subir para o quarto.

Hopkins elucidou:

— É Theresa Wright... o gênero de criada que já não se encontra nos nossos tempos... Está com Lady Brackenstall desde que esta era

simplesmente Mary Fraser... Vieram para a Inglaterra, há dezoito meses... Venha por aqui, Sr. Holmes, por favor.

O entusiasmo extinguiu-se na expressão do meu amigo, visto que, não havendo mistério, o interesse do caso desvanecera-se e Holmes não se dignaria sujar as mãos com patifes vulgares, tal como um especialista ou um grande cirurgião se aborreceriam ao serem chamados para um caso de mero sarampo. Contudo, o cenário da sala conseguiu reavivar-lhe o interesse.

Era um vasto aposento de alto pé direito, com teto e lambris de carvalho. Ao lado da lareira, via-se uma pesada cadeira de braços, em mogno, de pés em cruz. Na madeira trabalhada, ainda permanecia a corda vermelha que amarrara a dona da casa. Ao cortarem a corda, tinham-na deixado escorregar, ficando os nós caídos sobre os pés em cruz. Estes pormenores só mais tarde nos chamaram a atenção. Visto que, ao entrarmos, os nossos olhos ficaram logo fixos no vulto estendido no chão, sobre uma pele de tigre.

Sir Eustace fora um homem alto, bem proporcionado, de cerca de quarenta anos de idade. Achava-se deitado de costas, com o rosto virado para cima, apresentando por entre a barba negra uma fileira de dentes brancos, como que arreganhados de raiva.

Tinha as mãos acima da cabeça e, entre elas, uma pesada bengala. O rosto moreno, de nariz aquilino, apresentava um espasmo de cólera que lhe dava um ar diabólico. Era evidente que já se encontrava deitado quando ouvira a luta no andar inferior, pois enfiara as calças por cima da camisa de dormir, sem sequer ter-se dado ao trabalho de calçar os chinelos.

A cabeça fora esmagada e, a seu lado, jazia o atizador que se quebrara com o impacto do golpe desferido. Holmes examinou-o, assim como o ferimento.

— Esse Randall — observou — deve ser um sujeito muito forte!

— Sim — confirmou Hopkins. — É um tipo violento e perigoso.

— Não lhe será difícil apanhá-lo.

— Claro que não. Tinha-nos constatado que fugira para a América, mas, agora, já sabemos que se deixou ficar por aqui. Já avisamos todos os portos e oferecemos uma recompensa a quem o denunciar. Desta vez, não poderá escapar-nos. O que nos espanta é ter cometido esta

imprudência... Deixando Lady Brackenstall viva permitiu que ela nos fizesse a descrição dele e dos filhos.

— Exatamente... é estranho!

— Talvez não se apercebesse de que ela recuperara os sentidos.

— Sim. Se Lady Brackenstall estivesse inconsciente, não precisaria matá-la... Que me conta acerca deste *Sir* Eustace, Hopkins?

— Quando sóbrio, era bom homem, mas, quando se embriagava, embora nunca ficasse completamente ébrio, tornava-se um demônio, sendo capaz de tudo. Apesar do seu título e da sua fortuna, esteve várias vezes quase a arranjar encrenca com a Polícia. Houve escândalo, quando constou ter regado um cão com gasolina para atear-lhe fogo... e o pior é que esse cão pertencia à mulher. Só dificilmente o caso foi abafado. De outra vez, atirou uma jarra à cabeça da Theresa, o que também lhe causou aborrecimentos. Cá para nós, sem ele, o ambiente desta casa fica mais calmo... De que está à procura?

Holmes pusera-se de joelhos, para examinar os nós da corda com que tinham amarrado Lady Brackenstall. Depois, estudou o cordão da campainha, que fora arrancado.

— Quando puxaram o cordão para arrancá-lo a campainha deve ter tocado na cozinha — observou o meu amigo.

— Ninguém conseguiria ouvi-la, pois os criados estavam deitados e a cozinha fica longe dos dormitórios.

— Como poderiam os assaltantes ter a certeza de que ninguém os ouviria? Corriam um grande risco ao puxarem pelo cordão desta maneira, a menos que já conhecessem bem a casa.

— Tem razão, Sr. Holmes. O velho ladrão devia saber que os criados já estavam na cama, àquela hora, e que não ouviriam o alarme. Portanto, conhece os hábitos da casa ou tem um cúmplice entre aqueles. São oito... mas todos eles têm boas referências.

— Poder-se-ia suspeitar da criada Theresa em quem o patrão atirou uma jarra. Mas, se auxiliou os ladrões, também traiu os interesses da patroa, a quem parece tão dedicada — reconheceu Hopkins. — Bem... Agora, esse aspecto tem pouca importância...

— Sim... Logo que você prender Randall, não terá dificuldade em saber a identidade desse cúmplice. *A priori*, a versão da dona da casa

parece estar corroborada.

Holmes foi abrir a janela e observou:

— Aqui, o chão é duro e não distingo quaisquer pegadas... Vejo que as velas que estão sobre a lareira tinham sido acesas.

— Sim, foi à luz delas e daquela que Lady Brackenstall trazia que pôde ver os bandidos, de maneira a descrevê-los.

— Que levaram com eles?

— Pouca coisa. Apenas algumas peças de prata que estavam em cima do aparador. Lady Brackenstall acha que os patifes ficaram tão perturbados com a morte de *Sir* Eustace que não fizeram uma “limpeza” maior.

— É possível... Contudo, apesar de perturbados, ainda se demoraram bebendo vinho.

— Naturalmente, para retemperar os nervos.

— Tem certeza, Hopkins, que ninguém tocou nesses copos?

— Absoluta. E a garrafa também está exatamente como foi encontrada. Quer examiná-la?

— Vamos lá... Olhe, que significa isto?

— O quê? — interessou-se o inspetor.

— Repare nos copos.

Eles achavam-se juntos, todos tintos de vinho, e um deles, continha borra no fundo. A garrafa estava quase cheia, não lhe faltando mais do que um quarto do líquido, e não era de qualidade vulgar. Estava exteriormente empoeirada pelos anos e o vinho apresentava, além daquele depósito, uma cor um tanto ou quanto turva, de borra em suspensão.

A atitude de Holmes modificara-se e a sua anterior expressão, semi-desinteressada, dera lugar a um brilho curioso no olhar. Ergueu a rolha e examinou-a atentamente.

— Sabe como a tiraram? — sondou.

Hopkins apontou para uma gaveta entreaberta onde se viam toalhas e guardanapos e também um grande saca-rolhas de prata.

Porventura, Lady Brackenstall viu-os utilizar esse saca-rolhas?

— Não. Ela estava inconsciente quando os assaltantes abriam a garrafa.

— Exatamente. Este saca-rolhas não foi usado. Utilizaram um saca-

rolhas de bolso, desses que, usualmente, estão acoplados a um canivete. Se examinar a parte superior da rolha, notará que foi picada três vezes, até conseguirem extraí-la... E não foi trespassada, de lado a lado, o que teria sucedido com aquele grande saca-rolhas de prata. Quando você encontrar o ladrão, poderá recuperar o saca-rolhas...

— Pois... será mais uma prova.

— Mas, confesso — continuou Holmes — que estes copos me deixam perplexo. Lady Brackenstall afirmou ter visto os assaltantes bebendo o vinho por eles, não é verdade?

— Declarou-o peremptoriamente.

— Então, nada mais poderemos concluir, a menos que... Não acha que estes copos são extraordinários, Hopkins?

— Nada vejo neles de especial — confessou o inspetor.

— Não me leve a mal, meu amigo, mas quando um homem como eu depara com um problema, tem tendência para procurar uma explicação complexa e, neste caso, parece tudo estar claro para o senhor. Quando prender Randall, ou se tiver outras novidades... não deixe de avisar-me. Espero poder dar-lhe os parabéns por uma feliz conclusão... Venha daí, Watson. Creio que, em casa, poderemos aplicar melhor o nosso tempo...

Na viagem de regresso, percebi que o meu amigo ficara preocupado com algo que observara, embora tentasse atenuar essa impressão, tagarelando, como se o caso estivesse solucionado. Mas logo voltava a ficar pensativo.

A dada altura, quando o trem parou numa estação suburbana, puxou-me do banco e fez-me saltar com ele para o cais.

— Desculpe-me, Watson — justificou-se. — Sinto torná-lo vítima do que talvez mais não seja do que um capricho... mas não posso deixar o caso no ponto em que se encontra. Todos os meus instintos se rebelam contra isso, apesar de o relato da dona da casa ter sido corroborado pela criada e cada pormenor se apresentar como um fato lógico.

Três copos de vinho... Contudo, se eu não tivesse tomado todas as premissas como certas... se tivesse começado a investigação sem ter ouvido aquela história, talvez encontrasse uma teoria mais definida.

Sente-se aqui comigo neste banco, Watson, até que chegue um trem

para Chislehurst. Entretanto, permita-me que lhe relembre os indícios detectados. Mas terá de alhear-se da possibilidade de a versão de Lady Brackenstall ser verdadeira. A encantadora personalidade dessa senhora não deve influenciar o nosso julgamento. Na versão que nos expôs, alguns pormenores quando examinados friamente suscitam as minhas suspeitas. Ora repare. Sabemos que esses ladrões, há quinze dias cometeram um roubo de valor muito considerável, em Sydenham. O caso foi publicado nos jornais, com a descrição do pai e dos filhos. Portanto, se alguém quisesse, agora, forjar uma história de assalto, poderia atribuí-la a esses patifes.

Geralmente, os ladrões que fizeram um assalto frutuoso, preferem gozar em paz as vantagens do roubo, em vez de se arriscar logo a seguir noutra perigosa aventura. Além disso, quando atuam, nunca o fazem tão cedo, mesmo no princípio da noite, para não encontrarem pessoas ainda acordadas. Também, para evitarem que uma mulher grite, não começam a espancá-la, pois essa é a melhor maneira de fazê-la berrar; e, quando então em número suficiente para dominar um homem não têm necessidade de matá-lo porque, sendo presos, uma coisa é a prisão e outra, bem diferente, é a forca; além disso, no presente caso é de estranhar que se tenham ido embora com tão magro espólio, quando tinham muito mais ao seu alcance sem que ninguém pudesse detê-los, visto que a mulher estava amarrada e amordaçada e o homem fora morto; finalmente, ainda mais estranho é que gente daquela espécie, tendo aberto uma garrafa de vinho para bebê-lo, se tivesse contentado sobriamente com um copo cada um. Que me diz a isto, Watson? Não são argumentos de sobra?

— Assim acumulados — reconheci —, são, de fato, consideráveis, embora, cada um dos fatos isoladamente me pareça admissível, de acordo com a versão de Lady Brackenstall... O mais estranho, para mim, é o fato de terem-na amarrado.

— Para que não desse o alarme, antes de estarem suficientemente longe, teriam de amarrá-la ou matá-la. Como agora mesmo mencionei, só se mata quando não há outro recurso. Mas o argumento fundamental da minha teoria de que a versão da bela australiana é falsa, reside nos três copos de vinho.

— Que têm eles de especial?

— Consegue revê-los mentalmente?

— Nada custa.

— Pois bem, acha provável que os assaltantes tenham bebido por eles, tal como ela nos relatou?

— Por que não? Havia resíduo de vinho nos três copos.

— Exatamente, mas só um continha borra; só um quarto de vinho fora bebido; os restantes três quartos achavam-se na garrafa e o “pé” vai sempre para o fundo, por decantação.

— O copo com borra foi o terceiro a ser servido. Ao inclinar-se a garrafa, a borra foi vindo à superfície — alvitrei.

— Essa seria uma explicação, mas torna-se inconcebível que dois copos tivessem recebido vinho inteiramente límpido e, o outro, tanta borra, quando vimos que todo o vinho estava turvo, mesmo em repouso, depois de tantas horas. A outra explicação é terem agitado a garrafa violentamente após terem servido os dois primeiros copos. Mas também não concordo com ela. É ainda incongruente.

— Nesse caso, qual é a sua suposição congruente?

— De que só dois copos foram utilizados e que o resto de vinho que ficou neles foi ulteriormente vertido para o terceiro copo, a fim de dar a impressão de que tinham sido três pessoas a servir-se deles. Dessa maneira, toda a borra ter-se-ia acumulado no terceiro copo. Não lhe parece? Pessoalmente, estou convencido de que foi isso o que sucedeu... e se assim foi, Lady Brackenstall mentiu-nos... e Theresa, também. Se tentaram enganar-nos quanto a esse pormenor, então, devemos duvidar de todo o resto da história que nos impingiram. Conclui-se que têm qualquer motivo para ocultar o verdadeiro criminoso. Portanto, devemos investigar o caso sem nos basearmos nas suas declarações... Olhe, Watson. Aí vem o trem.

O pessoal da velha abadia, remodelada em palacete, mostrou-se admirado com o nosso regresso e Holmes, verificando que Hopkins deixara a casa para ir fazer o seu relatório, apoderou-se da sala de jantar; fechou-a à chave, por dentro e, durante algumas horas, dedicou-se a uma minuciosa investigação, baseada nas suas deduções.

Sentei-me num canto, como um estudante interessado numa demonstração do professor, e acompanhei, a par e passo, as pesquisas do meu amigo.

A janela, o tapete, a cadeira, a corda, cada objeto da sala, tudo foi examinado com o maior cuidado.

O cadáver do baronete já fora removido, mas tudo o mais permanecia nos seus lugares. Em seguida, com espanto, vi Holmes subir para a prateleira superior da lareira. Acima da sua cabeça, pendiam alguns centímetros de corda da campainha, ainda presa ao arame.

Tentando vê-la, mais de perto, apoiou o joelho no rebordo do lambril de carvalho da parede, e isto permitiu-lhe ficar mais perto da ponta da corda. Depois, a sua atenção concentrou-se no próprio rebordo do lambril. Finalmente, desceu, soltando uma exclamação de regozijo.

— Acertei, Watson! Este caso é um dos mais interessantes da nossa coleção! Como fui inepto ao não ter pensado nisto antes. Quase cometi o maior erro da minha carreira. Agora já poucos elos nos faltam para termos a cadeia de fatos completa.

— Já sabe de que homens se trata?

— De um homem, Watson. De um só homem... mas é uma criatura formidável! Forte como um touro, a avaliar como dobrou o aticador. Tem um metro e noventa de altura, é ágil como um esquilo e possui dedos hábeis... E é um sujeito com muito sangue-frio, visto ter sido o criador desta engenhosa história. Sim, Watson, estamos perante um indivíduo extraordinário.

— Como deduz tudo isso?

— Pela corda. Constitui uma pista indubitável.

— Que pista? — admirei-me.

— Se você tivesse de puxar aquela corda, Watson, onde pensaria que ela viesse a rebentar? Obviamente, no ponto de maior desgaste, pela fricção, ou seja, pelo arame. Portanto, nada justifica que se tenha quebrado um plano mais abaixo, como este que aqui vê.

— Estaria aí mais gasta?

— Simuladamente gasta, mas foi cortada com uma lâmina de faca ou canivete. Ele teve a inteligência de esfiapar um pouco a extremidade da corda que se encontra nos pés da cadeira, mas não pôde fazê-lo à extremidade que está a um palmo do teto. Aqui de baixo, seria impossível notar esse pormenor; só subindo à lareira pude verificá-lo.

Agora, já podemos reconstituir os fatos. O homem precisava da corda,

mas não se atreveu a arrancá-la por meio de um puxão, para não tocar à campainha. Então, que fez? Subiu à lareira e, para alcançar a corda, o mais alto que pôde, teve de apoiar o joelho no rebordo do lambril, como você pode verificar pela marca na poeira. Então, cortou a corda com a lâmina. Ora eu, mesmo esticando o braço, não consigo chegar ao ponto do corte. Faltam-me quase dez centímetros, de maneira que calculo que ele seja, pelo menos, mais alto do que eu esses dez centímetros.

Aproximou-se da cadeira e apontou:

— Veja bem esta mancha, mesmo aqui. Que lhe parece?

— Sangue.

— Claro que é sangue. Só isto prova que a dona da casa nos mentiu. Se estava sentada na cadeira, quando o marido foi assassinado, como pôde aparecer neste lugar uma mancha de sangue recente? Não. Lady Brackenstall só foi amarrada à cadeira após o assassinato do marido.

A própria criada Theresa se referiu a ter visto manchas de sangue no vestido da sua querida patroa. Lembra-se? Portanto, há sangue nesse vestido preto. Este nosso caso não vai ser um Waterloo, mas a nossa batalha de Marengo, pois começa com uma aparente derrota, para terminar com a vitória. Tenho de interrogar essa criada, porém usando da maior cautela, para se obter a informação conveniente.

Aquela australiana de ar severo, taciturna, desconfiada e nada amável, era uma mulher com indiscutível interesse. Mesmo com a maior gentileza e aceitando tudo quanto ela lhe disse, Holmes levou bastante tempo para conseguir que o temperamento da velha degelasse, acabando por exteriorizar o ódio que nutrira pelo seu antigo patrão.

— Sim, senhor, é verdade que me atirou uma jarra, mas poderia agredir-me com uma dúzia delas que eu não me importaria, desde que ele deixasse a “minha menina” em paz. O patrão estava sempre a maltratá-la e ela era demasiado orgulhosa para queixar-se; nem sequer me falou das picadas que ele lhe fez, com um alfinete... com uma dessas pregadeiras de chapéu. O miserável! Deus me perdoe por falar assim... agora que está morto... mas nunca vi demônio igual. Comportava-se como um tarado... e bêbado, ainda por cima!

Quando o conhecemos, há dezoito meses apenas, todo ele era mel, mas, depois, parecia que já tinham passado dezoito anos! A menina

acabara de chegar da Austrália e *Sir* Eustace conquistou-a com o seu título de baronete, com o seu dinheiro e com as suas falsas maneiras londrinas. Se a “menina” cometeu o erro de deixar-se engodar daquela maneira, pagou-o bem caro.

Chegamos em junho e a “menina” conheceu-o em julho, para casar-se com essa fera em janeiro... Sim... ela está agora na saleta e creio que o receberá, mas o senhor não deve apoquentá-la, pois tem sofrido imensamente.

Fomos encontrar Lady Brackenstall reclinada no mesmo divã, mas parecia mais animada. Theresa entrou atrás de nós e recomeçou a pôr-lhe compressas na testa.

— Espero que não venha interrogar-me de novo — suspirou Lady Brackenstall, ao ver-nos entrar. — Queiram sentar-se.

— Não quero incomodá-la, Milady — disse Holmes, na sua voz mais suave. — O meu desejo é simplificar-lhe a situação em que se encontra, pois estou convencido de que sofreu muito. Se quiser confiar em mim, não se arrependerá.

— Que pretende que eu faça?

— Que me conte a verdade.

— Sr. Holmes! — exclamou a australiana, indignada.

— Não adianta, Milady, persistir na versão que nos apresentou. Talvez já conheça a minha reputação e pode crer que a arrisco contra o fato de a sua história não passar de pura invenção.

— O senhor está sendo impertinente! — interveio Theresa. — Está acusando a minha patroa de ter-lhe mentido?

Holmes ergueu-se e inquiriu:

— Nada tem a dizer-me, Lady Brackenstall?

— Já lhe disse tudo.

— Peço-lhe que reconsidere. Aconselho-a a ser franca comigo.

Por um instante, o belo rosto da jovem manifestou hesitação. Depois, transformou-se numa máscara.

— Conte-lhe tudo o que sabia.

Holmes pegou o chapéu e encolheu os ombros, despedindo-se:

— Sinto muito, Milady.

E sem mais palavras, saiu da sala.

Havia um lago artificial, no meio do jardim, tendo, ao centro, um espaço ainda não gelado, onde um cisne solitário ainda poderia mover-se. Holmes, depois de olhar para lá, dirigiu-se ao portão da entrada onde escreveu um bilhete que entregou ao porteiro. Depois, elucidou-me:

— Acabo de escrever ao nosso amigo Hopkins. Não sei se estou no caminho certo, ou se laboro num erro, mas é meu dever fazer alguma coisa pelo inspetor, já que foi ele quem nos procurou. Justifico esta minha segunda visita, na sua ausência... mas não estou ainda em posição de alargar-me em confidências quanto à minha teoria acerca do que aconteceu nesta casa.

O nosso próximo alvo será o escritório da agência de navegação da linha “Adelaide-Southampton” que, se não me engano, fica ao fundo da Pall Mall. Há outra linha de navegação que liga a Austrália à Inglaterra, mas convém começarmos por esta que é a mais importante.

O cartão que Holmes mandou entregar ao gerente fez com que fôssemos atendidos imediatamente e não tardou a obter a informação que desejava.

Em junho de 1895, só um navio daquela linha aportara na Inglaterra. Fora o “Rock of Gibraltar”, o maior e melhor pacote da companhia. A lista de passageiros revelou-nos que a Srta. Mary Fraser, proveniente de Adelaide, viajara com a criada Theresa Wright. A atual tripulação era a mesma do ano anterior, excetuando o imediato, Sr. Jack Croker, que fora promovido a capitão e assumira o comando de outro navio, o “Bass Rock”. Este pacote partiria de Southampton dentro de dois dias. Morava em Sydenham, mas talvez se encontrasse momentaneamente em Londres para receber instruções e preparar a largada.

Holmes declarou não desejar falar-lhe pessoalmente, embora desejasse saber alguma coisa acerca do caráter e da carreira do recém-promovido capitão.

A sua folha de cadastro era magnífica, podendo dizer-se não haver, na marinha mercante, outro oficial que se lhe comparasse, quanto aos seus méritos em serviço; contudo, fora do seu posto, quando desembarcado, acontecera ter-se manifestado excitável e, por vezes, violento. Mas era um homem extremamente honesto e de bom coração.

Depois de ter obtido estas informações na companhia de navegação, Holmes dirigiu-se à Scotland Yard. Mas, após uma hesitação, em vez de entrar mandou o carro seguir para a estação de correios de Charing Cross, de onde expediu um telegrama. Finalmente fomos para a Baker Street.

— Não tive coragem para fazê-lo, Watson. Se a polícia emitisse um mandado de prisão, o homem não teria possibilidade alguma de escapar. Já me aconteceu, por uma ou duas vezes na minha carreira, ter considerado que o mal que fiz ao apontar um criminoso foi pior do que o crime que ele praticara. Isso ensinou-me a acautelar-me e prefiro iludir a lei inglesa a ferir a minha consciência. Antes de agirmos, precisamos obter ainda algumas informações.

Ao anoitecer, recebemos a visita do inspetor Hopkins que não se mostrava animado.

— Às vezes, Sr. Holmes, creio que o senhor é feiticeiro, com dons sobrenaturais. Como diabo descobriu que as pratas roubadas estavam no fundo do lago artificial?

— Saber, não sabia...

— Mas telegrafou-me, aconselhando-me a verificar...

— Portanto, encontrou-as?

— Sim.

— Sinto-me satisfeito por tê-lo ajudado.

— Pelo contrário. Essa descoberta ainda tornou o caso mais complexo. Que raio de assaltantes são estes que atiram o produto do roubo para o centro do lago gelado?

— Concordo em que se trataria de um fenômeno bastante excêntrico, se não admitíssemos a hipótese de as pratas terem sido aparentemente furtadas, apenas para despistar o investigador do homicídio.

— Mas como se lembrou de tal coisa? — espantou-se Hopkins.

— Achei possível que ao criminoso ocorresse a mesma idéia que tive, ao ver o centro do pequeno lago ainda não gelado. Seria um ótimo esconderijo temporário.

— Ah! Refere-se a um esconderijo temporário! Agora compreendo. Àquela hora da noite, ainda andava gente nas ruas da vila e os ladrões

tiveram medo de serem vistos com as pratas. Atiraram-nas para o lago, com intuito de voltarem a recuperá-las noutro momento. Essa explicação, Sr. Holmes, é melhor do que aquela sua teoria da pista falsa.

— Reconheço que, por vezes, as minhas teorias parecem fantásticas... mas a verdade é que o ajudei a encontrar as pratas.

— Sim... mas sofri um contratempo...

— Que sucedeu?

— O bando dos Randall foi preso... mas em Nova York. Recebemos essa notícia hoje de manhã!

— Oh, Diabo! Isso destrói a sua teoria de que cometeram um assassinato no Condado de Kent, na noite passada!

— Sim, Sr. Holmes. Só me resta pensar noutra quadrilha qualquer... talvez até uma recentemente organizada que a polícia ainda não conhece.

— Sim, é possível... O quê? Já se vai embora?

— Que remédio. Não descansarei enquanto não concluir este caso. Não terá, Sr. Holmes, qualquer sugestão...?

— Acabei de apresentar-lhe.

— Qual?

— A da pista falsa.

— Ora, Sr. Holmes! Francamente!

— Evidentemente, “ser ou não ser, eis a questão”. Contudo a minha sugestão é essa e talvez se aperceba de que tem um certo fundamento. Quer jantar conosco, Hopkins?... Então, até a vista e não deixe de dar-me notícias das suas diligências e resultados.

Só depois do jantar, Holmes voltou a aludir ao caso. Acendeu o cachimbo, estendeu os pés para o lume da lareira e, subitamente, olhou para o relógio, anunciando:

— Estou à espera de novidades, Watson.

— Quando?

— Dentro de alguns instantes. Provavelmente você acha que, há momentos, procedi mal para com Hopkins?

— Bem... confio sempre em você.

— É uma resposta sensata, Watson. Pode encarar a questão desta maneira: o que sei não é oficial, pelo que posso agir à minha maneira; contudo, Hopkins teria de revelar à polícia tudo quanto viesse a saber. Admitindo que eu ainda não tenha uma certeza absoluta, não devo envolver Hopkins em complicações. Portanto, reservo a minha informação, até confirmá-la.

— Quando poderá ter essa certeza?

— Agora mesmo. Vai presenciar a última cena de um drama extraordinário... Vem aí alguém subindo a escada.

Quando a porta se abriu, surgiu um homem extremamente atraente: ainda novo, muito alto, de bigode louro, olhos azuis, pele bronzada pelo sol dos trópicos e um andar que indicava ser tão ágil como forte. Fechou a porta e encarou-nos, de mãos contraídas e peito ofegante, parecendo profundamente emocionado. Holmes convidou:

— Sente-se, Capitão Croker. Vejo que recebeu o meu telegrama.

O nosso visitante instalou-se numa poltrona, olhando-nos interrogativamente. Depois, confirmou:

— Recebi, sim, e compareci à hora que o senhor marcou. Soube que tinha estado na companhia de navegação. Por conseguinte, não podendo escapar-lhe, estou pronto para o pior. Que tenciona fazer de mim? Prender-me? Fale, em vez de ficar aí sentado, brincando de gato e rato.

— Fume um charuto — ofereceu Holmes — e não se deixe dominar pelos nervos. Eu não estaria aqui fumando placidamente, Capitão Croker, se o considerasse um criminoso vulgar. Pode estar certo disso. Se for franco comigo, talvez consigamos resolver o seu caso. Porém, se tentar enganar-me, também pode estar certo de que o entrego à justiça.

— Que pretende que eu faça?

— Que me conte, pormenorizadamente, o que sucedeu na Abbey Grange, na noite passada. Apenas quero ouvir a história verdadeira, sem acréscimos, nem omissões de espécie alguma. Sei tanto desse caso que, se o senhor se desviar da verdade, um só dedo que seja, bastará ir à janela e tocar este apito, para que a polícia o detenha.

Após uns segundos de reflexão, Croker bateu na porta, com a grande mão tisonhada do sol, e decidiu:

— Arrisco-me. Acredito que o senhor seja um homem de palavra

honrada e vou contar-lhe o que, na realidade, sucedeu. Mas quero começar por afirmar-lhe que não estou arrependido do que fiz e não temo o que possa vir a acontecer-me. Aquele homem era uma fera. Contudo, cumpre-me defender a reputação de Mary Fraser... pois nunca a tratarei pelo apelido do maldito marido. Daria a vida só para vê-la sorrir e desespera-me a idéia de que possa vir a ser prejudicada por minha causa... No entanto, que poderia eu ter feito, naquelas circunstâncias? Vou descrevê-las e, depois, de homem para homem, os senhores dirão se eu poderia ter procedido de outra forma.

Conheci a Srta. Mary quando era imediato a bordo do “Rock of Gibraltar”, e apaixonei-me por ela, à primeira vista. Foi imensamente leal para comigo, pois fez-me compreender que só poderia corresponder ao meu amor com simples amizade. Quando nos despedimos, no momento do desembarque, Mary era uma mulher livre... embora eu nunca mais voltasse a ser um homem livre...

Quando regressei da minha última viagem, vim a saber que ela tinha se casado e ninguém, mais justamente, mereceria usar um título e beneficiar-se de uma fortuna. Nasceu para possuir coisas belas... e caras. Não sou egoísta, ao ponto de ter lamentado o casamento de Mary... desde que fosse feliz. Compreendi que uma mulher como ela não podia desperdiçar a sua vida, ligando-se a um marinheiro sem vintém.

Julguei nunca mais tornar a vê-la, mas ao ser promovido a capitão, tive de esperar dois meses em Sydenham, pela chegada do meu navio. Foi então que, acidentalmente, encontrei Theresa... a velha criada de Mary. Esta contou-me tudo quanto se passava entre Mary e aquele tarado. Fiquei desesperado e, depois disso, aconteceu encontrar-me várias vezes com Mary, até que ela, receando o marido, decidiu ser preferível pôr um fim às nossas entrevistas... e resignei-me.

Contudo, há poucos dias, ao receber a comunicação de que o meu navio ia partir para nova viagem, senti a tentação de tornar a vê-la. Theresa, extremamente afeiçoada a Mary e detestando o maldito baronete, sempre se mostrou minha amiga. Pelas nossas conversas, eu ficara a par da estrutura da antiga abadia, transformada em palacete, assim como dos hábitos do pessoal da casa. Portanto, sabia que Mary costumava permanecer na saleta do piso térreo, lendo, até bastante tarde.

Ontem à noite fui lá e bati levemente à janela. A princípio, Mary

recusou-se a abri-la, mas a verdade é que, no fundo, também ela me amava e não quis deixar-me gelando, ao relento. Abriu-me a porta principal e entrei para a sala de jantar. O que me contou acerca do marido ainda mais me indignou. Nesse instante, o patife irrompeu pela sala, insultou-a com o nome mais baixo que um homem pode dar a uma mulher e agrediu-a violentamente com a bengala, no rosto. Fiquei como louco. Quando o vi avançar para mim, pronto a espancar-me, peguei no atizador e, depois de ele ter-me golpeado o braço, à bengalada... Vejam aqui, as marcas, pois tive de proteger a cabeça...

O capitão Croker arregaçou a manga, exibindo duas fortes contusões, e continuou:

— Bem... confesso que me enraiveci e vibrei-lhe um golpe com o atizador, como se ele fosse um verme. Não estou arrependido, porque naquele momento não só eram as nossas vidas que estavam em jogo, mas também a de Mary. Eu não podia deixá-la nas mãos daquele louco. Que teriam os senhores feito, se estivessem no meu lugar?

Como Mary, ao ser atingida no rosto, gritara de dor, Theresa descera as escadas para acorrer em seu auxílio. Vi uma garrafa de vinho velho, em cima do aparador, abri-a com o saca-rolhas do meu canivete e fiz com que Mary ingerisse uns goles, pois estava mais morta do que viva. Também me servi de um copo, enquanto pensava como resolver a situação.

Theresa conservara todo o sangue-frio e o plano que urdimos foi tanto dela como meu. Tínhamos de dar a impressão de que a casa fora assaltada por ladrões. Enquanto subi à lareira, para arrancar o cordão da campainha, Theresa repetia a nossa combinação com Mary. Depois, amarrei esta à cadeira, desfiando a ponta do cordão, para dar a impressão de que fora arrancado com um puxão. Finalmente, peguei em algumas peças de prata, para reforçar a idéia de roubo, e fui atirá-las para o centro do lago, onde a água ainda não gelara. Recomendéi que dessem o alarme um quarto de hora depois de eu ter partido, e regressei a Sydenham, convicto de que, pelo menos uma vez na vida, cometera uma ação justa. Esta é a verdade, Sr. Holmes... mesmo que tenha de sofrer a força.

Durante algum tempo, o meu amigo fumou em silêncio. Depois atravessou a sala e apertou a mão do capitão Croker, proferindo:

— Estou certo de que não mentiu, visto que eu próprio já sabia a

verdade. Só um acrobata ou um marinheiro poderia ter alcançado a corda, no ponto em que foi cortada, apoiando-se apenas no rebordo do lambril; e só um marinheiro teria sabido fazer aquela espécie de nós no cordão que encontrei nos pés da cadeira. Partindo do princípio que Lady Brackenstall tinha motivos para proteger o intruso daquela noite, lembrei-me de que, presumivelmente, só estivera em contato com marinheiros, durante a viagem da Austrália para a Inglaterra. Por outro lado, deduzi que esse marinheiro deveria ser da sua classe social e cultural. Uma mulher só quando ama arrisca a própria vida, como cúmplice num caso de homicídio.

— Pensei que a polícia nunca viria a descobrir a nossa encenação...

— Não descobriu e, segundo creio, nunca descobrirá. Estou convencido, Capitão, de que o senhor agiu movido por uma violenta provocação. Contudo, não sei se, mesmo alegando legítima defesa, conseguiria ser absolvido. Portanto, compreendo o seu caso, prometo-lhe que, se desaparecer dentro de vinte e quatro horas, ninguém o impedirá.

— E depois... tudo virá a público?

— Evidentemente.

Croker ficou rubro de cólera.

— Como quer que aceite essa concessão? Mary não deixará de ser acusada de cumplicidade na morte do marido! Acha que sou homem para abandoná-la, deixando-a correr o risco de ser condenada à forca? Não, Sr. Holmes! Prefiro ser preso e condenado, mas, pelo amor de Deus, arranje maneira de livrar Mary deste drama.

Pela segunda vez, Holmes estendeu-lhe a mão, declarando:

— Estava a pô-lo à prova, Capitão, e as suas palavras pareceram sinceras. A responsabilidade que tomo é muito grave, mas, em consciência, tenho a desculpa de ter feito uma sugestão correta ao inspetor Hopkins. Se ele não compreendeu a alusão e não a aproveitar, a culpa não é minha.

Escute, Capitão Croker. Seguindo o exemplo da Lei, constituamos aqui um tribunal em que o senhor é o réu... e você, meu caro Watson, é o júri britânico, pois não há ninguém mais apto para representá-lo. Eu sou o juiz. Agora, senhores Jurados, conhecendo o processo, consideram

o Réu culpado ou inocente?

— Inocente, senhor Doutor Juiz! — proferi, gravemente.

— *Vox populi, vox Dei!* Está resolvido, Capitão Croker – sentenciou Holmes. — Enquanto a Lei não encontrar outra vítima, o senhor poderá ficar tranqüilo. Venha buscar a sua dama, dentro de um ano; e espero que o futuro de ambos justifique a decisão que hoje aqui pronunciamos.